

CLIMÉRIO JÁ CONTOU TUDO


SUPER MERCADO DO
SAPS
TUDO PARA SUA DESPENSA
RUA ELPÍDIO BOAMORTE - PRAÇA DA BANDEIRA

REVISTA DA SEMANA

ANO 54º — Nº 35 RIO DE JANEIRO 28/8/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Climério vai contar tudo ... 4/ 7
Uma cartomante previra a tragédia ... 8/ 9
Dior vai a nocaute ... 11/15
Vinte e cinco anos de Getúlio ... 21/24
Vieira de Melo vira a Europa pelos ares ... 46/47
Teatro Brasileiro de Comédia ... 52/53
Mais festa que literatura no Congresso de Escritores ... 54/55

ROMANCE

Maria ... 30/31

HUMORISMO

O riso dos outros ... 28/29
Cuco ... 59

SEÇÕES PERMANENTES

Rádio-Opinião ... 10
Cinema ... 16
Semana Astrológica ... 18
Palavras Cruzadas ... 18
Página dezenove ... 19
Show ... 25
Plantão Noturno ... 26/27
Femininas ... 32/35
Música ... 36
Literatura ... 45
Flash Carioca ... 50
Champanhota ... 51
A semana acabou assim ... 57
Último Flash ... 58

CAPA
CACILDA BECKER
(«Estrêla» do T.B.C.)

Redator-chefe ... Joel Silveira
Paginação ... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor ... Gratuliano Brito
Desenho ... Alberto Lima
Assistente de Publicidade ... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores ... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 4 JUAREZ TÁVORA: Falou forte e bem.

PÁG. 11 "MISS SUÉTER": Argumento contra Dior

O Brasil continua inquieto. E a nossa revista vai ter mais páginas

● **Prezado leitor:**

Apesar da prioridade que, como não podia deixar de ser, vimos dando aos graves acontecimentos que estão sacudindo o país, continuamos a nos esforçar no sentido de apresentar uma visão semanal, completa e objetiva, do Brasil e do mundo. Veja o leitor êste número de sua revista: é êle eclético e variado.

E uma notícia: a partir do dia 1º de setembro próximo, teremos mais oito páginas — acréscimo que ainda não pôde ser feito em vista de o nosso papel continuar enchendo o porão dos navios que aí estão, no meio da Guanabara à espera de vaga no Cais do Pôrto.

A redação.





PÁG. 20 GETÚLIO VARGAS: Foi tudo em 25 anos.

PÁG. 54 ESCRITORES: A literatura tomou um pifão.



CLIMÉRIO EURIBES DE ALMEIDA: Em suas mãos a sorte de muita gente importante.



JOÃO VALENTE DE SOUSA: Sua confissão comprometeu sèriamente o «tenente» Gregório.

CADA VEZ MAIS COMPLICADA A GUARDA DE GETÚLIO

CLIMÉRIO

E João Valente Sousa, interrogado no Aeroporto do Galeão, deixou claro que o «tenente» Gregório é que sugeriu e facilitou a fuga do «compadre». ★ Promete sensacionais surprêsas o inquérito severamente conduzido pelos oficiais da Aeronáutica.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

Fotos de ALBERTO FERREIRA, ERNESTO SANTOS e "TRIBUNA DA IMPRENSA"

NO dia 14 de agôsto, com a presença de centenas de oficiais de tôdas as Fôrças Armadas, realizou-se a Assembléia do Clube Militar, convocada para discutir o caso do assassinato do major-aviador Rubens Vaz, morto na madrugada de 5 por elementos da guarda pessoal do presidente da República, como conseqüência principal do atentado contra a vida do jornalista Carlos Lacerda. Foi a mais concorrida e a mais sensacional entre quantas no gênero já se realizaram no Clube. Discursou inicialmente o general Canrobert Pereira da Costa, que pediu um minuto de silêncio em homenagem ao major-aviador desaparecido. Com êste minuto de silêncio, iniciava-se o mais dramático dos períodos post-atentado: aquêle em que se iria assistir a formal condenação dos métodos governamentais e conseqüente caça aos elementos implicados no crime.

O ponto alto da reunião foi o discurso do general Juarez Távora, que afirmou: «Há necessidade de que nós nos mantenhamos unidos, porque só unidos resistiremos ao turbilhão de desmandos e desordem que se aproxima». A reunião terminou em apoteose, com o Hino Nacional cantado em voz alta por todos os presentes.

LUTERO SE APRESENTA

No dia seguinte a esta reunião, Carlos Lacerda declarava pelo microfone de uma das nossas emissoras que os oficiais da Aeronáutica acabavam de prender o homem que havia atingido mortalmente ao major Rubens Vaz. Era êle Alcino Pinto Nunes, tido então como membro da guarda pessoal do presidente Vargas. O criminoso havia sido conduzido incomunicável para a base aérea do Galeão, onde corria o inquérito sob a presidência do coronel João Adil de Oliveira. Logo após esta notícia, o sr. Lutero Vargas apresentava-se à Polícia, abrindo mão de suas imunidades parlamentares. Após o inquérito, ficou-se sabendo que o agente de ligação da trama fôra João de Sousa Valente, subchefe da guarda pessoal de Vargas. Fôra êle quem procurara Soares, pistoleiro e fabricante de dinheiro falso, para avisar-lhe que fugisse, pois as coisas estavam se complicando. Evidenciava-se assim a ligação direta entre o Catete e o crime. E a certeza se arraigou ainda mais no espírito de todos que, caso fôsse prêso, Climério, o acusado número um, acabaria contando tudo.

CONFISSAO DE VALENTE

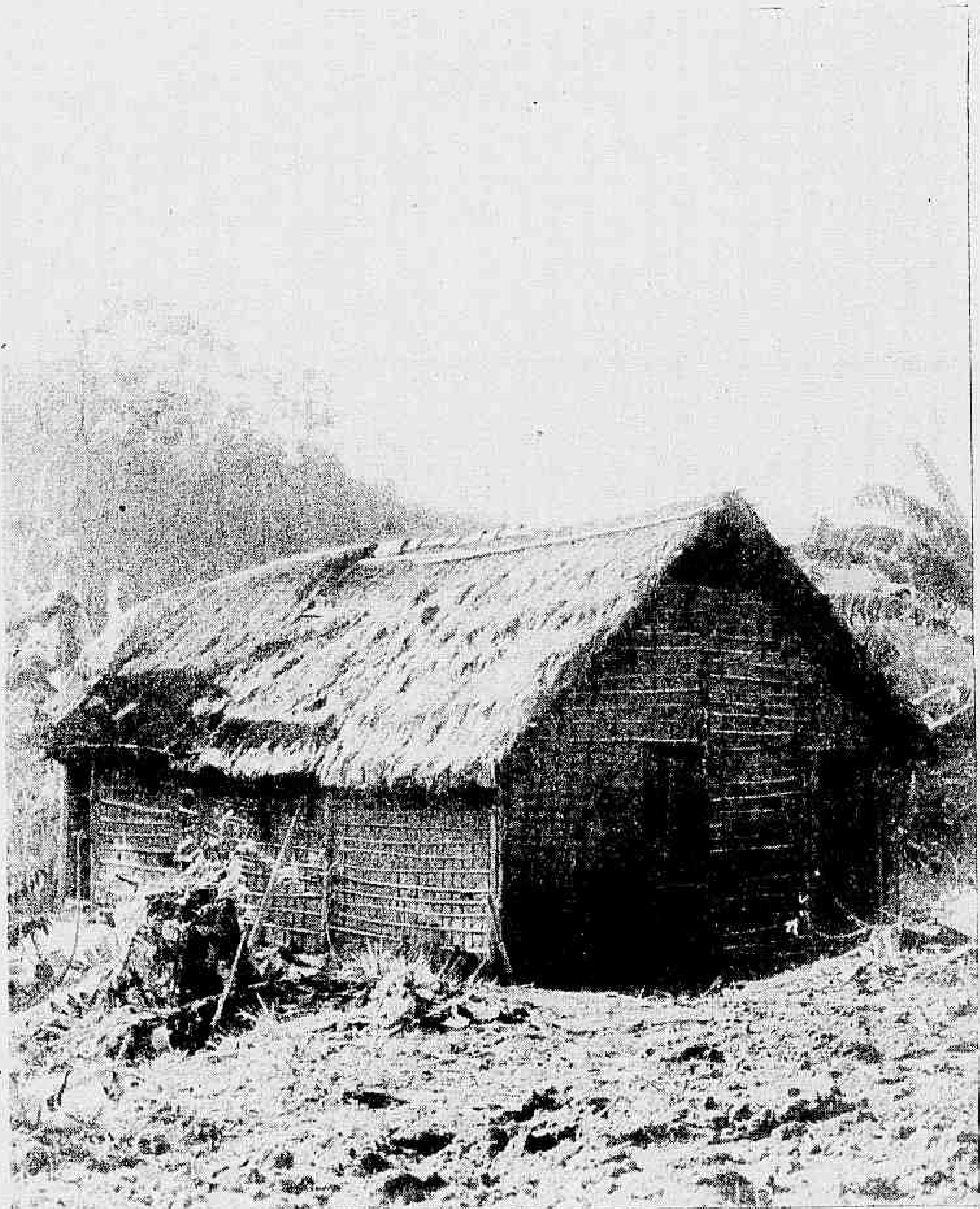
Não tardava muito e Valente também caía em mãos dos bravos oficiais da Aeronáutica, que realizavam a mais sensacional das diligências policiais em nosso país. Conduzido à presença das autoridades, não hesitou êle em apontar Gregório Fortunato, o anjo negro do sr. Getúlio Vargas, como diretamente ligado

Dia e noite, durante uma semana inteira, Climério foi

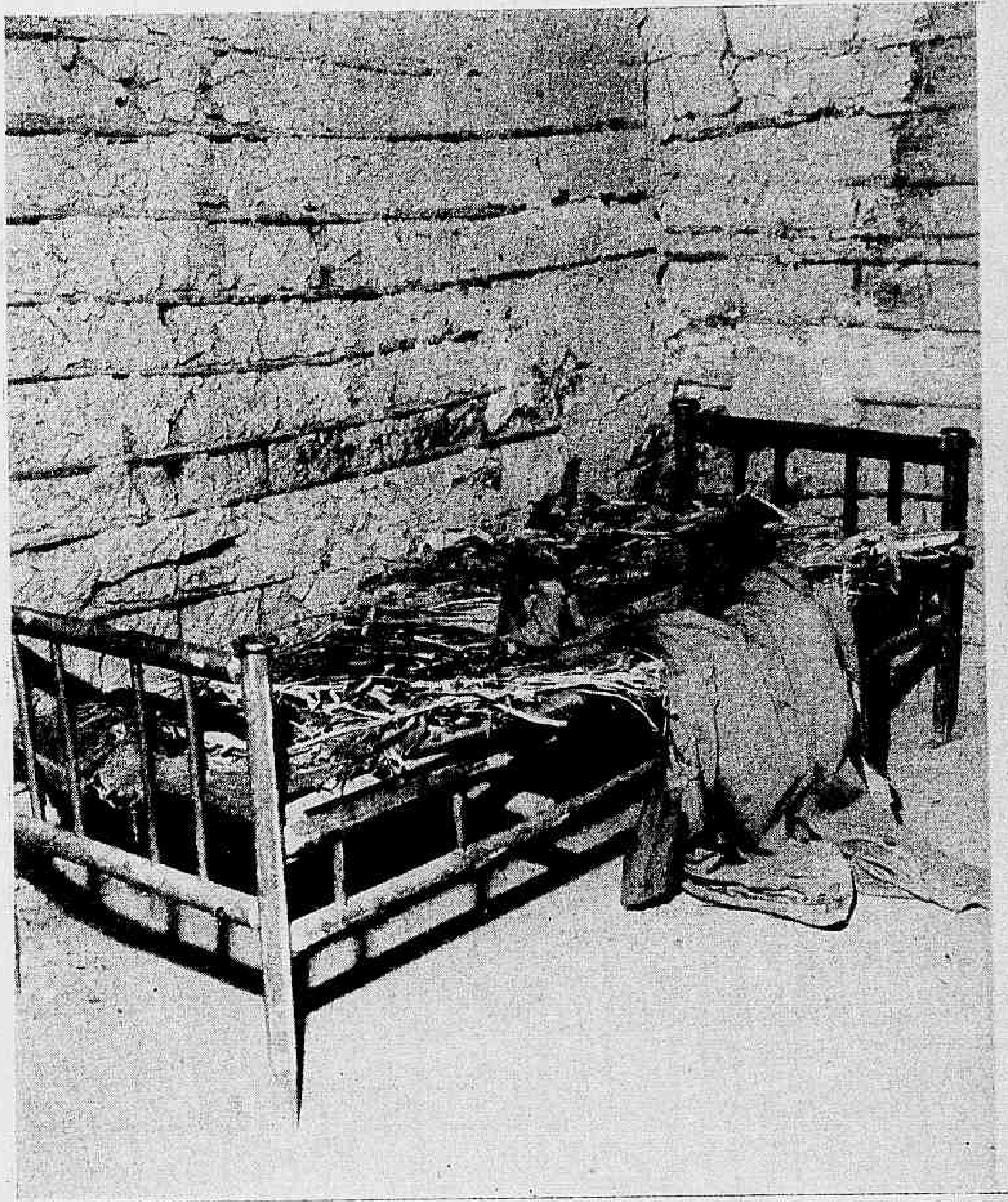




ESTÁ CONTANDO TUDO



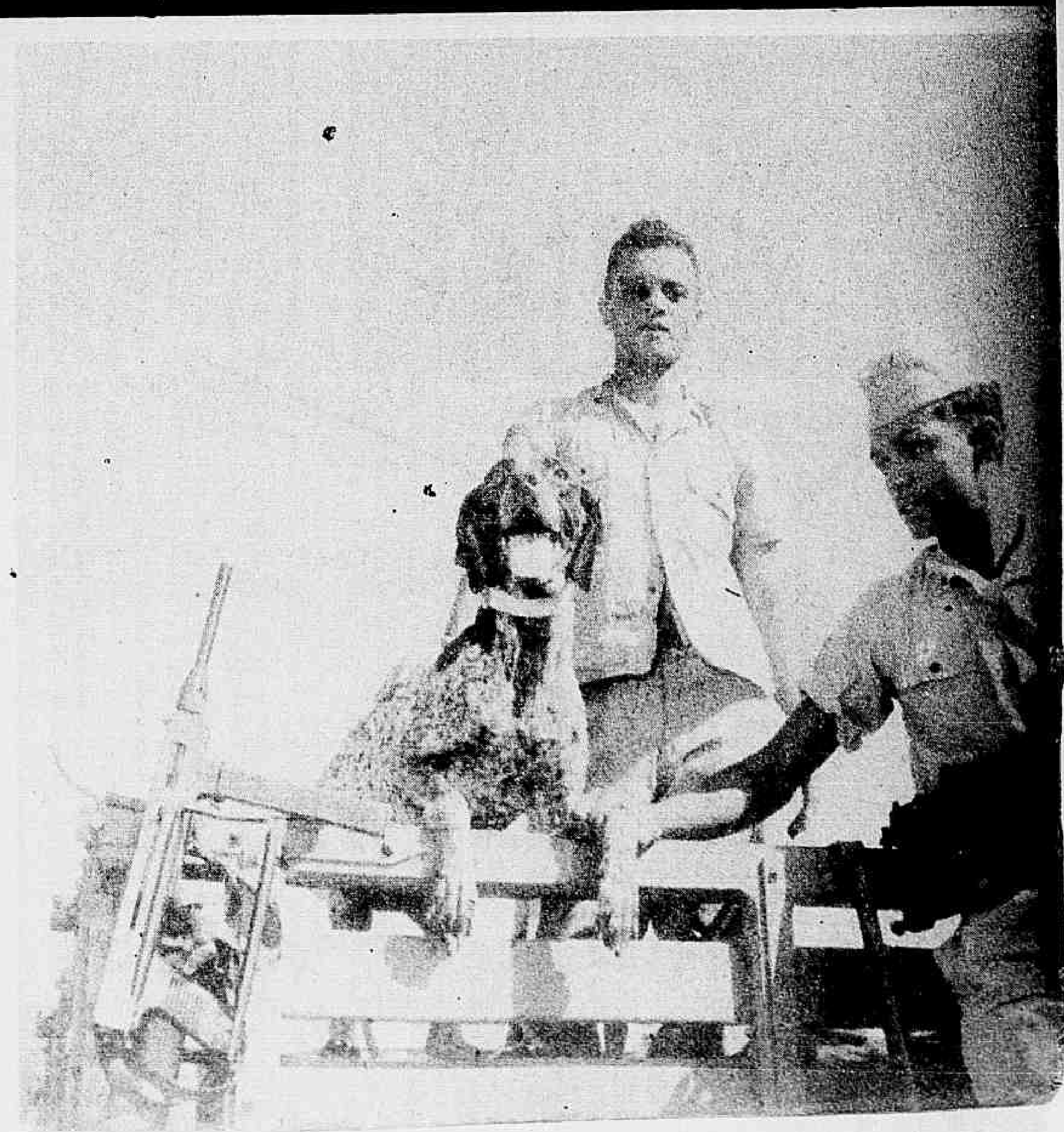
A cabana, em meio ao bananal fluminense, onde Climério foi localizado. Tentando escapar ao cêrco, fugiu para o mato. Debalde.



Neste leito imundo e nu, Climério passou várias noites insones, faminto e tiritando de frio. Era um trapo humano quando se rendeu.

caçado como uma fera. Rendeu-se, trêmulo e apavorado.





A última gargalhada de Getúlio já é











O instantâneo acima, do nosso companheiro Adalberto Mendes, foi feito em Belo Horizonte, no dia 12 último, quando da inauguração das Usinas Mannesmann. A crise parecia superada, e Getúlio, eufórico, gargalha aliviado.

à morte do major Vaz. As revelações de Valente, sempre num crescendo sensacional, revelam que Gregório não só se mostrou sèriamente preocupado com o fato de Climério estar citado como um dos executantes do crime, como determinou que lhe fôssem entregues 50 mil cruzeiros para financiar-lhe a fuga. Quem recebera essa quantia fôra Antônio Soares. Apertava-se assim o elo fundamental que acorrentaria o Catete ao seu próprio destino — e os olhos da Nação, ansiosos, dirigiam-se para Climério, cada vez mais a chave de tudo.

LUTERO E GREGÓRIO

Enquanto o sr. Lutero Vargas tudo fazia para assumir ares inocentes aos olhos do público, atolava-se o

JUAREZ: Sua eloqüência sincera e viril salvou as Fôrças Armadas de uma perigosa cizânia.

ex-tenente Gregório num mar de suspeitas. Não tardou muito e sua presença também foi requisitada pelos oficiais da Aeronáutica. Com a prisão de Gregório, desmontava-se o pilar central do escandaloso edifício construído pela guarda pessoal de Getúlio. Pela primeira vez em nossa História, assistimos a essa coisa estarrecente: o palácio do Catete varrido por elementos policiais como qualquer residência comum, inspecionado até seus mínimos detalhes. Tôda uma volumosa correspondência entre gente importante e Gregório, foi apreendida. Os documentos foram encaminhados à base do Galeão, e o anjo negro do presidente, num desabafo patético, exclamou: «Nunca pensei que o dr. Getúlio me deixasse passar por isto».

PRISÃO DE CLIMÉRIO

Finalmente, desenvolveu-se a mais espetacular das caçadas humanas: a prisão de Climério, localizado

velha de uma semana: foi em Belo Horizonte, no dia 12 último.



Durante anos inteiros, Gregório Fortunato foi a sombra fiel e diligente de Vargas. Dia e noite, o ex-peão gaúcho velou o sono e as andanças do Chefe. Agora a sombra é quase um réu comprometido e enleiado em acontecimentos que selarão a sua sorte.

num bananal do Estado do Rio. Para a captura dêste homem, foram empregadas tôdas as armas do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Usaram-se helicópteros, cães policiais, tanques, «jeeps», metralhadoras e armas de tôdas as espécies. 26 viaturas de tipos diferentes deslocaram-se para as estradas poeirentas da esburacada Amaral Peixoto.

Climério foi prêso tiritando de frio, em pleno mato, após ter comido uma lata de sardinhas. Não ofereceu resistência, e parecia sèriamente deprimido. Conduzido à base do Galeão, ao deparar com Gregório, bradou: «Estou perdido».

Note-se que nos seus bolsos foram encontrados os cinqüenta mil cruzeiros que Gregório lhe passara por intermédio de Soares. Dinheiro idêntico, com série e numeração subseqüente, foi achado no Catete, onde vivia Gregório.

CLIMÉRIO DA O SERVIÇO

A esta altura, Climério já contou tudo, e, possìvelmente, revelou coisas fundamentais. Isolado em seu palácio, não sabemos o que pensa o sr. Getúlio Vargas. Terá se amortecido sua sêde de poder? Meditará sôbre a triste situação a que chegou seu govêrno? De qualquer modo vive momentos decisivos, e com êle, estritamente ligado ao seu destino, vive também o Brasil instantes cruciais.



LUTERO VARGAS numa foto rara, ostentando a farda de oficial da FAB. Foi em 1944, quando êle servia no «front» italiano como médico do Grupo de Caça brasileiro.

Sexta-feira, 13 de Agôsto, data fatídica para Pernambuco

RECIFE — agôsto de 54. — Dia 13 do corrente, a população do Recife amanheceu dominada por uma expectativa geral em tôrno dos acontecimentos políticos que se vêm sucedendo — após o atentado sofrido pelo jornalista Carlos Lacerda, ocasião em que perdeu a vida o major Rubens Florentino Vaz. De ordem do general Caiado de Castro, a polícia pernambucana prendera, na noite precedente, o investigador José Pereira da Costa, vulgo «Pereirão», membro da extinta guarda pessoal do presidente da República e cujo nome fôra citado em recente depoimento prestado pelo tenente Gregório, na Polícia Militar do Rio de Janeiro, a respeito da lastimável ocorrência da rua Toneleros. Mal essa notícia agitava a curiosidade pública, um doloroso acontecimento veio inesperadamente sacudir profundamente a população do Estado e abrir caminhos para uma grande repercussão em todo o país.

A PREVISÃO DA CARTOMANTE

Mera coincidência ou previsão impressionante, o fato é que um matutino da imprensa recifense publicava no mesmo dia uma entrevista de conhecida cartomante local, em que a **profetisa** afirmou que naquela sexta-feira, 13 de agôsto, algo de muito sensacional



Posição em que tombou o capitalista pernambucano Armindo C. Moura, que pôs têrmo à sua existência com um tiro de revólver no ouvido direito.

ternação gerais. Grande multidão postou-se em frente ao Hotel Guararapes, tornando-se imediatamente necessária a presença da polícia, tendo o delegado Paulo do Couto Malta tomado as devidas providências.

REMOÇÃO DO CADÁVER

Procedido o exame cadavérico pelo médico legista da Polícia, e diante do coronel (do Exército) Salm de Miranda, secretário da Segurança Pública de Pernambuco, o corpo do inditoso capitalista foi pôsto em suntuosa carreta funerária e — após permanecer durante algum tempo no necrotério público — conduzido para a residência de seu pai, sr. J. T. de Moura, onde também reside o deputado federal Jarbas Maranhão, cunhado do extinto. Durante todo o dia, o suicídio do sr. Armindo Moura monopolizou o comentário público da cidade, principalmente no seio das duas correntes políticas que ora se batem pela governança de Pernambuco. Durante tôda a noite, o cadáver foi velado por um sem número de políticos, comerciantes, parentes e amigos do suicida, além de numerosos anônimos que foram levar-lhe a sua última homenagem e prestar seu confôrto à família enlutada.

UMA CARTOMANTE PREVIU A TRAGÉDIA

Suicidou-se, com um tiro no ouvido, o capitalista e político Armindo C. Moura ★ Pedira, na véspera, garantia de vida ao governador Etelvino Lins, que lhe propôs uma solução para a crise política do Estado: retirar a candidatura de Cordeiro de Faria e lançar o nome do jornalista Gomes Maranhão.

Reportagem de ROGACIANO LEITE
Fotos de JOÃO PEDROSA

e doloroso estava para acontecer dentro de poucas horas. Essa profecia, infelizmente, tornou-se realidade com o inesperado e chocante suicídio do sr. Armindo C. Moura, grande capitalista em Pernambuco e o principal financiador da campanha política em oposição à candidatura Cordeiro de Faria para governador do Estado.

UM TIRO NO OUVIDO

Cêrca das 11 horas, o sr. Armindo Moura, em companhia de seu primo e secretário particular, sr. José Cardoso, dirigiu-se ao apartamento 214 do Hotel Guararapes, onde se encontrava hospedado o sr. Gurgel Valente, pessoa ligada ao sr. João Goulart, a quem acompanhara por ocasião da recente visita daquele político a esta Capital. Além do sr. Gurgel Valente, encontravam-se no apartamento 214 os srs. Manuel Vicente, Balbino Ferreira, João Bezerra de Lima, José Viana e Wilson de Barros Leal, sendo êste último vereador em Recife, e os quatro primeiros, líderes sindicais. Em dado momento, o sr. Armindo Moura manifestou desejo de falar reservadamente com o sr. Gurgel Valente, razão por que se dirigiram à dependência onde estão situados os sanitários do dito apartamento. José Cardoso, primo e secretário de Armindo Moura, acompanhou a ambos. Passados uns quarenta minutos de conversa, o capitalista solicitou a seus dois amigos que o deixassem sòzinho por alguns instantes, no que foi imediatamente atendido. Mal os srs. Gurgel Valente e José Cardoso se retiravam para a sala contígua, ouviu-se um disparo de arma de fogo. O sr. Armindo C. Moura detonara um tiro de revólver no ouvido direito, sendo poucos os seus instantes de vida sôbre uma poça de sangue.

A CIDADE ABALADA

Logo após o trágico acontecimento, tôda a cidade do Recife mobilizou-se em curiosidade e cons-

PERTURBAÇÃO MENTAL

É voz corrente na cidade que há já algum tempo o sr. Armindo Moura vinha sofrendo de forte depressão nervosa e apresentando visíveis sinais de perturbação mental, razão por que seus familiares e amigos íntimos o aconselharam a abandonar as lides políticas e dar um passeio de recuperação na Europa. Armindo, entretanto, respondia: «Não. Agora eu vou até o fim».

Conseguimos, ainda, apurar que ùltimamente o sr. Armindo Moura vinha fazendo uso excessivo de «seconal», medicamento a que recorria nos momentos de maior insônia e excitação nervosa. Além do mais, a trágica morte de uma sua filha, de 12 anos de idade, que perecera afogada há poucos meses, contribuíra ainda mais para o profundo abatimento em que ùltimamente se encontrava o capitalista.



Ao sepultamento do sr. Armindo Moura, no Cemitério de Santo Amaro, compareceu uma verdadeira multidão, sendo grande o número de representantes de tôdas as camadas sociais, além de políticos militantes em várias agremiações partidárias.

ENTREVISTA COM ETELVINO

Fontes autorizadas informam que na véspera do suicídio o sr. Armindo Moura estêve demoradamente no Palácio das Princesas, onde fôra pedir garantia de vida ao governador Etelvino Lins, visto as repetidas ameaças de que vinha sendo alvo, através de numerosas cartas e telefonemas anônimos. Sabe-se que o sr. Etelvino Lins prontificou-se a cercá-lo de tôdas as garantias, tendo mesmo lhe oferecido o Palácio Governamental para que êle, Armindo, pudesse permanecer isento de qualquer atentado.

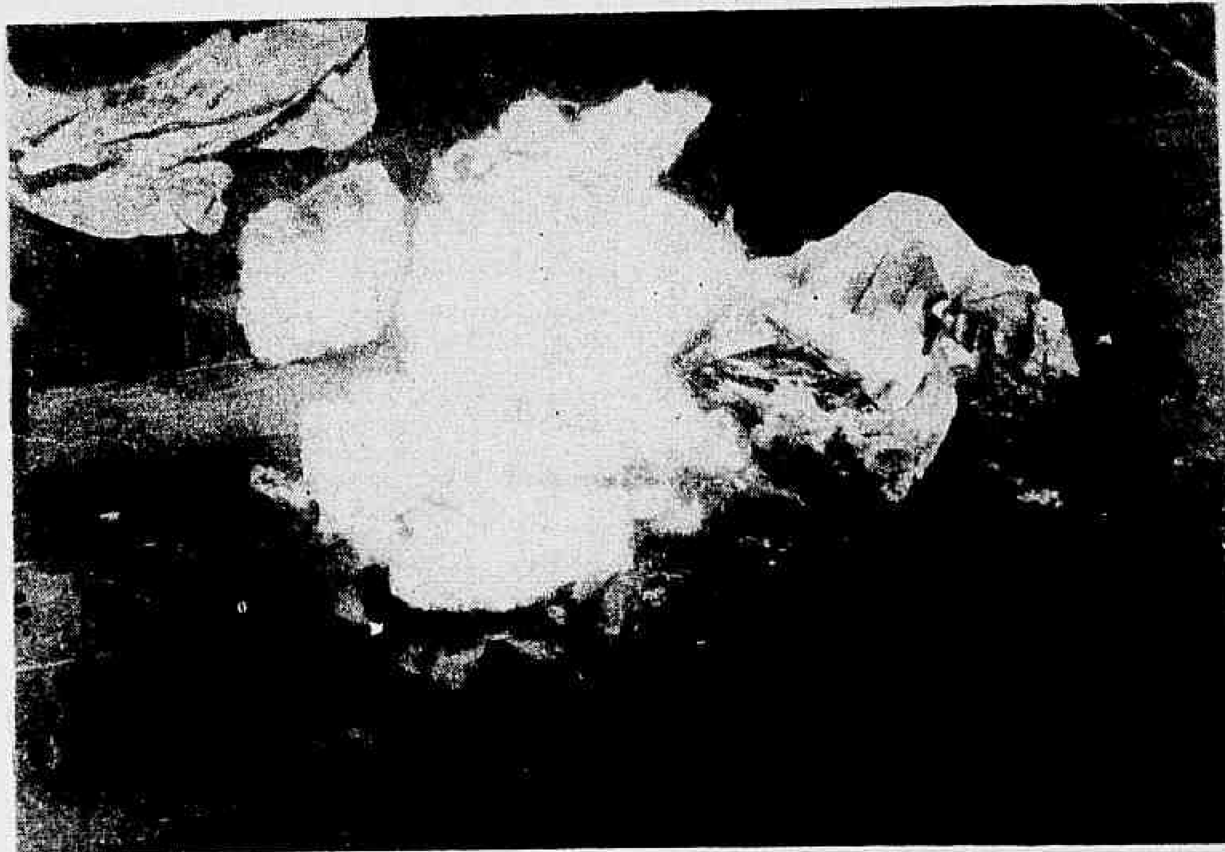
SOLUÇÃO POLÍTICA

Apuramos, também, que, como solução para a crise política estadual, o governador Etelvino lhe fizera a seguinte proposta: a volta da dissidência do P.S.D. mediante documento fornecido por êle, o governador, garantindo a retirada da candidatura do general Cordeiro de Farias e a homologação da candidatura do jornalista Gomes Maranhão, diretor do Banco do Nordeste e elemento da dissidência pessedista. Nada, porém, transpirou quanto à opinião do sr. Armindo Moura.

VERSÕES DESENCONTRADAS

São as mais desencontradas possíveis as versões públicas referentes ao verdadeiro motivo que levou o conhecido capitalista à prática de tão brusca e chocante atitude. Enquanto alguns encaram o fato como tendo base no bloqueio econômico e na campanha de desmoralização feita contra Armindo, por parte de seus inimigos políticos, outros admitem que a tragédia originou-se nos rumos imprevistos que se verificaram ùltimamente na política pernambucana.

Levantou-se, ainda, a hipótese de estar o sr. Armindo Moura atacado de um câncer, versão essa que logo foi destruída pela autópsia, quando o médico legista constatou que o suicida mostrava apenas um ligeiro «crescimento» do coração. De qualquer modo, a lamentável ocorrência está cotada, realmente, a imprimir grande influência nos destinos políticos da presente campanha eleitoral no Estado.



A enorme poça de sangue que ficou no apt. 214, do Hotel Guararapes, onde o capitalista Armindo Moura suicidou-se com um tiro no ouvido.

O SEPULTAMENTO

O sepultamento do desventurado capitalista verificou-se pela manhã do dia 14, no Cemitério de Santo Amaro, onde se comprimiu verdadeira multidão, notando-se a presença de numerosos representantes de tôdas as camadas sociais do Recife, bem como de destacadas autoridades e políticos de tôdas as agremiações partidárias. Diversos oradores usaram da palavra, lamentando o inesperado e contristante acontecimento.

BIOGRAFIA

Armindo Cardoso de Moura contava apenas 38 anos de idade. Era filho do sr. José Tavares de Moura e de dona Maria Cândida de Moura, já falecida. Casado com a sra. Maria de Lourdes Coutinho Moura, deixa três filhos: José Tavares de Moura Neto, Roberto Cardoso de Moura e Maria Cardoso de Moura. Em 3 de novembro de 1941 fundou a firma Armindo C. Moura. Com o crescente desenvolvimento de seus negócios, resolveu, em 7 de dezembro de 1950, criar uma nova firma — Armindo C. Moura Comercial S. A. — mantendo-se à frente da mesma até o derradeiro instante de sua vida.

RÁDIO-ENTREVISTA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Os últimos acontecimentos de caráter político e jornalístico têm propiciado ao rádio-reportagem uma fase de grande aceitação. Carlos Lacerda voltou à evidência (dessa vez ferido e salvo por milagre de um atentado à porta da sua casa) e as emissoras deslocam-se de seus estúdios, avançam com os seus «comandos» indo buscar a notícia na fonte, entregando-a ao ouvinte com o sabor da autenticidade. Na madrugada do dia 5, a primeira emissora a irradiar diretamente do Miguel Couto foi a Mayrink Veiga, entrevistando políticos, jornalistas e o próprio Carlos Lacerda que, segundo o locutor, falava diretamente de sua maca, cercado pelos seus amigos, sua família e seus correligionários. Outro momento sensacional foi o da expectativa pela nota da Chefatura de Polícia. Desde uma hora, da madrugada de segunda-feira, a Nacional começou a anunciar êsse comunicado, que seria lido, diretamente da sede da polícia federal. Eram quase 3 horas, quando a nota foi irradiada. Aliás, a Nacional falhou e a Continental (mais afeita a serviços externos) brilhou com uma linha de som de primeira ordem, que nos deu muita clareza de recepção. A Globo continua sendo um microfone à disposição do senhor Lacerda. Ao que parece, mantém, na residência do político, uma equipe de transmissões externas para que Lacerda entre no ar à hora em que bem entender, podendo, para isso, interromper qualquer programa da emissora do senhor Roberto Marinho. Brilha dessa maneira a rádio-entrevista. De fato, quando há acontecimentos sensacionais, o rádio ganha uma importância fabulosa. Em 24 horas, reconquista os seus antigos e bons ouvintes, perdidos em 10 anos de erros, mediocridades (auditórios e subliteratura) e leviandades. Agora, depois que passam os assuntos sensacionais, o jeito é voltar aos musicais e aos programas engraçados.

QUEM SOU EU?

ESTA ÚLTIMA semana, no que me diz respeito, tem sido de muitas indagações sôbre minha existência. Inventaram, em menos de 10 dias, que eu era: Elsie Lessa, Lourdes Câmera (não conheço), Antônio Maria, Clemente Neto e Mariza Pinto Coelho. Mania de complicar as coisas. Naturalmente, eu seria, com prazer, qualquer uma dessas pessoas cujos nomes me querem alugar. Mas, não posso. Quem nasceu Maria Helena Elsen de Aguiar, o mínimo que pode ser é Maria Helena de Aguiar mesmo. Sugerem que publique minha fotografia, mas, a única que eu tenho é «une foto, vieuille foto de ma jeunesse» e não quero perdê-la. Entanto, para satisfazer a curiosidade de todos quantos implicam em me conhecer, estarei amanhã (têrça-feira), das 15 às 17 horas, exposta à visitação pública, na Casa Palermo, no Largo da Carioca. Entrada grátis.

RÁDIO MUNDIAL

ENTROU NO AR, com um som excelente e uma boa programação de discos, a emissora que já foi o Rádio Clube do Brasil e que fechou suas portas graças ao desmantêlo e à generosidade de seus antigos donos. A primeira reação do público para com a nova PRA-3 foi de simpatia. Também os anunciantes vieram, em massa, prestigiar os programas dessa estação que ressurge, graças à tenacidade dos seus velhos funcionários. Esperamos que a Rádio Mundial, aproveitando as lições do passado, equilibre-se, trabalhe e viva. Achamos que já está abusando um pouco de programas de auditório. Uma emissora nova nunca deve repetir os vícios das velhas. Desejamos à Rádio Mundial um futuramento recebível e muitos lauréis artísticos.

ESTA LETRA É RUIM

● A deturpação do sentido de poesia tem sido a lagarta da safra musical de 1954. Não sei onde os nossos autores estão com a cabeça. Não sei o que estão fazendo dos seus bons sentimentos. As letras que escrevem são o máximo de estupidez num mínimo de versos. Certamente, a canção popular brasileira se perderá, se não houver uma intervenção e um policiamento sadio por parte das gravadoras. Os diretores dessas emprêsas aprenderam a palavra «comercial» . . . e, para êles, tudo o que é ruim é comercial. Aqui está, hoje, uma toada-canção, que se chama: «Valei-me Nossa Senhora», gravação de Roberto Paiva:

«Quem dá o pão
Dá o ensino
Deixa eu educar
Êste menino

A mãe dêle coitadinha
Lava até roupa pra fora
Eu dou duro no batente
Valei-me Nossa Senhora
Quem não aprende nada sabe
No futuro nada tem
Eu não quero que o meu filho
Seja lacaio de ninguém.»

É o negócio assim que deixa a gente em sinuca sanguinária — a gente não sabe se deve matar os autores ou apunhalar o próprio coração. Nossas gravadoras ainda não impugnaram um só disco por falta de qualidade. O que é que êles estão querendo? Acabar com a música brasileira, antes que ela tenha uma chance internacional? Só sendo. Mas, há esperanças à vista: Rubem Braga — o nosso maior cronista — vai entrar para a música popular, tornando-se parceiro de Bororó.

JATOBÁ E O BISTURI



«Quando eu me cansar do microfone ou o microfone se cansar de mim, vou voltar a abrir barriga». (Luís Jatobá).

O maior narrador do rádio brasileiro está estudando muito e, diàriamente, freqüenta um hospital. Quem foi seu contemporâneo de Faculdade afirma que Jatobá, se houvesse continuado, seria, hoje, um grande cirurgião. Pois o nosso «chic voice» (pode inventar gíria?) voltou a operar e seu bisturi está afiado para o que der e vier. Não pretende deixar o rádio . . . mas, se um dia fatigar-se de chamar os outros de «amigo ouvinte», vestirá a bata e salve-se quem puder. Jatobá é boa gente. Merece êxito.

SAUDADES DE DIRCINHA



Esta moça canta como ninguém e precisa, já e já, gravar um disco que bote as outras no chinelo.

Nesse Brasil todo, ninguém cantou jamais a metade do que Dircinha cantou. É uma voz privilegiada, capaz de todos os malabarismos. Nunca mais a nossa Dirce nos deu um disco de grandes qualidades. E está na hora. Os compositores de verdade precisam trabalhar para que «a fôrça revolucionária», ainda em 1954, surja, na praça, em grande estilo. Uma música bonita, na voz de Dircinha, é uma verdadeira barbada. Esperamos que um Ari Barroso ou um Marino Pinto pense nesse caso com simpatia. Dircinha, a meu ver, é ouro em pó.

ROMANCE NO RÁDIO



Nanci (Me Léuva) Wanderley, a fabulosa «Sinhá» dos programas humorísticos da Mayrink Veiga.

Nanci Wanderley, há vários meses, vem sendo encontrada «de brazo y por la calle» com o comediante e produtor Francisco Anísio. Fala-se em casamento, embora corra uma notícia de casamento de Nanci com um milionário gaúcho. O mais certo é, porém, palpitar no namôro dos dois radialistas que, ùltimamente, têm sido encontrados, juntos, em bares e restaurantes. E, quando duas pessoas (segundo a canção) são vistas amiudadamente «ao redor do espaguete», com tôda certeza, «é o amore».

VAMOS A PARIS



Essa moça, a nossa querida Inezita Barroso, é o maior cartaz do rádio paulista. Seu prestigio, na sociedade, é enorme. Atualmente, está de malas prontas para fazer «shows» em Paris, o que certamente será um sucesso. Há quem afirme que o seu primeiro contrato será no Elefante Branco, buate freqüentada por brasileiros. Felicidade Inezita. E «bon voyage»!

★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★

As Lollobrigidas do Rio também protestam

TENTANDO ELIMINAR O BUSTO,
DIOR
ELIMINA-SE A SI MESMO •
REVOLTA DAS MULHERES
(E DOS HOMENS)
DIANTE DA NOVA LINHA DO
DITADOR DA MODA •

Reportagem de LEON ELIACHAR

Fotos de A. FERREIRA

DIOR VAI A NOCAUTE



Depois da «saia curta» (que não pegou) Dior inventou de disfarçar o busto. Pegará?

Dior



RUTH SILVEIRA

(MODISTA)

«Essa nova linha de Dior já foi lançada há quase dois anos por Balan iaga e aceita por Givenchy, mas não dissimulava inteiramente as linhas do busto. Dior é ainda hoje o ditador da moda, mas só podemos aceitar dêle os bons conselhos. Não creio que essa moda seja aceita. As brasileira são consideradas as mulheres mais elegantes e bem vestidas do mundo — e sem favor nenhum. Dior é o costureiro mais afamado e respeitado no meio elegante do universo. Mesmo assim nós que o admiramos, deixamos o nosso protesto».

ENQUANTO cientistas russos constroem pernas artificiais, jornalistas brasileiros são espancados e baleados no meio da rua, a Itália fabrica novos modelos de carros esporte, os inglêses anunciam novos e mais velozes aviões a jato, os Estados Unidos inventam bombas cada vez mais explosivas, vai tudo muito bem. Mas quando um homem chamado Christian Dior, no seu atelier da Avenue Montagne, risca no papel a nova fórmula que virá mantê-lo no cartaz, aí está a verdadeira "bomba", com um raio de ação muito mais amplo, capaz de criar complexo de inferioridade nas chamadas atômicas e de hidrogênio. Porque a nova "Bomba Dior", desta vez, pôs em pânico tôda a população feminina de todos os países.

A "BOMBA DIOR"

Considerado como o ditador da moda feminina no mundo inteiro, Dior não tem muito trabalho. Seu lápis rabisca, os costureiros começam a funcionar, as casas de moda oferecem chá com desfile, as damas da sociedade se curvam inteiramente. E a "linha" Dior está sempre na ordem do dia. Desta vez, o famoso figurinista tentou uma nova revolução na moda. Esboçou no papel o "flat-look": uma linha onde se dissimula inteiramente as formas do busto. Foi aí que a coisa pegou fogo. Sem mesmo ter saído do seu laboratório, a "bomba" começou a surtir efeito.

A PRIMEIRA EXPLOSÃO

As "estrêlas" italianas, cuja publicidade reside em 80 por cento da proporção do busto, levaram os seus protestos à imprensa. E a notícia correu o mundo. Uma onda de indignação cresceu ràpidamente, as primeiras conjecturas formulavam-se e eram discutidas nas rodas elegantes. Os telégrafos rasgaram o espaço, transformaram-se em vistosas fotografias que passaram a cobrir as primeiras páginas dos jornais. Confortàvelmente instalado em sua residência, Dior acariciava os resultados da sua mais recente "experiência". Mas começava a alimentar suas dúvidas quanto aos seus efeitos práticos.

CRISE GERAL

Se a moda pegar, haverá uma crise total. Crise de ânimos, crise de assovios,

Dior quer descer o pano sôbre o maior



ELIETE (Comerciária): «Acho que a moda só pega quando agrada às mulheres e no caso dos homens também. Dior vai fracassar outra vez».



MIRIAM PÉRCIA (Estud.): «O que a mulher tem de mais belo não deve ser disfarçado pela moda. Nem sempre a originalidade é mais agradável».

crise industrial. Os homens descansarão a cabeça no pescoço e nem sequer moverão os olhos para ver a mulher que passa, porque Dior se encarregou de tirar-lhes as formas, reduzindo-as tôdas a um padrão único. As fábricas de suéteres fecharão suas portas, as fábricas de artifícios e os produtos farmacêuticos diminuirão suas vendas. E as próprias mulheres ficarão por algum tempo sem assunto, privadas dos cochichos nos ouvidos das amigas, censurando o "decote audacioso" de fulana ou de beltrana.

MAIS CONTRAS DO QUE PRÓS

Aos poucos a notícia da "nova linha" vai chegando às mais distantes cidades. Desembarca sem o menor estardalhaço, e procura logo uma redação de jornal. Não dá entrevistas, não esclarece nada,



O primeiro grito de protesto partiu da Itália. As estrêlas tri-dimensionais foram aos jornais e tornaram pública a sua revolta. Lollobrigida disse: «Dior quer nos tirar o que Deus nos deu».

dos espetáculos



REGINA (Estudante): «Dior tem uma razão ao criar essa linha. E' o fato de gostar mais daquilo que se supõe do que daquilo que se vê.



ÍRIS FROTA (Estudante): «Acho que o que é belo não deve ser escondido. Se a moda pegar não a adotarei. Sou contra essa nova linha».



LÍBERA MEIS (Estudante): «Desta vez sou contra Dior. Acho essencial na mulher a elegância do busto: disfarçá-lo seria um contra-senso».

As mulheres não querem perder as formas; para cada centímetro

DIOR É CONTRA ISTO: E VOCÊ?



Se a nova linha de Dior pegar, essa sopa vai acabar. E não haverá mais (como sempre houve) concursos à base de falta de pano. Em Paris, no cabaré «Carrol's», realizou-se há pouco um concurso para a escolha do «mais belo decote». A foto mostra-nos as vencedoras (da esq. para a dir.): Claude Sylvain, Anne Marie Marsen e a vedette Danielle Lamar. Mas Dior vai ditar a moda.

limita-se apenas a dizer: "Dior quis que eu fôsse assim e assim serei". No Rio de Janeiro, ninguém no aeroporto para recebê-la. Mas em pouco tempo todos já tomavam conhecimento da sua existência. O gênio criador de Dior, extravagante e audacioso, presenteava as mulheres com alguma coisa mas, em troca, tirava-lhes alguma coisa. O protesto foi quase geral. Salvo raríssimas excessões, por comodidade ou originalidade, as mulheres cariocas se mostraram contra desde o primeiro momento. Os homens, apreensivos, opinaram também. Mas, como sempre, em matéria de moda, acabam aceitando tudo o que a mulher faz. Inclusive a conta.



ROSANGELA (Rainha do Carnaval): «Acho que o busto bem realçado faz a feminilidade da mulher. Já bastam os cabelos imitando homem».



LILI MARLENE (Rainha das atrizes): «Acho que Dior fracassará como fracassou a linha de «saia curta». Mas se a moda pegar eu a seguirei».



ADELAIDE CHIOZZO (Atriz de cinema): «Acho que a nova linha de Dior tira completamente a linha da mulher moderna. Sou contra ela».



GINA MONTI (Candidata a Miss Cinelândia): «Acho o busto a parte predominante da beleza feminina: portanto Dior vai fracassar novamente».



CLEO TERESA (Atriz de cinema): «Dior não deveria trapar uma linha que disfarce o busto da mulher. Ninguém aceitará essa nova linha».



MIRIAM MOEMA (Atriz de cinema): «Acho que Dior pode pretender disfarçar tudo com a moda, inclusive o rosto; mas nunca o nosso busto».

de pano elas dão um grito de protesto



ROSINHA LORCAL (Miss Suéter 1954): «Acho o busto uma das partes mais bonitas da mulher e como tal deve ser sempre realçado. A maior parte das mulheres estará contra. Se a moda de Dior pegar, estarei sempre fora de moda.



JACYRA GOMES (Rádio-atriz): «Gosto imensamente da nova linha de Dior, pela simplicidade e pela audácia. Mas deve ser aplicada de acôrdo com o tipo da mulher. O seu sucesso depende muito da mulher saber adotá-la».



LEDA VALE (Atriz de teatro): «Quando a mulher tem busto bonito deve tirar partido dêle. Dior contraria com essa linha as regras da beleza».



PATRÍCIA LACERDA (Miss Distrito Federal): «Acho que a moda feminina deve acompanhar as formas da mulher. Dior é gozado...»



DOROTHY FAGIN (Show-Gril): «Sou a favor da roupa justa e acho que o busto deve ser realçado. No Brasil a nova linha de Dior não pegará».



AGNES FONTOURA (Atriz de cinema): «Sou contra porque acho que a mulher deve mostrar o que tem de belo. Duvido que a moda pegue».

OS HOMENS também opinam

HENRIQUE PONGETTI (cronista): "Desconfio dessa moda. Para mim ela foi sugerida a Dior pelas suas clientes que não conseguiram ajeitar-se na sueter da Pampanini".

●

MANUEL BANDEIRA (poeta): "Se a nova criação de Dior importa numa volta à cintura baixa de 1928, sou contra: foi uma moda feíssima".

●

VAO GÔGO (humorista): "Acho a tentativa do sr. Dior do mais absoluto bom gôsto. Assim acabaremos pelo menos com essa ridícula moda — criada pela indústria americana dos "falsies" — das mulheres nos tentarem com o que não é delas".

●

FERNANDO SABINO (cronista): "Dior que me desculpe, mas o busto é indisfarçável".

●

EUSTACHIO DUARTE (médico e escritor): "Estou com Dior. No caso, a Beleza está no Mistério. O Belo — disse Miguel Angelo — é o mistério da Forma. O Pebismo (teoria da estética científica) é contra tôdas as linhas justas e visceralmente contra o maiô. Porque o maiô é a caricatura do busto. A ilusão de um busto envôlto no disfarce gracioso de uma blusa sôlta é cem vêzes mais sedutora do que a realidade que o maiô oferece. Do que o próprio nu. O que nos emociona no espetáculo de marionetes é o mistério que se desenrola por trás do pano. Caia o pano e a coisa não terá mais graça".

●

JOSÉ RONALDO (figurinista): "A nova linha do mestre Dior é, como já foram tôdas as outras, plena de audácia. O "flat-look", visando trazer de volta todos os truques e sofisticações da década de 1920/1930, mostra-se falha quanto à idéia da possível renúncia da linha do busto e seus encantos".

●

PAULO MENDES CAMPOS (cronista): "Dior desta vez acertou: cabe ao vestido disfarçar a mulher; cabe ao homem imaginar a mulher; cabe ao Juiz de Paz resolver êsse impasse".

ESCÂNDALO É O MELHOR CAMINHO...

TEDDY

● O colunista tem sido absorvido nestes últimos tempos pelos telegramas e notícias dos jornais que o vão colocando em dia com o que se passa com os «astros» do cinema, de Hollywood, da Europa e de casa. Não foi portanto, difícil, poder concluir que o «escândalo» ainda é o melhor caminho para se conquistar uma posição no cinema e atrair sôbre sua pessoa as atenções do mundo.

Também pude deduzir que estão surgindo, pouco a pouco, os «profissionais do escândalo» e nesse ponto é que a disputa vai se tornando interessante, pois don Porfirio Rubirosa que entra na história por estar amando uma «estrêla» do cinema (Zsa Zsa Gabor) não gostaria jamais de perder seu pôsto privilegiado para o cantor argentino Dick Haymes, no momento escondido no Estado de Nevada para fugir à uma ordem de prisão que contra êle foi expedida pelo tribunal de Hollywood. É que o ator e marido de Rita Hayworth deixou de pagar a pensão alimentícia de filhos nascidos de seus casamentos anteriores. Eis aí um bom motivo para aparecer no noticiário. Errol Flynn fêz uso dêle para manter sua publicidade em dia, e agora já seus fãs não se incomodam que suas ex-espôsas reclamem no Tribunal. Errol está caminhando para o esquecimento, pois a velhice está chegando para completar a velhice artística que já é fato consumado . . .

Como os maus exemplos são sempre imitados, no cinema brasileiro (?) já se nota que alguns artistas enveredam pelo mesmo caminho para aparecer nos noticiários dos jornais. Patrícia Lacerda está se acostumando a protagonizar pequenos escândalos e com isso seu cartaz tem aumentado muito. Não sei se o cartaz de artista, porque êsse depende de filmes e Patrícia há muito tempo que nêles não aparece . . .

Mas, Patrícia é falada e comentada, o que ela tem dito está nas conversas diárias e os colegas enchem-se de um «horror» preparado para discutir suas atitudes. A pequena aprendeu depressa e tem futuro nessa questão de armar escândalos para conseguir publicidade. Lamentamos que Patrícia esteja agindo dessa forma, muito embora seja forçoso reconhecer que ela conseguiu — sem sombra de dúvida — se transformar em pouco tempo, na «Terry Moore» da nossa pobre cinematografia . . .



GARÔTA ESPORTIVA
A grande característica da nova «estrelinha» Mara Corday é adorar a vida ao ar livre, praticando esportes diversos e principalmente exibindo-se em maiôs ultramodernos. Basta dizer que por causa disso não se tem, até agora, uma fotografia sua que não seja com pouca roupa . . .

FALA-SE EM HOLLYWOOD

O FAMOSO DIRETOR John Ford embarcou para o Havaí, a fim de escolher o local das filmagens de «Mister Roberts», o primeiro filme de William Powell na Warner. James Cagney e Henry Fonda estão no elenco.

GLORIA GRAHAME vai mesmo casar-se com Cy Howard. A pequena cuja sensualidade na tela tem sido tão discutida, está amando de fato e Cy gosta muito do filhinho de Gloria, fruto de um casamento anterior da «estrêla».

PIER ANGELI foi pedida emprestada pelo produtor Hall Wallis para o papel de «filha» de Anna Magnani no filme «Rose Tattoo», cujo enrêdo foi escrito pelo famoso Tennessee Williams. A Metro ainda não respondeu e Hall pensa aproveitar Anna Maria Alberghetti, outra italianinha de talento.

O FILHINHO de Allan Ladd e Sue Ladd, David, de cinco anos, seguirá a carreira do papai célebre, estreando como «filho» de Bing Crosby em «The Country Girl». Ladd está muito orgulhoso com o fato.

EVA GABOR, irmã da irriquieta Zsa Zsa, estréia no cinema em «A Última Vez que Vi Paris». Ela fará um número com o esportivo Carleton Carpenter. A família está conquistando Hollywood . . .

BETTE DAVIS e Gary Merrill estão com planos de produzir filmes independentes. Êles acabam de comprar os direitos do drama «The Magic and the Loss», de Julien Funt, e devem filmá-lo muito breve. Ambos serão os intérpretes.

CORREIO DA EUROPA

INGRID FILMARA NA ALEMANHA — Tão logo termine sua vitoriosa temporada no teatro onde representa mais uma vez «Joana D'Arc», Ingrid Bergman deverá partir rumo a Munique, Alemanha, para filmar um argumento alemão baseado num conto de Stefan Zweig. Roberto Rosselini, espôso da «estrêla», será o diretor e tudo indica que a película venha a ser apresentada como produção alemã, a primeira de Ingrid.

SACHA GUITRY, O AMBICIOSO... — Depois do êxito alcançado com o seu filme «Se Versailes pudesse contar . . .», o artista francês Sacha Guitry planejou e realizou «Napoleão», usando cenários de Nice e contando com a participação de centenas de figurantes. Guitry considera «Napoleão» outro filme capaz de sacudir o público francês e «estourar» bilheterias. O célebre conquistador é vivido, nas primeiras seqüências do filme, pelo ator Daniel Gelin.

UMA NOVELA DE TCHECOV VAI SER FILMADA — O inteligente diretor italiano Michelangelo Antonioni de quem assistimos «Crimes da Alma», está planejando filmar em fins de setembro «Un dramma alla caccia», uma história moderna baseada na novela de Tchecov, «Trágica Caçada». A protagonista será a bela atriz Eleonora Rossi Drago.

ÚLTIMOS FLAGRANTES — Vai ser instalada em Nova York uma agência da Unifrance para difusão do filme francês em terras da Norte América. ★ O ator americano Jeff Stone feriu-se num ôlho enquanto filmava «D'Artagnan e os três mosqueteiros», nos estúdios da Titanus, em Roma.



CASAL QUE AGRADA
Marge e Gower Champion sempre foram aplaudidos como grandes dançarinos, porém o cinema custou a conquistá-los. A Metro contratou a dupla e o sucesso dos dois é sempre certo quando aparecem nos musicais. Êles agradam de fato!



SENSAÇAO MASCULINA
Edmond Purdon começou bem nos estúdios da Fox, substituindo Marlon Brando em «O Egípcio», depois de haver substituído Mario Lanza em «O Príncipe Estudante», na Metro. Purdon é uma nova sensação masculina de Hollywood . . .

DO CINEMA BRASILEIRO

● VOLTAM a afirmar que Alex Viany realizará muito breve seu anunciadíssimo «Mboi tatá». Dizem também que o mesmo Alex talvez produza seu «Estouro na Praça» antes do fim do ano . . .

● OSCARITO, enquanto a Atlântida não o chama para mais um musical ou comédia, está atuando na TV e tão entusiasmado ficou com o sucesso alcançado, que pensa prolongar sua atuação para o rádio, animando auditórios . . .

● «HOMENS DE LAMA» está sendo burilado por Carlos Manga e deverá ser filmado com Jorge Dória no papel principal. O argumento foi comprado há muito tempo pelo sr. Ribeiro Júnior que ainda não deu ordens para a sua realização.

● ELIANA continua sendo a maior correspondência entre as «estrêlas» nacionais. Seu novo filme, «A outra face do homem», oferece nova oportunidade para Eliana demonstrar seu talento dramático.

● «A ESTRADA», de Osvaldo Sampaio, é o argumento mais cotado para reiniciar a nova fase de atividades da Vera Cruz. Por enquanto não se fala de «O Sertanejo» . . .

● Sôbre novas produções do cinema brasileiro: absoluto e lamentável silêncio . . .

★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★

A garantia de sua beleza



maderas de oriente

PÓ DE ARROZ

ROUGE

MADERAS DE ORIENTE

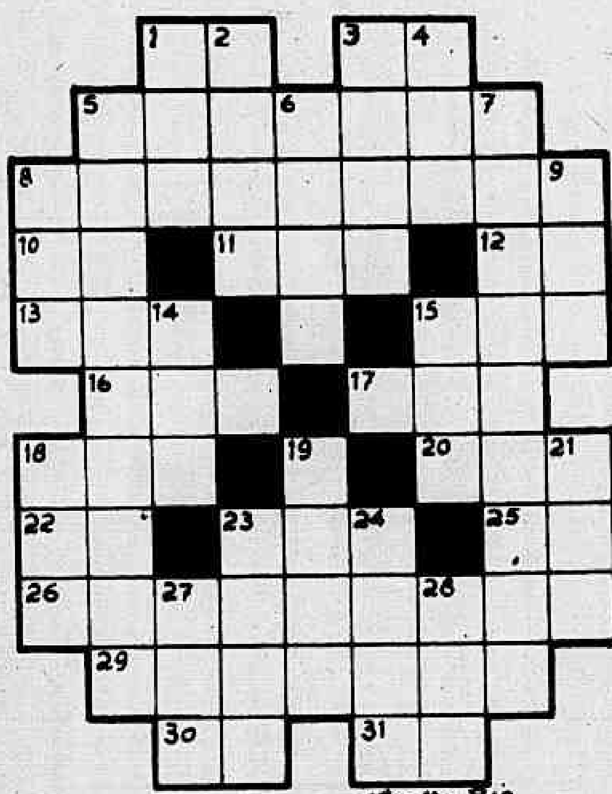
MYRURGIA

EXTRATO • LOÇÃO • ÁGUA DE COLÔNIA • SABONETE

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 29

PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Preposição — 3. Rio da França — 5. Aperfeiçoaria — 8. Deformidade — 10. Nota musical — 11. Preceptora de pessoas nobres — 12. Divindade greco-romana — 13. Período — 15. Nome de mulher — 16. Desejo de vingança — 17. Uma das ilhas Lucaias — 18. Chefe tártaro — 20. Rente — 22. A voz do cordeiro — 23. Passa furtivamente — 25. Nota musical — 26. Muito antigo — 29. Refrear — 30. Símbolo do elemento químico, metal, de pêso atômico 52,01 — 31. Artigo plural.

VERTICAIS: — 1. Guisado de camarões e ervas — 2. Fim — 3. melodia — 4. Estamos do jacinto — 5. Selvagem da América — 6. Igual — 7. Fortificar — 8. Cem metros quadrados — 9. Medida grega de comprimento — 14. Constelação austral — 15. Rio da Suíça — 18. Proteção — 19. Costurei — 21. Bom gôsto — 23. Fazer refeição à noite — 24. Prefixo grego que significa vapor — 27. Trezentos — 28. Chefe etíope.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Botequim — 3. Possuir — 5. Amarga — 9. Perversa — 11. Argola — 12. Variação pronominal — 13. Fraqueza extrema — 16. Seguiam — 17. Em as — 18. Germinara, brotara — 20. Pena — 21. A casa — 22. Sorri — 24. Habitar — 26. Curso de água natural — 27. Pedra, em tupi.

VERTICAIS: — 1. Antônimo de mal — 2. Batráquio — 3. Basta! — 4. Desaba — 6. Fruto do marmeleiro — 7. Lavra — 8. Murmurara — 10. Homem ligado a outro por laços de amizade — 12. Tosquiar — 14. Rio da Suíça — 15. Oceano 19. A pátria — 20. Sofrimento físico ou moral — 23. Raiva — 24. Pedra de moinho — 25. Escarnece.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 28

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — **ac — cá — mocureiro — morango — in — A.C. — anco — ária — Al — ut — duplica — boiadouro — or — ás.**

VERTICAIS: — **am — cominador — orar — crocitará — ao — concluí — Ur — en — igaruçu — alda — pá — Io — Bo — os.**

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **amua — saro — riam — arar — ia — Aar — ta — amargurar — americana — ta — uai — ou — além — alar — raro — rasa.**

VERTICAIS: — **ária — miam — ua — amar — saru — ar — rata — orar — águia — até — ria — atar — mala — rumo — ciar — noas — aura — er — lá.**

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 28 DE AGÔSTO E 3 DE SETEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Evite os militares nas soluções em que tiver de ser parte, na semana entrante. As condições ambientes não lhe favorecem, do mesmo modo, as consultas médicas. Não obstante, os negócios correrão de modo favorável.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Suas iniciativas, no próximo período, encontrarão o apoio necessário, terão o devido amparo, tal o grau de exequibilidade das mesmas. Tôdas as suas pretenções justas poderão ter realidade pela boa ressonância que encontrarão.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua ação poderá ser preponderante no respectivo meio se, fazendo um apêlo à própria vontade, resolva o leitor, agir por conta própria. Não tolere qualquer tutela.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não olhe para trás, não dê importância ao passado, sob pena de ficar petrificado como aquela mulher bíblica que se transformou numa estátua de sal. Ande, avance, corra se puder, para surpreender a sorte, de passagem por sua porta.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Não se desmande nem se mortifique. A semana carecerá de tôda importância, no seu caso. O trabalho não renderá nem frutificará. As inversões que fizer serão perdidas. As desfavorabilidades serão gerais, no seu caso.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não tenha receio de fazer a solicitação planejada, de pedir o concurso ou o empréstimo de que tem real necessidade. Seus apelos serão ouvidos e atendidos, notadamente nos dias 29 de agôsto, 1 e 3 de setembro.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não, não saia das suas ocupações normais, não se aventure nem se exceda. As especulações lhe são vedadas em virtude da natureza altamente desfavorável de que se acham revestidas.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Poderá tirar o maior proveito da situação. Tudo dependerá da habilidade com que agir. O ambiente dos astros será muito propício aos seus negócios, mas o sujeitará às manobras dos concorrentes e adversários, criando-lhe, dêsse modo, uma posição delicada.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana próxima desaconselhará tôda sorte de mudança. Qualquer rumo novo será prejudicial ao leitor, comprometendo-lhe o futuro. Ponha de lado a idéia de reformas.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Haverá muita satisfação na sua vida sentimental e chance nas especulações. Poderá, até, fazer uma fèzinha, jogando com os números do seu próprio nome. Os dias ímpares são os melhores, no seu caso.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os negócios imobiliários, os financiamentos e os empréstimos estão mal postos, não se aconselham na vigência da semana em pauta. Não dê nem solicite crédito, para evitar prejuízo certo.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Encaminhe seus casos para soluções amigáveis, conciliatórias, pois só terá a perder, tomando atitudes opostas às que lhe preconizamos. Sua posição astral, em tal setor, é desfavorável.

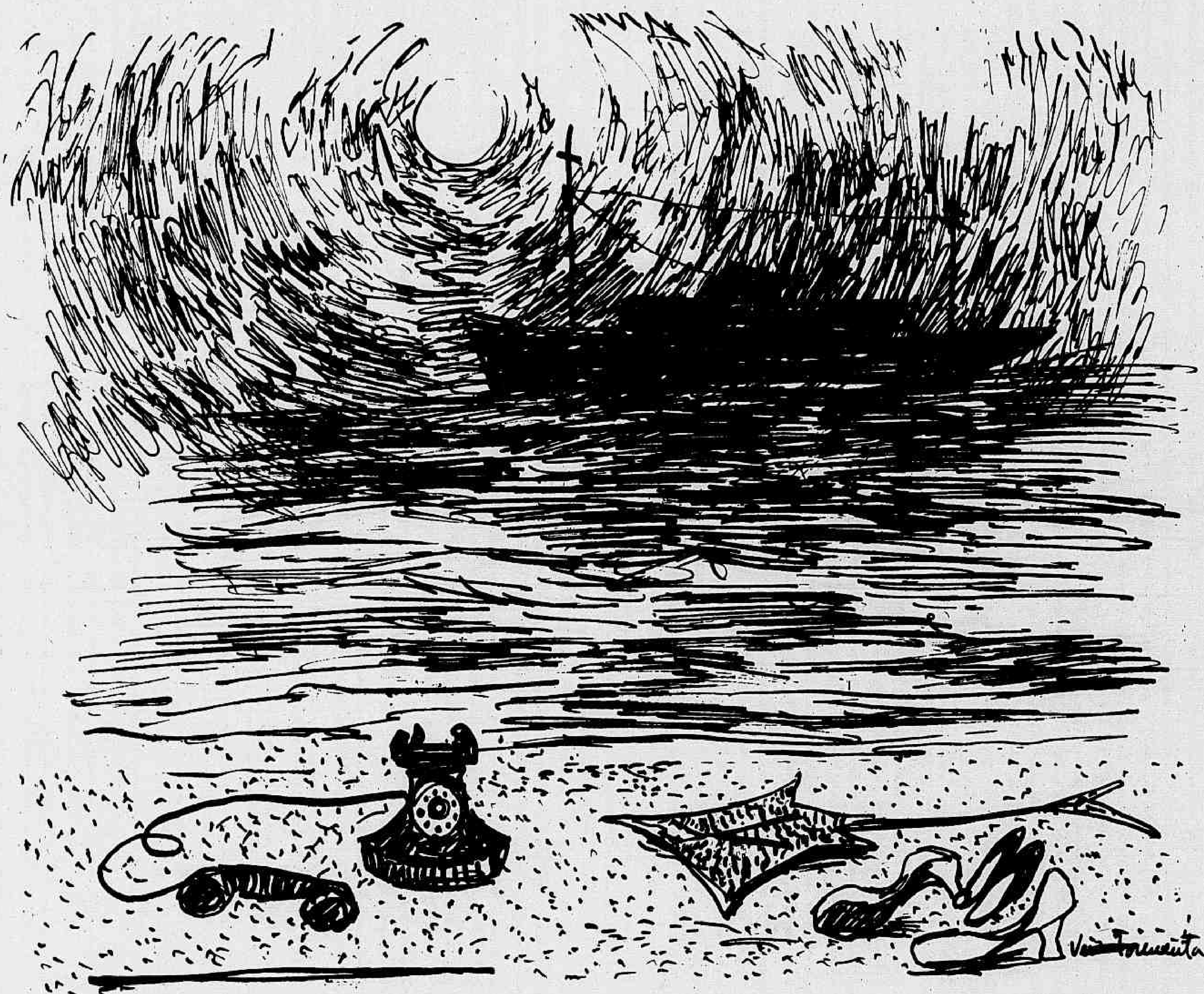
OS NOMES DA SEMANA

Agôsto,	28	—	Hilário	—	Moema
"	29	—	Jonas	—	Ilva
"	30	—	Homero	—	Júnia
"	31	—	Jansen	—	Eva
Setembro,	1	—	Januário	—	Sílvia
"	2	—	Suetônio	—	Castorina
"	3	—	Miguel	—	Ester

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Agôsto,	28	—	4º - 38' - 30''	(Signo da Virgem)
"	29	—	5º - 36' - 30''	(" " ")
"	30	—	6º - 34' - 31''	(" " ")
"	31	—	7º - 32' - 34''	(" " ")
Setembro,	1	—	8º - 30' - 39''	(" " ")
"	2	—	9º - 28' - 45''	(" " ")
"	3	—	10º - 26' - 52''	(" " ")



NÓS, OS SEM AMOR

HOMERO HOMEM

Desenho de VERA TORMENTA

AS palavras que não foram ditas, sequer esboçadas. Os guardados de infância, que permaneceram intactos, intocados, à espera de que a noite retomasse sua conspurcada grandeza para que êles começassem a abandonar tìmidamente os vãos da memória, entrassem a correr soltos como preás bravos saltando em campo enluarado. Aquela porta que se abriu uma noite, a visão da praia possuída pela bruma, as luzes eriçadas de frio, o navio apitando no mar. Os minutos que não foram vividos, os dias que não foram vividos. O telefone que não tocou, se tocou ninguém atendeu; a covardia daquele dedo que em tempo comprimiu o suporte, desfez a ligação em nome de horríveis códigos. O tempo que as pernas engoliram sòzinhas na consumação de monólogos impossíveis, na engenharia mental de diálogos que nunca ocorreram. A noite total, sem desfalecimentos nem sonhos, a grande noite prometida, nunca desenrolada. As distâncias, as geografias circunstanciais logo cobertas pelo pensamento. Aquêle bilhete, aquêle telegrama, o retrato que se perdeu. E o anedótico, o riso sôlto, a Lua equilibrada na quilha do edifício, os tiros de guarda-chuva disparados contra as lâmpadas. O eclipse, a fonte do Passeio Público jorrando na tarde de maio, o velho que despejava mais água no tanque. E teu riso, tua lágrima, tua ausência.

O cão farejando na rua, o "frisson" de teu braço, teu mêdo. Aquêle samba, aquêle outro samba. E tua perplexidade, teu segrêdo, tua luta para reincravar no chão as perdidas raízes. Tua outra luta, a que não contas nem esqueces. E tuas marcas, teus livros, teu desejo.

Teus sapatos de salto alto eram brancos. Os de balé eram pretos. Teus pés fora dêles deixavam marcas na areia da praia. Teus pés que temiam o mar, teus pés que desciam a rua. Teus pés.

O que dói não é a falta de amor. O que dói é a ressaca, o revertere, êsse súbito poder de integração no essencial que o amor propicia, logo seguido de um silvo contrário que atira o atuado de encontro aos lagos da noite, feito uma arraia fisgada. O que dói no amor é a sua precariedade, sua engrenagem cheia de pequeninas fendas por onde as palavras, alusões, gestos, silêncios se insinuam e ferem e matam o amor. O que dói é êsse balanço cíclico, menos a soma do que houve do que a do que não houve. Por falta de tempo, de talento inventivo. Por causa da lentidão do bonde, da urgência do lotação. O que dói no amor é essa geral incapacidade de amar devagar e continuado, que eu não sei direito se é culpa dêste século ruim ou responsabilidade específica da baixa alquimia em que fomos trabalhados, nós, os perdidos de amor, os traídos do amor. Nós, os sem amor.



1 LOGO SERIA O SORRISO — A «campanha revolucionária» de menos de trinta dias fôra quase um convescote ambulante. O Chefe das fôrças deixou o seu palácio, em Pôrto Alegre, atrelou o seu trem de campanha na retaguarda dos revolucionários e veio, de discurso em discurso, de banquete em banquete e de ovação em ovação, até o Palácio do Catete. A chegada, aqui no Rio, foi um delírio — contam os jornais da época e dizem, melhor ainda, os instantâneos daquele dia. O homenzinho gordo e risonho aparecera, de repente, de farda reúna e talabarte marcial, no balcão do palácio. Era o seu primeiro encôntro com o povo que iria governar durante tanto tempo, mas o impacto da multidão febril e ruidosa como que lhe encheu de um secreto terror: e em vez de riso franco, que o acompanhara durante tôda a campanha, o que o povaréu do Rio ganhou, naquele primeiro contacto com o chefe foi uma fisionomia duramente carregada, quase fúnebre.

Mas logo seria o sorriso: fácil, feliz, enorme, e sem tempo de acabar.

2 NINGUÉM PODE COM O TEMPO — O tempo ao próprio tempo mata, disse o poeta, e disse bem. Há vinte e cinco anos atrás, quando da assunção getuliana, anunciavam-se grandes e valentes coisas; mas por uma dessas coincidências amargas, foi precisamente a Vargas, a quem a Revolução incumbira de «moralizar os costumes políticos e administrativos», que coube chefiar governos, legais ou de fato, nos quais se verificaram os mais escabrosos escândalos da República, do peculato à negociata, da concussão ao «barato» do jôgo, do nepotismo às estroinices da Cexim. O tempo, que nada perdoa, pôs abaixo todos os ídolos de trinta, engordou os idealistas, afogou boas intenções no mar das sinecuras e dos negócios. Poucos se salvaram do desastre geral. E, quase sòzinho, o Chefe continuou a sua marcha insegura e incoerente, prendendo-se a uns e outros, libertando-se de todos, provando sem mêdo de tôdas as panacéias políticas ou de emergência que lhe garantissem a perpetuidade do seu continuismo risonho e sôlto.

TODOS OS RÓTULOS NA MESMA GARRAFA



25 ANOS DE GETÚLIO

NAS VÉSPERAS DO 3 DE OUTUBRO (de 30) ÊLE AINDA ESTAVA INDECISO, MAS ACABOU ACEITANDO E FICANDO. — À MARGEM DO SEU LONGO CAMINHO, DESTROÇOS DE HOMENS E IDEAIS

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO **(Fotos do arquivo da REVISTA DA SEMANA)**

IMAGINE-SE um Chefe de Estado feito cobaia, sujeitando-se complacentemente a todos os experimentos políticos e sociais do século: pulando da esquerda para a direita, e vice-versa, com a desenvoltura de um ágil acrobata e se adaptando aos mais esquisitos recipientes e de rótulos os mais estranhos: assim tem sido Vargas nestes últimos vinte e cinco anos do seu manhoso e inquieto artezanato federal.

Que deixará êsse quarto de século getuliano de bom e de ruim? Ainda é cedo para um balanço justo e frio. A caminhada, de 30 a 54, foi longa, alegre às vêzes, muitas vêzes penosa. E à margem da estrada comprida e versátil se empalham, putrefatos ou novinhos em fôlha, cadáveres de homens e idéias. Só a posteridade, com a imparcialidade dos coveiros, poderá remover o entulho, para que a História continui.

Os flagrantes fotográficos que estampamos nesta e nas páginas seguintes foram exumados do arquivo onde dormiam tranquilos e esquecidos. Hoje são apenas fotografias velhas, algumas outras ainda palpitantes. Mas amanhã serão um capítulo de nossa História a respeito do qual os nossos netos terão o definitivo julgamento, justo e sábio.





3 — EXÉRCITO, GUARDA PRETORIANA — Getúlio, que fôra trazido em 30 pelas fôrças armadas, conseguira, pouco a pouco transformar o Exército nacional numa guarda pretoriana a seu serviço. Não fôra o apoio do Exército e êle não teria sufocado a revolução constitucionalista de 32 e dado o golpe de 37. No flagrante, de 1936, o então Chefe do Govêrno Provisório aparece, assistindo a manobras militares, ao lado daqueles que, na época, eram os seus três principais suportes: generais Gaspar Dutra (no centro), Newton Cavalcânti e Góis Monteiro.

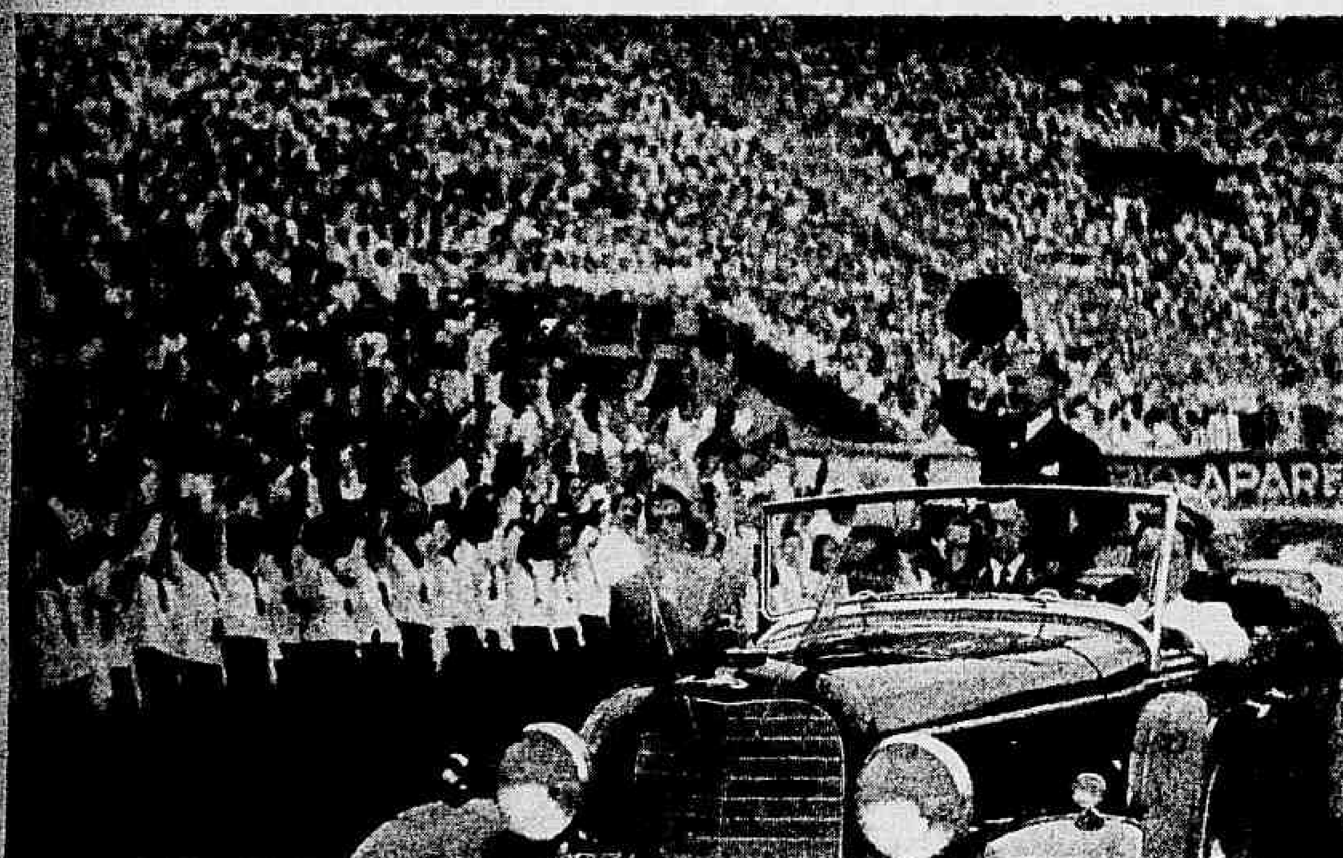
4 — O «TEMPERAMENTO TELÚRICO» — O gal. Justo, da Argentina, visitou o Brasil duas vêzes: em 34, quando era Presidente, e em 38, quando já não o era. Vargas prometeu pagar as visitas, mas não pagou. Getúlio é de poucas andanças: em 25 anos de govêrno, suas viagens foram quase tôdas de cabotagem — «tournées» eleitorais e comemorativas, pelo país, ou visitas a países excessivamente vizinhos. Os turiferários do Dip, com Frischauer à frente, escreviam que Vargas não viajava mais porque não o permitia o seu «admirável temperamento telúrico».

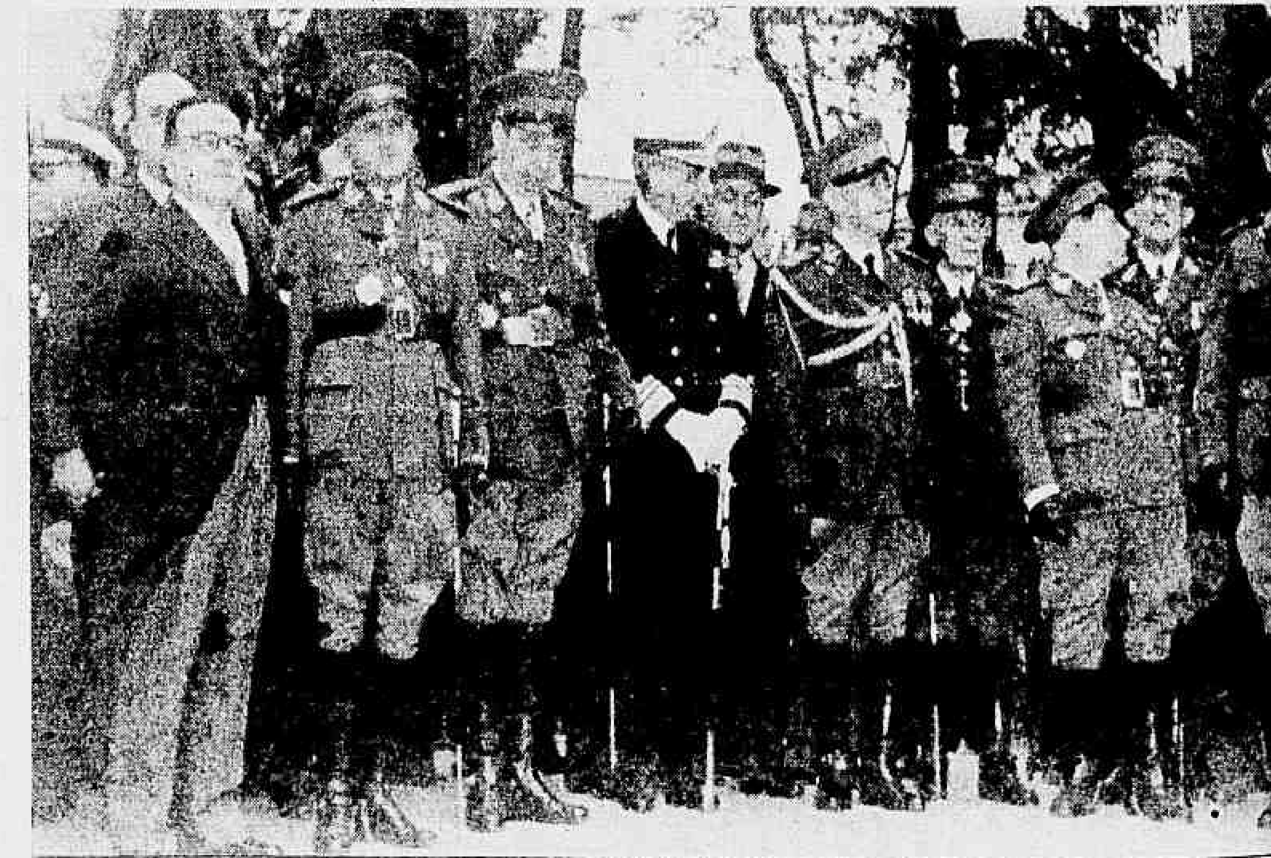




7 — VINDE A MIM AS CRIANCINHAS — Quando subia para Petrópolis, acompanhando o Chefe, o Dip também tinha os seus cacoetes estivais. Um dêles, o mais comum, era aquêle de fotografar Vargas, numa rua qualquer nas proximidades do Rio Negro, cercado por um grupo de crianças, tôdas irmanadas numa espécie de garrulice compulsória. De lá para cá as coisas mudaram muito. Os passeios urbanos, na serra, já não são tão constantes e descobertos; às crianças cresceram tôdas, viraram eleitores; e, como tais, possivelmente não votarão nêle.

8 — O MINISTRO JÁ ERA DO CONTRA. Dezembro de 1940. Aqui dentro de casa, as coisas correm bem: o Estado Novo vai de vento em pôpa, graças ao desenvolvimento da guerra e, no país, à diligência da polícia política de Filinto Muller, a cujo ôlho de lince (alemão) nada escapa. De maneira que não custa nada ao Chefe fazer periódicas barretadas à Justiça. O flagrante acima é de uma dessas barretadas: Vargas, em dezembro de 1940, visitou o Tribunal de Apelação do D.F. Com exceção de Ribeiro Costa que franziu a cara, todos o receberam bem.





11 — ENTUSIASMO COMPULSÓRIO — Um ano após, a multiplicação do dinheiro novo já é desenfreada; mas como, por causa da guerra, estamos vendendo mais do que comprando, tudo vai às mil maravilhas. E o Chefe, de pé no carro aberto e de bandeirinha na mão, pode mais uma vez dar a sua voltinha pelo campo do Vasco, e recolher os aplausos. Meninos, meninas e representações sindicais agitam flâmulas e cantam hinos briosos. Há em seguida um hiato de silêncio, voam pombos. Ouve-se, em seguida, a voz que começa: «Brasileiros...»

12 — OS FORTES — Diante do monumento de Caxias (quando êle ainda era no Largo do Machado) agrupam-se em tôrno do Chefe os homens fortes do Estado Novo. O general Dutra ainda era aquilo que a gente sabe: intratável, carrancudo, um bicho papão. Mas o general Góis não exibe a Cruz de Ferro que Hitler lhe deu. Quanto ao general Newton Cavalcânti, afasta-se modestamente para um segundo plano, à espera, talvez, de reassumir o pôsto de inquisidor político que tanta fama (triste) lhe deu em 36 e 37. O grupo conviveu feliz ainda 4 anos.



5 — O CASAMENTO DE ALZIRINHA — Em julho de 39, quando casou com a filha do Presidente, o cap. Amaral Peixoto começava a engordar. O casamento foi uma festa íntima, porém brilhante. A Ditadura vivia o seu instante mais feliz, amparada por tabela pelos sucessos internacionais de Hitler e Mussolini que também enviaram mimos aos nubentes. O instantâneo acima foi tirado no Guanabara, logo após a cerimônia civil, e nêle aparecem, entre outros, os noivos e os sogros. Vemos à esquerda, bela e elegante, a senhora Gustavo Capanema.



6 — HITLER E MUSSOLINI GANHARÃO A GUERRA — Não são longos os amôres do sr. Vargas, mas pelo «palhinha» êle manteve demorado afeto. Em 1941 é que Silva Gomes perdeu o freguês, que se rendera ao «embaixador» de aba levantada. Em 1940, Vargas, guarnecido pelo último «palhinha», vence mais uma batalha da sua legislação trabalhista, inaugurando na Ilha do Viana a «Vila dos Marítimos». Um mês antes êle profetizava o fim da guerra: venceriam os totalitários, e seriam esmagadas as democracias «envelhecidas e decadentes».



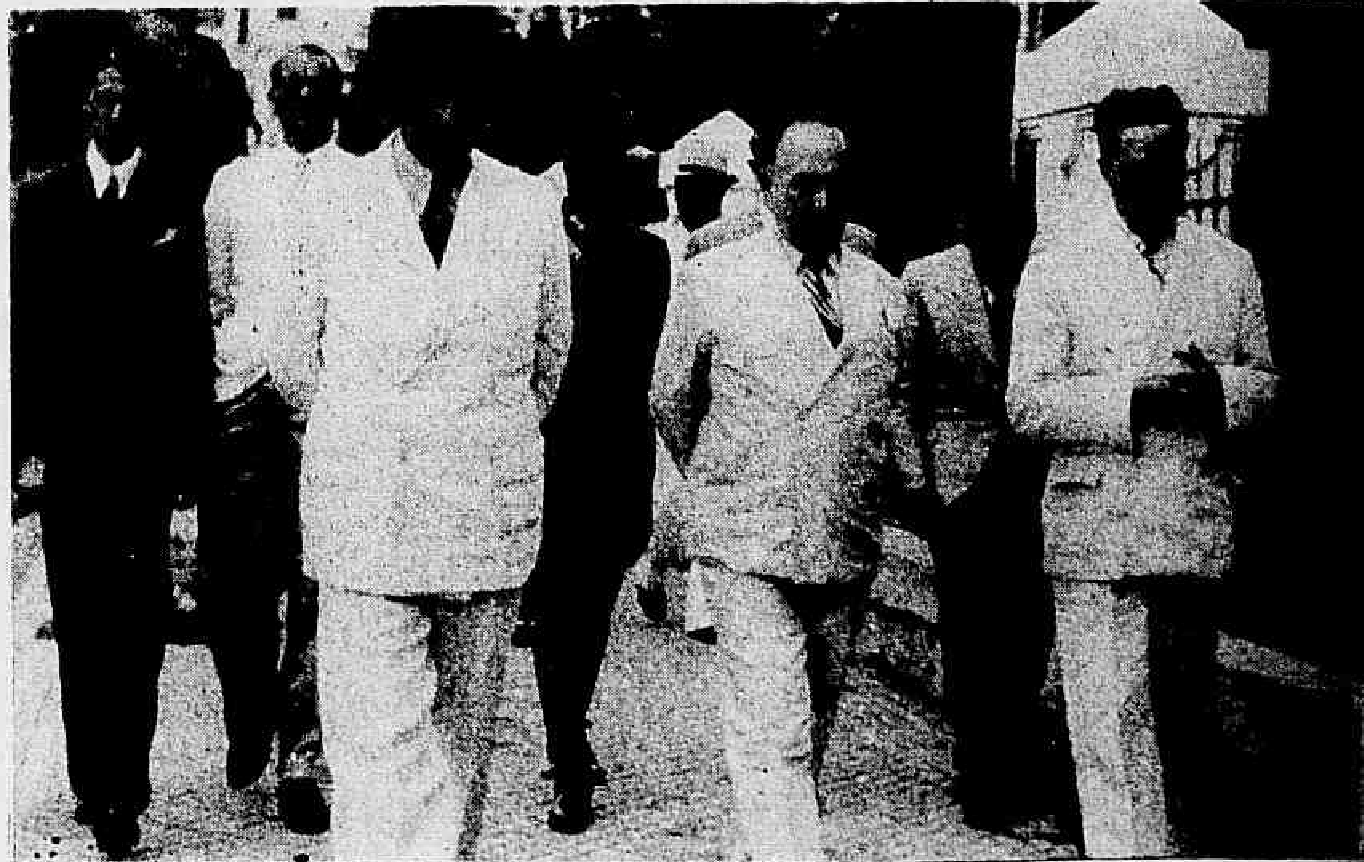
9 — O DR. JÁ ERA FEIO — Nereu Ramos (em 1940, quando Getúlio o visitou, já era feio) não foi dos piores interventores, embora rezasse, e com unção, pela mesma cartilha totalitária de Vargas. Vale, como obra marcante, a obra de nacionalização que levou a efeito, com a ajuda de Ivo d'Aquino, no Vale do Itajaí. Em outubro de 1940, Getúlio foi até Sta. Catarina, visitar o seu delegado local. No banquete oficial o Chefe recebe os cumprimentos do Interventor. À esquerda, o falecido almirante A. Guilhem, que foi ministro da Marinha por mais de 6 anos.



10 — DINHEIRO NOVO — 1940, primeiros dias de setembro. Nesse ano, como comemoração ao dia maior da Pátria, o ditador entregará aos brasileiros uma dádiva ridente e grácil: dinheiro novo. Mas o ministro Souza Costa fazia questão que as primeiras cédulas, de 1.000 e 200 cruzeiros, fôssem rubricadas pelo Chefe. A solenidade teve lugar no Palácio do Catete, no dia seis: munido de uma bonita caneta de ouro, Getúlio Vargas traça sôbre o dinheiro novinho em fôlha, vindo de Londres, o signo da desvalia. Era êste o começo da nossa inflação.



13 — O CAPÍTULO COMOVENTE — A morte de Getúlio Vargas Filho comoveu o Brasil inteiro. Quem o conheceu de perto, fala dêle como de um rapaz simples, inteligente, sem vaidades nem arrogâncias, aplicado nos estudos e com amizades, inclusive, entre paulistas de 32. A foto é de 19 de março de 1941, dia do batizado (na igreja do Guanabara) do pequeno Getúlio Vargas, filho do casal Jandira-Ruí da Costa. Nela aparecem Getúlio, Getúlio Vargas Filho, e, nos braços dêste, o seu sobrinho, o pequeno Getúlio Vargas, de apenas dois meses de idade.



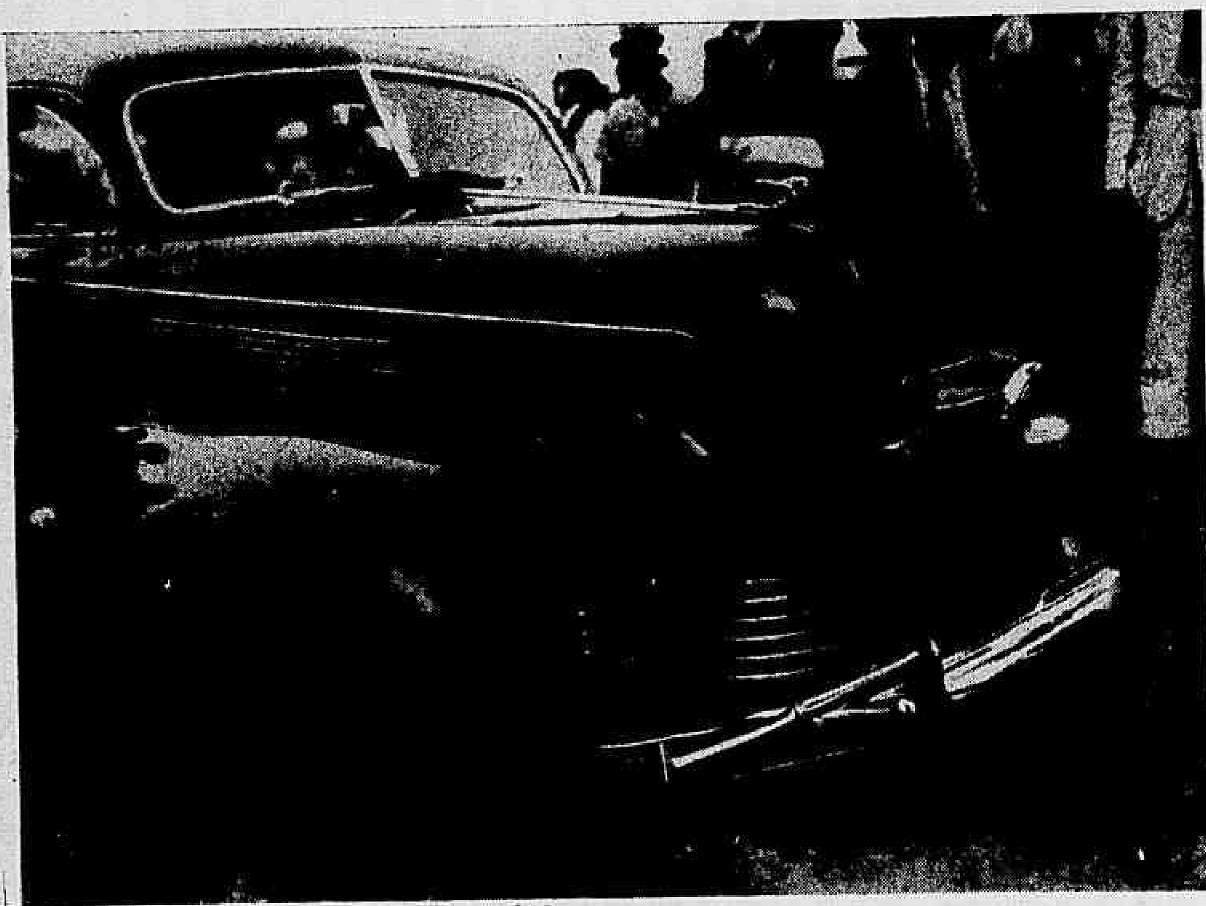
14 — BENEDITO GANHA VISITA — Vargas foi buscá-lo numa obscuridade pacata, transformou-o em homem de muitos poderes. Por quê? A História ainda não fêz luz a respeito, mas, naqueles tempos, falava-se às escondidas que o Chefe divertia-se a valer com as tiradas bisonhas de Benedito — e nêle tinha o seu jogral preferido. O instantâneo é de 1943. Getúlio Vargas vai a Minas em visita cordial. Benedito Valadares o recebe com pompa e circunstância. Há um monumental baile de gala, churrasco tenro, e muitos descursos sadios.





15 — HITLER PERDEU A PARTIDA — O tempo e os acontecimentos correram depressa nos últimos meses — e aí está o ditador que anunciara a falência do mundo democrático já agora devidamente enquadrado no mundo aliado. Logo será a declaração de guerra. E enquando ela não vem, o Chefe vai-se predispondo ao ato, procurando as companhias da modá. O instantâneo é de um almôço, em Petrópolis, de homenagem a Vargas. Nêle o ditador aparece, ainda meio «groggy» pela guinada violenta, entre o embaixador Caffery e James Farley.

16 — A GUERRA! — No dia 28 de fevereiro de 42 Vargas reúne os ministros, e quando a reunião acabou, tudo estava consumado: era a guerra! O Brasil se aliara definitivamente ao bloco aliado. Hitler perdera definitivamente a partida. No instantâneo oficial da reunião famosa, Getúlio aparece ao lado dos auxiliares graduados: Mendonça Lima (na cabeceira), Guilhem, Aranha, Souza Costa, Vasco Leitão da Cunha, Dutra, Capanema e Salgado Filho. Vasco Leitão da Cunha, ministro do Exterior interino foi o homem que derrubou Filinto Muller.



17 — A MORTE ESPERAVA NA ESQUINA — Foi em maio de 42. O Cadillac da Presidência da República, com o Chefe dentro, descia a rua Silveira Martins em direção à Praia do Flamengo. Na esquina, a morte, disfarçada num caminhão célere e pesado, esperava confiante: foi um baque surdo e rápido. E como um ditador inválido é apenas meio ditador, fala-se que o chefe fraturado será removido do poder, deixando o lugar a um general mais afoito. Mas as fraturas que sofreu no desastre se consolidam — e Getúlio Vargas continua.





18 — A REASSUNÇÃO — Entre o penúltimo instantâneo desta página e êste aí de cima, muita coisa aconteceu. O ditador foi derrubado, o doutor José Linhares assumiu por três meses o poder, houve eleições com a vitória, inesperada, do general Dutra, e, na fronteira, punha a clâmide de mártir e o elmo de herói. O quinqüênio de Dutra, rigorosamente dentro da lei, protegia a crescente reconstituição do «Pai dos pobres». E o resultado só poderia ser aquêle: a reassunção, nas eleições de 50, como Presidente constitucional. Ia começar tudo de novo.

19 — A «ERA» CHEGA AO FIM — No último quadro do seu último govêrno, volta o sr. Vargas a ser fator de graves ocorrências. O frio espingardeamento do major Vaz indignou o povo inteiro, inflamou a revolta nas classes armadas, pôs o país em pé de guerra. Durante vários dias, Vargas ficou ilhado no Catete, sem mando, sem poder, sem prestígio, ao sabor daqueles que, com Eduardo Gomes e Zenóbio da Costa à frente, haviam assumido o real comando da Nação. Uma coisa não se discute: é que pinga um melancólico ponto final da Era Getuliana.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

O QUE PODE ACONTECER

PAULO SOLEDADE

● Êste ano, a Praça Tiradentes vai apresentar a mais interessante disputa já travada no teatro musicado desta cidade. Válter Pinto, que vem sendo o único empresário capaz de obter bons resultados naquele tradicional reduto, terá que se esforçar ao máximo para manter a sua liderança. Tive informações da linda Nelly Daren, «estrêla» do rádio, cinema, televisão e teatro argentinos, que levam-me a crer seja a temporada do «Follies Bergère» coroada de um êxito sem precedentes no teatro de revista brasileiro. Soube de um quadro intitulado «Marfins chineses», outro «Sinfonia em rosa», e especialmente o «Metro», concepção interessantíssima que mostra até onde se pode tirar efeito da «mise-en-scène» neste gênero de teatro. Há a passagem de um trem cujo som e iluminação convencem estupendamente, enquanto embaixo de uma ponte acontece um baile magnificamente valorizado pelo efeito de luzes que se apagam e se acendem intermitentemente, dando um resultado que merece aplausos durante a realização do quadro. Soube também das vedetas Xenia Monte e May Avril que são excelentes, na opinião da interessantíssima Nelly Daren. Consta que esta temporada só não foi prolongada em Buenos Aires porque havia compromissos a serem cumpridos em outros países, e que embora os preços fôssem elevadíssimos, o público portenho deixou de assistir a tudo que havia nos outros teatros para poder ir ao «Follies Bergère». Isto é sem dúvida uma ameaça para Válter Pinto e Carlos Machado, que haviam combinado um encontro na Praça Tiradentes êste ano. Resta saber se estarão juntos na mesma época, e se o público argentino está habituado a ver montagens equivalentes às que Válter Pinto vem apresentando nos últimos anos.

Quanto a Carlos Machado, apresentará seu «show» «Esta vida é um carnaval», de grande sucesso, incluindo alguns quadros de «Satã dirige o espetáculo». Terá naturalmente de adaptá-los para revista e valorizá-los com montagem e cenários de mais efeito para serem vistos à distância. Esperemos portanto o que irá acontecer nos próximos meses naquela praça.



NELLY DAREN

«Estrêla» do cinema argentino, filmou em Quitandinha «Não me digas adeus», com Anselmo Duarte; achou o «Follies Bergère» ótimo e exaltou suas vedetas Xenia Monte e May Avril.

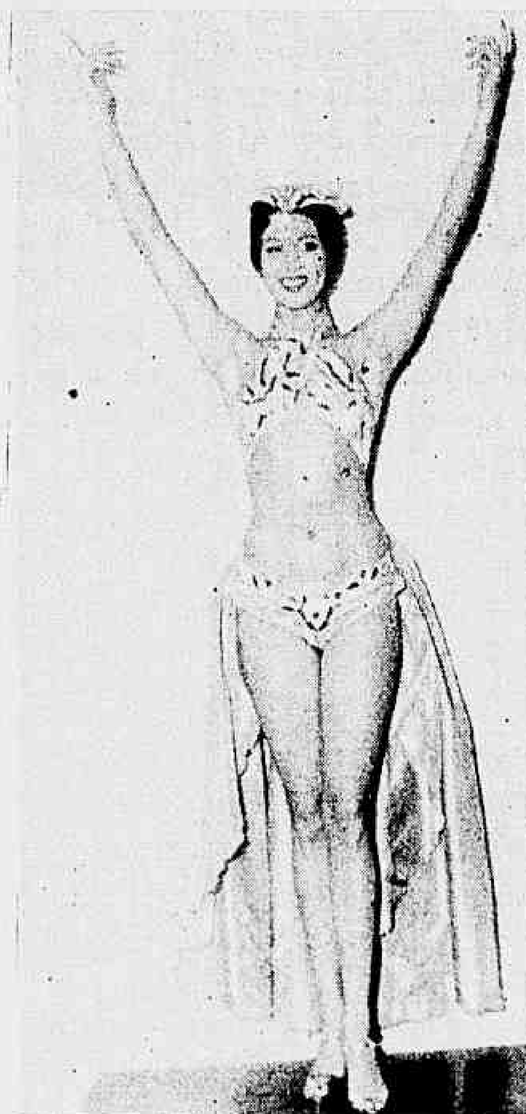
DIVERSAS

★ Válter Pinto vem trabalhando há muito tempo para apresentar o seu espetáculo dêste ano. Procurou entrar em entendimentos com Elizete Cardoso, a excelente cantora que tôdas as vêzes que se apresentou no palco conseguiu sucesso absoluto. Elizete mostrou desejo de trabalhar com Válter, dependendo apenas de qual será a importância e qualidade do seu papel, e em que condições seria apresentada no elenco do «Teatro Recreio».

★ As orquestras estão acabando. Zacarias só toca para gravações, Severino Araújo resolveu fazer «tournée» pelo interior e exterior, e Carioca também dissolveu a sua. Isto não tem jeito mesmo. Será que ninguém dá apoio a êsses excelentes maestros da nossa música popular? E que cada vez mais tenhamos de caminhar para trás?

★ Brício de Abreu é o autor do «script» que será apresentado no Teatro Jardel. Silva Filho e Chocolate defenderão a parte cômica. Lili Marlene, que foi rainha das atrizes, será a vedeta e o seu nome está sendo anunciado na frente de Leony Alex, a francesinha que veio de Paris para o «Casablanca». Essa Lili arranja cada coisa . . .

★ Ouvi dizer que no «Teatro Jardel» haverá um quadro sôbre a Ceia dos Cardeais (ainda?). Júlio Dantas proibiu fôsse a sua peça levada no Brasil, dado o grande número de paródias apresentado pelo nosso teatro de revistas e que contribuíram enormemente para a desmoralização do seu trabalho. Vilaret e Sérgio Cardoso tiveram permissão especial e acredito que Brício de Abreu já tenha feito o mesmo. Ou será um texto de Acioly Neto chamado «Cardeal da Favela», feito pelo Grande Otelo no «show» «Como é diferente o amor em Portugal»?



DEBORA DINARTE

Estêve no «Monte Carlo», «Casablanca» e «Esplanada», em São Paulo. Atualmente se apresenta no «Follies», e no «show» de Silveira Sampaio, «No país dos cadilacs».

NOVO GÊNERO

● A ida de Carlos Machado para a Praça Tiradentes deverá marcar uma nova fase no nosso teatro musicado. Por sua estréia saberemos se Válter Pinto está ou não com a razão. Tôdas as grandes companhias da América estão apresentando espetáculos que diferem dos da Europa e do Brasil na construção do «script». Lá não se concebe apresentar um espetáculo com quadros variados sem um seguimento lógico dentro da mesma idéia, e é claro que é muito mais difícil ter de se escrever um espetáculo com essas características. Quadros isolados, sem compromisso com os quadros anteriores, podendo abordar assuntos variados, como acredito, seja o que o «Follies Bergère» nos vai apresentar, dão margem a montagens mais interessantes, mas não têm o mesmo mérito. Com «Esta vida é um carnaval», Carlos Machado criará um novo estilo, pela primeira vez, na Praça Tiradentes; veremos se o público vai aceitar essa nova modalidade. Mesmo no caso de não ser devidamente realizado para teatro, por se tratar da adaptação de um «show» de buate, poderemos sentir a reação. E talvez isso obrigue Válter Pinto a, daqui por diante, armar os seus espetáculos em moldes mais modernos. Ou então ainda não estaremos preparados para êsse progresso, e seu Válter é quem está com a razão.



DAISY MAY

Foi «girl» da Companhia de Siwwa Tzen, no «Teatro Jardel», no «Copacabana» foi promovida a vedeta, e está atuando com destaque em «As urnas vão rolar», no «Recreio».

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

DIÁRIO DE UM CEARENSE EM 1944

ANTONIO MARIA

● **11 de maio (Rio).**

AS cartas de apresentação que eu trouxe não valeram de nada. Cearense que enriqueceu aqui no Rio é a pior raça que tem. Já estou farto dêsse negócio de «vá jantar um dia lá em casa». Hoje, vou falar com a dona Celina, dizer que reconheço a dívida de 900 cruzeiros, mas o meu dinheiro são só 180 cruzeiros, que é pra comprar cigarro e ir ao cinema. Devo reagir a todo e qualquer emprêgo de menos de um conto e quinhentos. Para viver mal, eu ficava em Fortaleza, bebendo água do Acarape, conversando com a turma na Praça do Ferreira ou, então, ia para Guaramiranga e me enterrava lá de vez. E dona Clarice? Estou com uma ligeira desconfiança que êsse negócio vai dar em encrenca. Enfim, seja lá o que Deus quiser.

12 de maio (Rio) — Meu pai é uma boa pessoa, mas muito ruim de aritmética. Quando eu vim (depois de amanhã vai fazer um mês), me deu mil e cem cruzeiros. Hoje, me escreveu, dizendo, apenas isto: «não se meta a gastar o que não pode. O dinheiro que você levou deve durar 3 ou 4 meses, até você arranjar colocação». Sinto que estou ficando de intenção em dona Clarice. Se acontecer qualquer coisa, a culpada é ela. Não sou eu que puxo conversa e as coisas que digo é tudo conversa direita, de colega de pensão. Havia necessidade de ela pedir para eu não sair de noite?

Falei com a dona Celina e ela mostrou-se muito educada. Está disposta a esperar mais um mês. Hoje, pela primeira vez, tomei chope. Não achei nada demais. E' o mesmo que cerveja.

13 de maio (Rio) — Dona Clarice continua naquela mesma coisa de olhar, de ficar rindo, de inventar coisa que me agrade e de me dar razão nas conversas. Por que ela não abre logo o livro? Eu sou tenro de coração e acabo gostando mesmo. Se eu gostar, não tem êsse negócio de marido primeiro tenente, nem de pai usineiro não. Com qualquer dois contos de réis que me derem, arranco com ela daqui para o Ceará e ela vai ver êsse menininho de cabeça plana como são fáceis de nascer. Ontem, por exemplo, quando a gente estava tocando vitrola, houve uma hora em que ficamos nós dois sòzinhos. Tenho certeza de que ela não estava natural. Eu também não estava. Agora, se ela queria que eu falasse primeiro, perdeu tempo. Mulher facilita, provoca, falseteia e, quando a gente vai falar sério, grita: «Socorro! Tem um homem aqui»! O que eu estou precisando é de trabalhar. Os meus 180 já estão em 95.

14 de maio (Rio) — Eu devia tirar essa tal de Clarice da minha cabeça. Também está só na cabeça... deixa ficar. Fui ao futebol. Não vi nada demais. Center-forward igual a Jombrega (posso dizer sem bairrismo) aqui não tem. E back por back, eu ainda prefiro o nosso Popó. Aliás, saindo do Ceará é que a gente vê quanto Fortaleza vale. Praia não tem nenhuma igual a Mucuripe; praça, eu quero a do Ferreira, não quero nenhuma daqui; cinema (já fui a três — o Olinda, o Primor e um tal de Roxy): o melhor não ganha do Diogo. Dizem que o que é bom aqui é hotel. Mas, em Fortaleza, nós temos o Excelsior, que não é mau. Pelo menos, é familiar. João Estiarino, cearense do Crato, me chamou para trabalhar com êle. E' negócio de água marinha. Amanhã vou tratar as bases. Recebi, hoje, um livro do Girão Barroso (Antônio), com uns versos de primeira ordem. Êsse moleque devia estar era aqui e não no «Unitário», perdendo noite e ganhando micharia. Oh cabra talentoso danado! Tem um negócio que diz:

> «Escreverás sôbre a mesa esquecida e pobre
> Mais um poema perdido na noite e achado horas depois».

Outro que devia estar aqui é o Otacílio Colares. Mas, não quer. São uns frouxos. Agora, nenhum dêles se compara ao falecido Demócrito Rocha:

> «O rio Jaguaribe é uma artéria aberta
> Por onde escorre e se perde o sangue do Ceará».

Meu dinheiro se acaba violentamente. Quando eu estiver em 30 cruzeiros, escrevo ao meu pai.

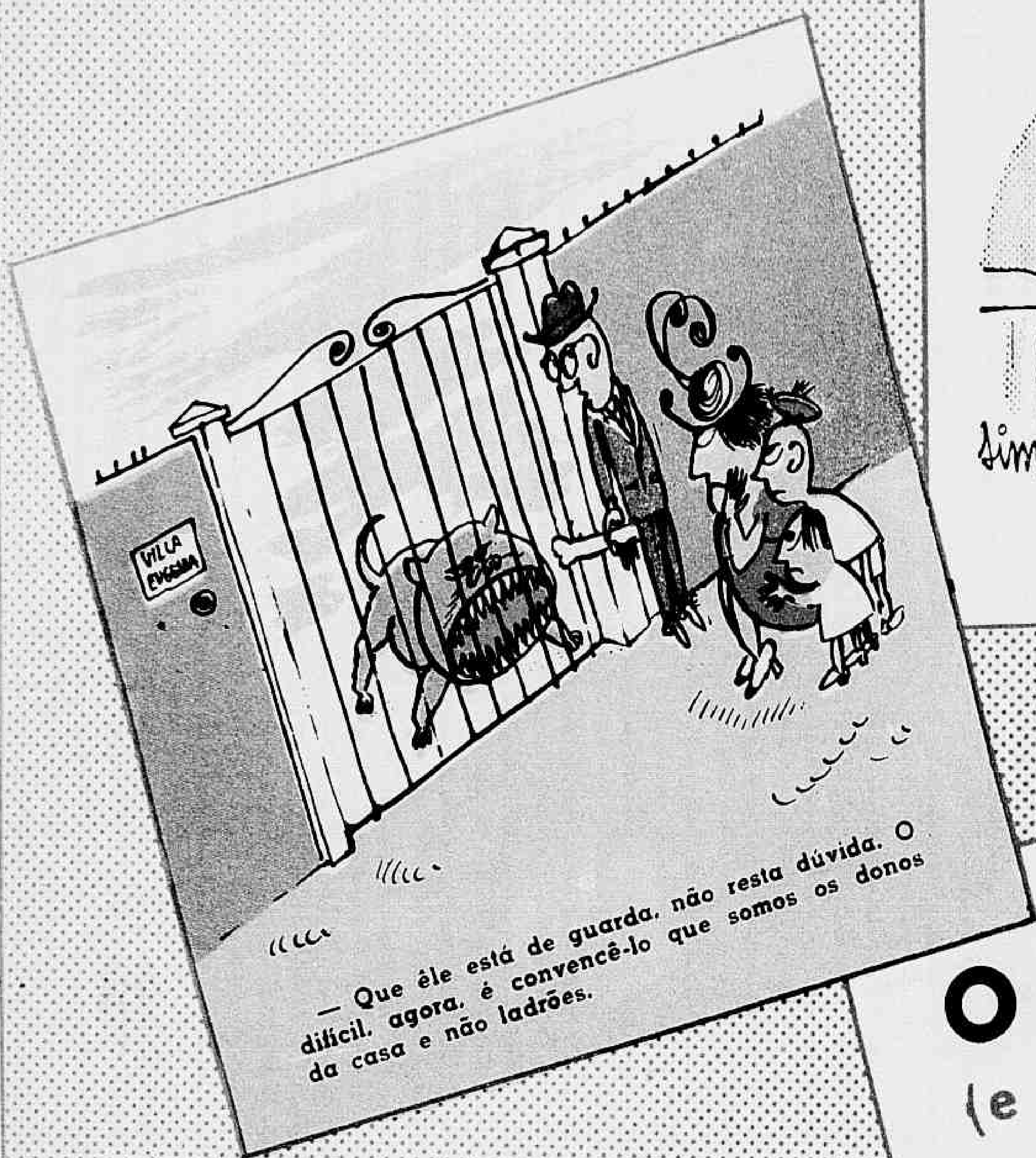
15 de maio (Rio) — A mulher dos outros é uma coisa que deve ser evitada até em retrato. Êsse negócio de amizade simples nunca deu certo. Começa um achando que tem muita afinidade com o outro, que os dois pensam do mesmo jeito e acaba em agarramento. Essa dona Clarice, desde que eu cheguei, começou a me rondar. Hoje, depois do jantar, inventou uma conversa comprida, me chamou de criança, perguntou por que é que eu não entendia (e eu calado) e se eu estava judiando dela. Teve uma hora que a gente se encontrou assim, cara com cara, eu olhei ela estava sem um pingo de sangue no rosto e os buracos do nariz dela abriam e fechavam, feito cassino de jôgo. Eu ainda avisei: «a senhora está brincando com fogo». Mas, ela não deu ouvido, ainda falou mal do espôso, dizendo que cada um tem direito a ser feliz na maneira do possível. Resultado: deu-se.

Epaminondas, quem mandou você sair do Ceará? A essa encrenca tôda, eu preferia estar no Jangadeiro tomando minhas carapinhadas e almoçando, aos domingos, com o Rochinha e o Dudu. Se eu fôsse homem mesmo, pegava o emprêgo de João Estiarino e mudava de pensão. Mas, sou mole de vontade, paciência...

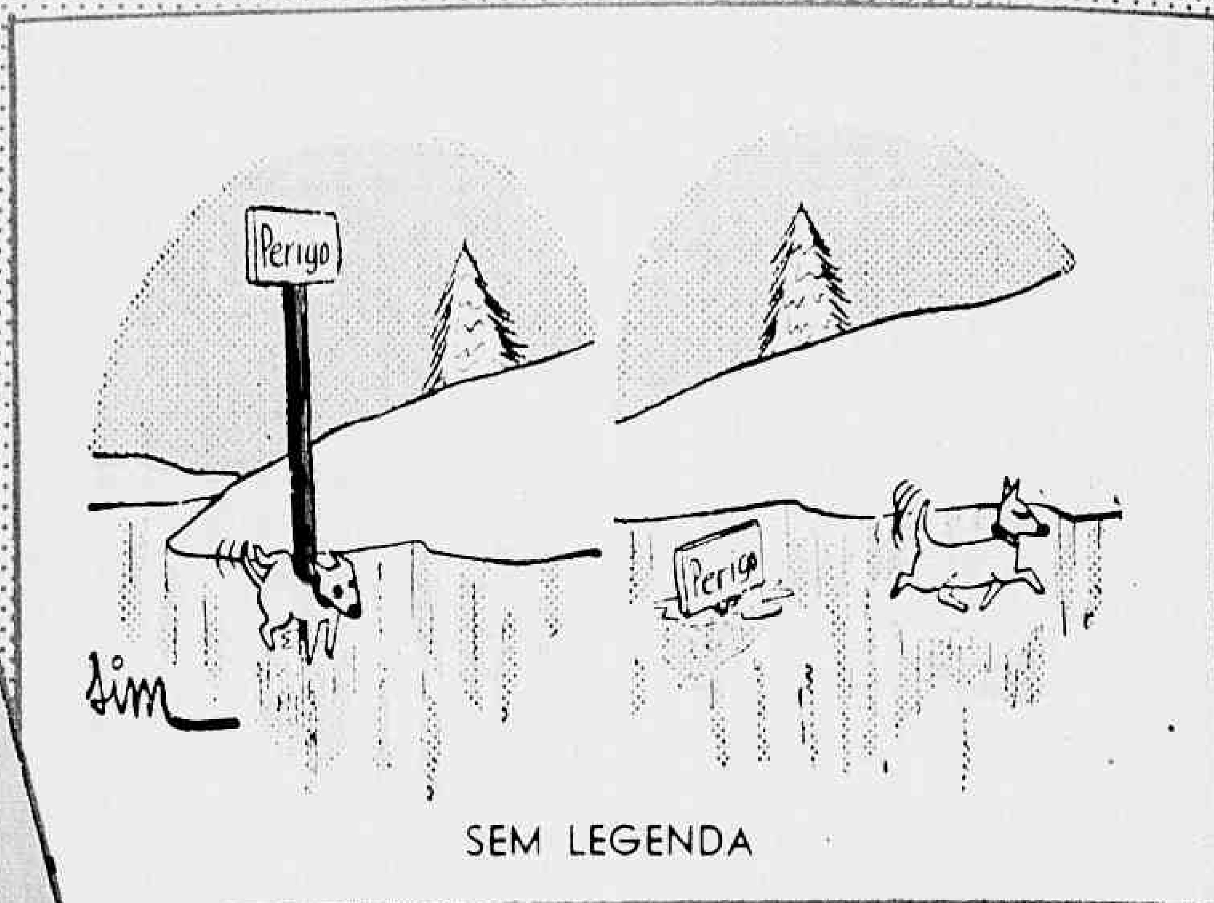
Desenho de CLÁUDIO CORRÊA e CASTRO



O CACHORRO (e seus problemas) NO RISO DOS OUTROS



— Que êle está de guarda, não resta dúvida. O difícil, agora, é convencê-lo que somos os donos da casa e não ladrões.



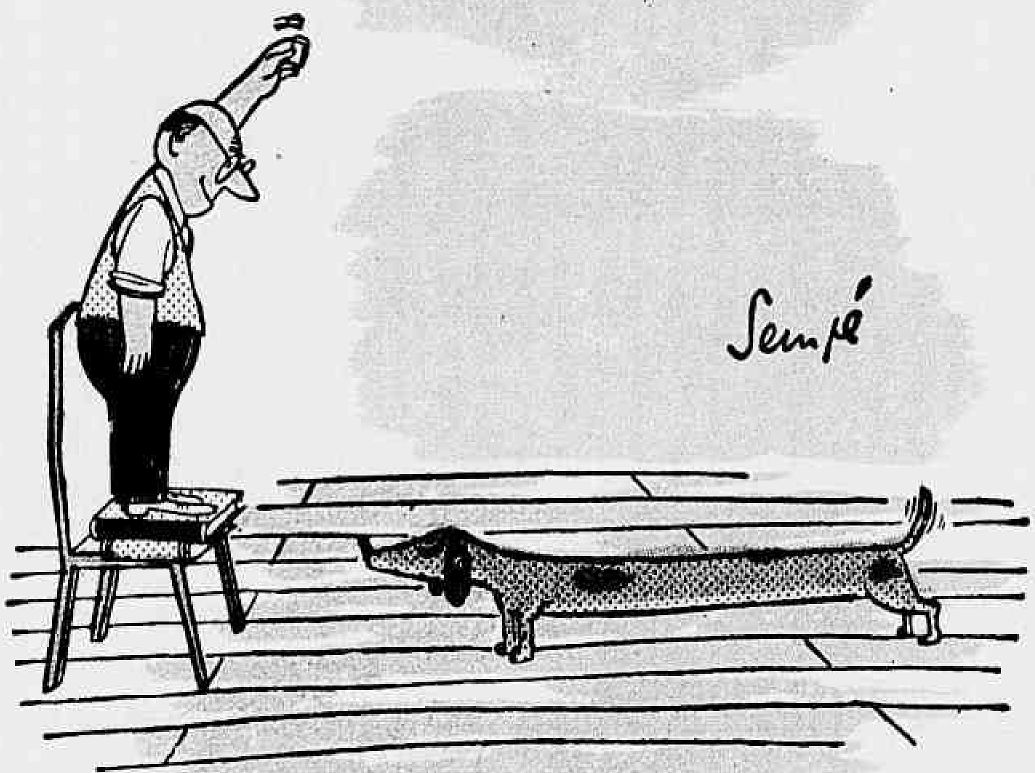
SEM LEGENDA



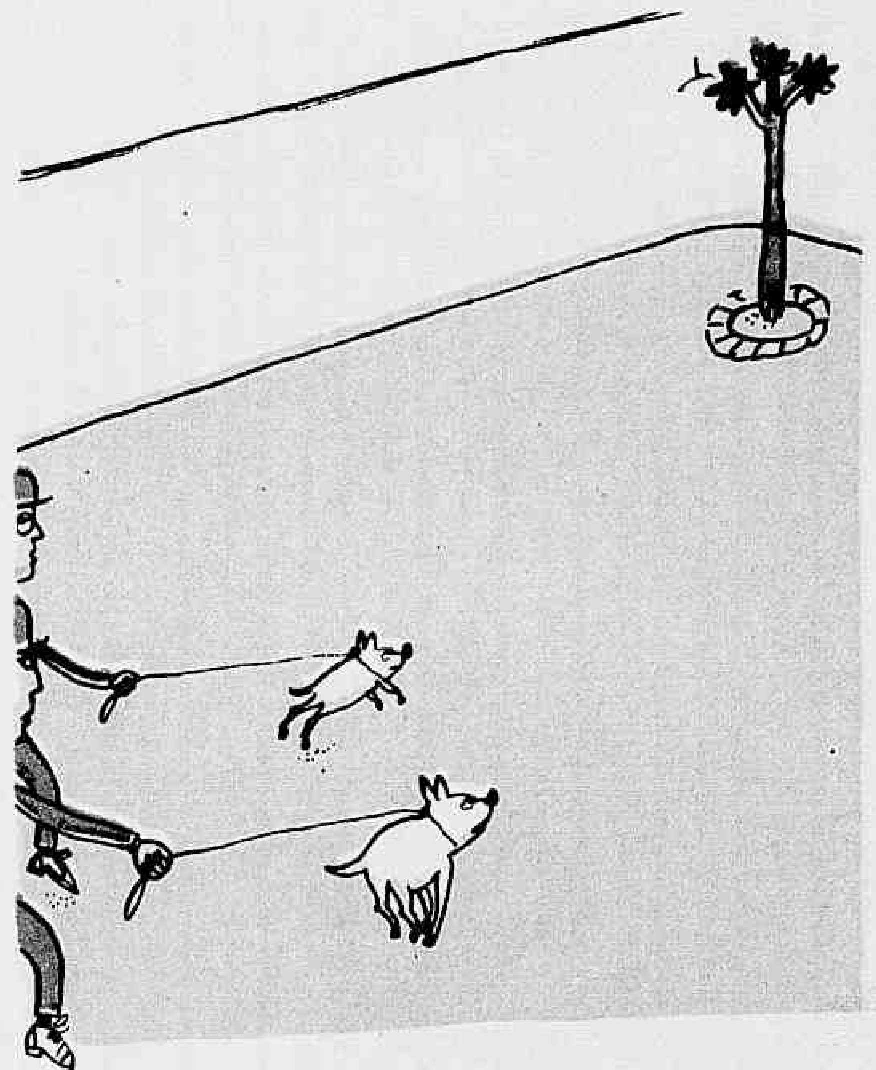
SEM LEGENDA



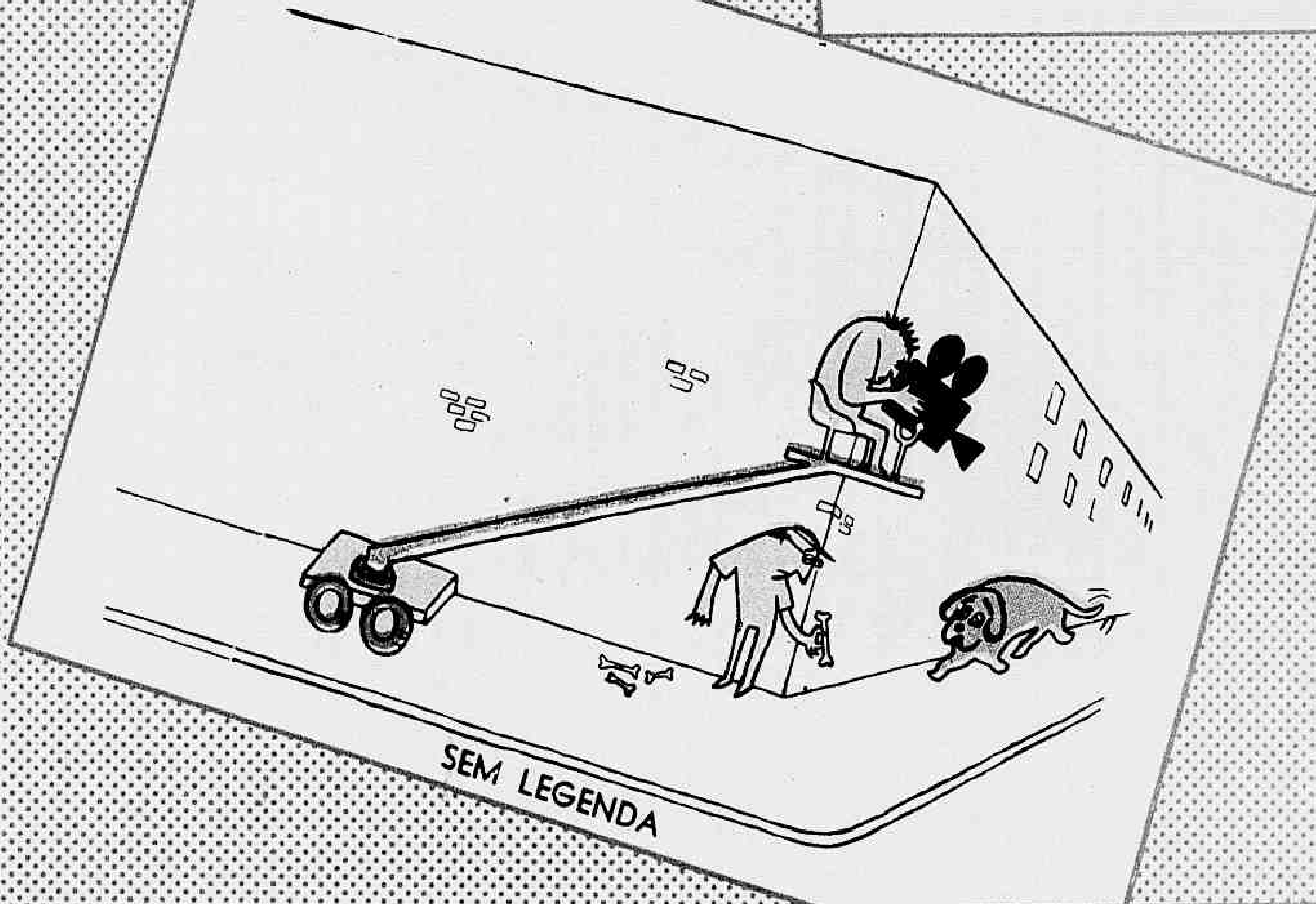
SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



— O meu viu primeiro!



SEM LEGENDA



— E' inútil você pentear-se. Vai ficar em casa.



— Calma, idiota! O cão é você mesmo!


MARIA
Romance de JORGE ISAACS

— Tudo! Tudo!

Creio que não falo apenas com um filho, mas também com o cavalheiro que em ti tratei de formar.

Minha mãe ocultou nesse momento o rosto num lenço. Meu pai, talvez enternecido por essas lágrimas e, possivelmente, também pela resolução que em mim encontrava, conhecendo que a voz ia faltar-lhe, deixou por uns instantes de falar.

— Pois bem — continuou — pôsto que esta nobre resolução te anima, fica estabelecido comigo que antes de cinco anos não poderás ser espôso de Maria. Não sou eu quem deve dizer-te que ela, depois de haver-te amado desde menina, te ama hoje de tal maneira, que emoções intensas, novas para ela, foram as que, segundo Mayn, fizeram aparecer os sintomas da enfermidade, isto é, que teu amor e o dela precisam de precações, e que por isso exijo que que me prometas, para teu próprio bem, visto que tanto assim a amas, e para o bem dela, que seguirás os conselhos do médico diante dêste problema. Não deves prometer a Maria, pois que a promessa de ser espôso uma vez cumprido o prazo que marquei, faria o teu tratar mais íntimo, e é isto justamente o que se trata de evitar. Inúteis são para ti mais explicações. Seguindo esta conduta, podes salvar Maria; podes evitar-nos a desgraça de perdê-la.

— Em recompensa de tudo o que te concedemos, disse voltando-se para minha mãe, deves prometer-me o seguinte: não falar a Maria do perigo que a ameaça, nem revelar-lhe nada do que esta noite se passou entre nós três. Deves saber também minha opinião sôbre teu matrimônio com ela, se sua enfermidade presistir depois do teu regresso ao nosso lar... pois vamos breve separar-nos por alguns anos: como pai teu e de Maria, não seria de minha aprovação êsse casamento. Ao expressar esta resolução irrevogável, não é demais fazer-te saber que Salomão, nos seus últimos três anos de vida, conseguiu formar um capital de certa importância, o qual está em meu poder destinado a servir de dote à sua filha. Mas, se ela morrer antes de casar-se, deve passar dito capital às mãos de sua avó materna, que está em Kingston.

Meu pai passeou alguns momentos pelo quarto. Crendo eu já estivesse concluída nossa conferência me pus em pé, para retirar-me; mas êle, tornando a ocupar o seu assento e me indicando o meu, reatou o seu discurso com estas palavras:

— Faz quatro dias que recebi uma carta do senhor de M... pedindome a mão de Maria para seu filho Carlos.

Não pude ocultar a surprêsa que me causaram estas palavras. Meu pai sorriu imperceptìvelmente antes de acrescentar:

— O senhor de M... dá quinze dias de prazo para aceitar ou não sua proposta, durante os quais vêm fazer-nos uma visita já prometida há tempos. Tudo te será fácil depois do combinado entre nós, isto é, entre ti e teus pais.

— Boa noite, pois — disse — pondo afetuosamente a mão em meu ombro, acrescentando: que sejas muito feliz em tua caçada. E preciso da pele do urso que matares, para pô-la aos pés de minha cama.

— Está bem, respondi.

Minha mãe me estendeu a mão e, retendo a minha, me disse:

— Esperamos-te cedo. Cuidado com êsses animais!

Tantas emoções se haviam sucedido agitando-me nas últimas horas, que apenas podia balancear uma ou outra, e me era difícil tomar pé na minha estranha e inesperada situação.

Maria ameaçada de morte; prometia assim por recompensa a meu amor mediante uma ausência terrível; prometida com a condição de amá-la menos; eu obrigado a moderar tão poderoso amor, amor que se apoderou para sempre de todo o meu ser, sob pena de vê-la desaparecer da terra como uma das beldades fugitivas de meus sonhos, e tendo que parecer, talvez, ingrato e insensível diante de seus olhos, forçado pela conduta que a necessidade e a razão me obrigam a adotar! Já não poderia eu voltar a ouvir-lhe aquelas confidências feitas com voz comovida; meus lábios não poderiam tocar, sequer o extremo de uma de suas tranças. Minha, ou da morte, entre mim e a morte, um passo a mais para aproximar-me dela seria perdê-la, e deixá-la chorar em abandono, era um suplício superior a minhas fôrças.

Coração cobarde! Não foste capaz de deixar-te consumir por aquêle fogo que, mal encoberto, podia definhá-la. Onde está ela agora, agora que já não palpitas; agora que os dias e os anos passam sôbre mim sem que eu saiba que te possuo?

Cumprindo João Angel minhas ordens, chamou-me à porta de meu quarto ao amanhecer.

— Como está a manhã? — Perguntei.

— Má, meu senhor. Quer chover.

— Bem. Vai à montanha e diz a José que não me espere hoje.

Quando abri a janela me arrependi de haver mandado o negrinho, o qual já ia beirando as primeiras árvores do bosque a assobiar alegremente.

Soprava da serra um vento frio e forte que sacudia as roseiras e agitava os salgueiros, desviando os vôos de uma ou outra parelha de papagaios viajeiros. Tôdas as aves, beleza e poesia do pomar nas manhãs alegres estavam silenciosas, e apenas os «pellares» revoluteavam nos prados vizinhos saudando com seu canto triste o dia de inverno.

Em breve as montanhas desapareciam sob o véu cinzento de nutrida chuvarada, que já deixava ouvir seu crescente rumor ao aproximar-se açoitando os bosques. Em meia hora, turvos e estrepitosos riachos desciam penteando os capinzais das ladeiras do outro lado do rio, o qual, aumentando de volume, troava iraeundo, já se fazendo divisar nas suas voltas distantes o caudal amarelento, desbordante e ondulante.

XVII

Dez dias se haviam passado desde que se realizou aquela penosa conferência. Não me sentindo capaz de cumprir os desejos de meu pai sôbre a nova espécie de trato, que, segundo êle, devia eu usar para com Maria, e preocupado dolorosamente com a proposta de casamento feita por Carlos, havia buscado tôda a sorte de pretextos para afastar-me de casa. Passei aquêles dias, ora encerrado em meu quarto, ora na propriedade de José, outras vêzes vagando a pé pelos arredores. Levava por companheiro em meus passeios, algum livro, que não conseguia ler; minha espingarda, que nunca disparava, e a Mayn que me seguia fatigando-se. Enquanto me via dominado por funda melancolia ia eu deixando correr as horas oculto nos sítios mais agrestes, o pobre cão procurava dormitar enroscado sôbre a folhagem, de onde o desalojavam as formigas ou o faziam saltar impaciente os pernilongos e as ferroadas das mutucas. Quando o velho amigo se cansava da inação e do silêncio, que lhe eram antipáticos apesar de seus achaques, acercava-se de mim e, encostando a cabeça sôbre um de meus joelhos, olhava-me carinhoso, para afastar-se depois e esperar-me a algumas braças de distância no caminho que conduzia a casa. No seu afã para que empreendêssemos marcha, uma vez conseguido que eu o seguisse, se adiantava a fazer exibições de alegria, juvenis entusiasmos nos quais, além de olvidar sua compostura e senil gravidade, saía-se pouco airosamente.

Uma manhã entrou minha mãe em meu quarto, e, sentando-se à cabeceira da cama, da qual não havia eu saído ainda, me disse:

— Isto não pode ser. Não deves continuar vivendo assim; não me conformo.

Como eu guardava silêncio, prosseguiu:

— O que fazes não é o que teu pai exigiu; é muito mais. E tua conduta é cruel para com todos nós e ainda mais cruel para com Maria. Estava persuadida de que os teus frequentes passeios tinham por objeto ir a casa de Luísa, por motivos dos carinhos que te dedicam ali; mas Bráulio, que veio ontem de tarde, nos fêz saber que já fazia cinco dias que não te via. O que é que te causa essa profunda tristeza que não podes dominar, nem mesmo nos poucos momentos que passas em companhia dos teus, e que te faz buscar constantemente a solidão, como se tu estivesses já enfadado de estar com os da família?

Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Maria, mamãe — respondi — deve estar completamente livre para aceitar ou não a boa oportunidade que lhe oferece Carlos; e eu, como amigo dêle, não devo fazer ilusórias as esperanças que fundadamente deve alimentar de ser aceito.

Assim revelava, sem poder evitar, a mais insuportável dor que me havia atormentado desde a noite em que soube da proposta da família de M... Os fatais prognósticos do médico sôbre a enfermidade de Maria ou a dolorosa necessidade de separar-me dela por muitos anos, nada significavam para mim, diante daquela proposta da família de Carlos.

— Como pudeste imaginar tal coisa? — Perguntou-me surpreendida minha mãe. — Apenas por duas vêzes o viu Maria. Uma, quando aqui estêve êle algumas horas, e outra, quando fomos visitar sua família.

— Mas, mamãe, falta pouco tempo para que se justifique ou se desvaneça o que pensei. Parece-me que vale a pena esperar.

— E's muito injusto e te hás de arrepender de assim teres sido. Maria, por dignidade e por dever, sabendo dominar-se melhor que tu, oculta o muito que o teu proceder a está fazendo sofrer. Custa-me crer no que vejo; assombra-me ouvir o que acabas de dizer. Eu que acreditei dar-te grande alegria e reanimá-lo de todo, transmitindo-te o que o dr. Mayn nos disse ontem, ao despedir-se!

— Diga, diga, mamãe! — Supliquei erguendo-me.

— Para que agora?

— Ela não será sempre... não será sempre minha irmã?

— Tarde pensas assim. Ou é que pode um homem ser cavalheiro e fazer o que tu fazes? Não, não. Isso não deve fazer um filho meu... Tua irmã! E te esqueces de que estás dizendo a quem te conhece mais que tu mesmo. E sei que te ama desde que os fazia adormecer, a ambos, sôbre meus joelhos! E é agora que tu o crês? Agora que vinha falar-te disso, assustada pelo sofrimento que a pobrezinha trata inùtilmente de ocultar-me.

(Continua no próximo número)

dução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, filho de fazendeiro do interior da Colômbia, deixara a casa paterna ainda criança, para internar-se num colégio de Bogotá, de onde voltou à fazenda após seis anos. Seus pais e irmãs o receberam com imensa alegria. Como sobrinha e filha de criação, havia a jovem Maria, a quem todos dedicavam grande amizade. Efraim e Maria, porém, começaram a amar-se, o que era para êle uma tortura, pois que, seguindo a vontade paterna, deveria embarcar para a Europa, onde iria aperfeiçoar-se em Medicina. Maria, porém, nascida de mãe epilética, teve um acesso do mal numa noite tempestuosa, sendo preciso que Efraim fôsse buscar um médico a três léguas de distância. Como o velho pai de Efraim já soubesse dos amôres do filho com Maria, chamou-a à parte e, em companhia da espôsa e mãe, expôs-lhe a situação e mostrou os perigos de uma união naquelas condições. Mas Efraim sustentou seus desejos de desposar Maria, apesar de tudo.





JACQUES HEIM E JEAN PATOU apresentam êstes dois belos vestidos. O primeiro é em sêda cáqui tendo um viez largo de cima abaixo em camurça verde. O segundo em sêda amarela com uma grande gola e saia com movimento para trás.

Faça você mesma a sua saia. Seria bom que tôdas nós tivéssemos tantas saias quantos são os dias da semana. Infelizmente, nem sempre é possível dadas as dificuldades materiais. Mas êste modêlo que apresentamos às leitoras da ***REVISTA DA SEMANA*** *é muito simples de ser executado. Basta você ter um quadrado de tecido (uma lonita, uma alpaca ou mesmo uma lãzinha). Observe o desenho e você mesma pode executar sua saia.*

E por falar em sapatos é bom lembrar as leitoras que a Casa Slopper tem sempre em exposição um belo e elegante sortimento de sapatos para tôdas as horas, quer em cromo, quer em pelica. É interessante notar que, enquanto as demais casas dêsse ramo aumentaram imediatamente o preço do calçado, a Casa Slopper continua mantendo seus preços de Cr$ 400,00, o calçado de luxo, Cr$ 350,00, o calçado prático e, até, Cr$ 200,00 o sapato mais inferior.

Tudo isto está na moda

Texto de MARINA SALLES
Desenhos de MARIUS LAURITZEN





● *As calças compridas, tipo "pescar siri", continuam o ponto alto da originalidade em matéria de "toilette sport". Com listras, lisas, em veludo ou algodão, elas são sempre encantadoras. Os modêlos variam. Alguns têm inspiração pirata, com lacinhos na perna, outros possuem sanfonas e ainda outros simples eclair para facilitar a vestir.*

● *Para um dia de sol. A moda italiana, seguindo pari-passo a sua rival — a francesa — volta-se, para buscar inspiração, nos belos modelos da "ancienne vogue". E o resultado é êste belo vestido em linho abricot, todo trabalhado em espiral, com grande lenço de organza verde. Criação de Gattiononi.*

CONVERSA DE MULHER

OS DEZ MANDAMENTOS DE UMA BOA SOGRA

O problema das sogras vem preocupando os genros e as noras desde que a humanidade existe. E' uma relação da família que, pela sua própria substância, traz consigo certas dificuldades. No entanto, poderiam ser evitadas, seguindo-se êstes DEZ MANDAMENTOS, cuidadosamente redigidos por um psicólogo, especialmente para as sogras.

• PRIMEIRO — Deixe que o novo casal decida sòzinho sôbre a decoração da casa, o armazém onde farão as compras, ou o médico que preferem para a família. Se discutem entre êles não dê palpite. Se pedem sua opinião dê-a, mas depois caia fora. A vida é dêles, portanto deixe que a vivam como querem.

• SEGUNDO — Divida sua afeição igualmente entre seus filhos, genros e noras. Aprenda a gostar dêsses últimos. Quando der um presente a sua filha compre uma caixa de fumo ou um lenço de cambraia para seu genro. Isso ajuda a criar em volta de você uma áurea de simpatia.

• TERCEIRO — Se começar uma briga **entre o casal, quando você estiver presente, vá para seu quarto ou então saia, vá dar um passeio, ou fazer suas compras. Assim não precisará tomar partido... e sem a opinião de terceiros a briga terminará mais depressa.**

• QUARTO — **Não procure orientá-los sem ser consultada. E' verdade que sua experiência da vida é preciosa, mas lembre-se de que você também não gostava de palpites dos outros quando recém-casada. Os problemas são dêles, deixe que resolvam como quiserem.**

• QUINTO — Acostume-se aos hábitos do casal se mora com êles. Nunca diga: «Eu e seu pai nos levantávamos sempre às 7, e não às 9... almoçávamos ao meiodia e não às 2 horas» e outras coisas no gênero. Não critique-os porque gostam de programas de jazz e nunca ouvem os de óperas ou de valsas, que você adora. Se o rádio não está ligado a seu gôsto, divirta-se com outra coisa.

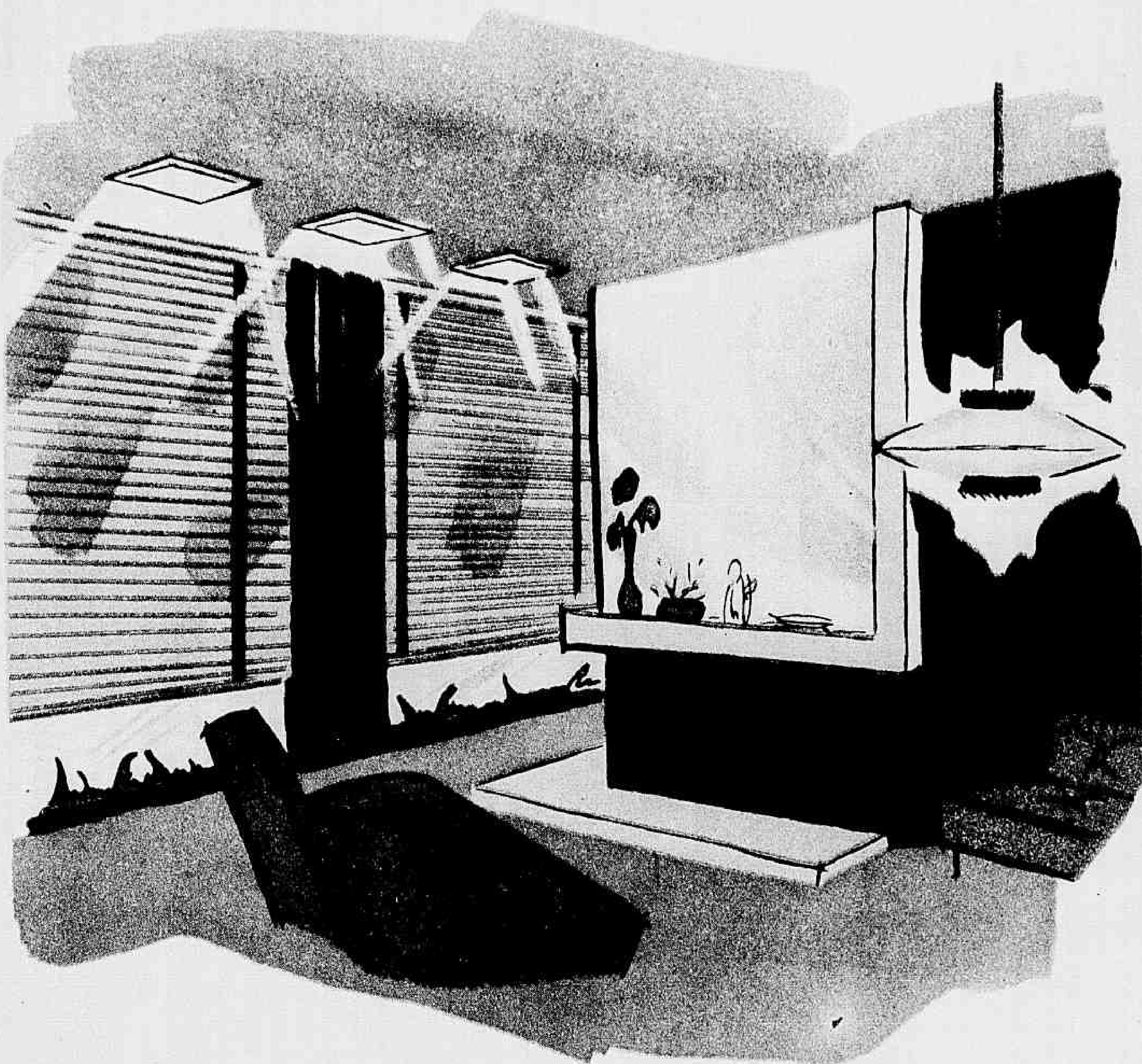
• SEXTO — **Comporte-se na casa de seus filhos como se estivesse de visita a amigos. Chegue sempre à hora que avisou, leve flores ou bombons de vez em quando, e saia no momento em que deve fazê-lo. Será convidada mais vêzes se agir assim.**

• SÉTIMO — Quando êles estiverem re**cebendo outras visitas, fale e aja com moderação. Compareça bem vestida para a ocasião. Procure tomar parte na conversa mas não a monopolize. Se puder ajudar em alguma coisa faça-o. Se convidarem-na para uma mesa de canastra aceite.**

• OITAVO — Se fôr hóspede da casa por algum tempo procure cooperar de alguma forma: ajudando a fazer feira, atendendo ao telefone...

• NONO — Não viva se queixando de sua saúde! Depois dos quarenta ninguém tem um coração de jovem. Seja valente. Êles a elogiarão dizendo: «Mamãe é formidável! Sempre jovem e saudável! Nunca se queixa».

• DÉCIMO — Não prolongue por demasiado tempo sua estada na casa dêles, nem volte com muita freqüência. É preferível que sintam saudades e a mandem chamar do que se aborreçam com sua presença.



SUGESTÃO PARA O LAR

OS ARQUITETOS modernos têm acentuada tendência para criação de ângulos pouco comuns: um corredor que sai inesperadamente de uma sala, um cantinho que surge ao lado de uma parede de tijolos em cerâmica... tudo dando ao lar aquêle «que» ao mesmo tempo displicente e íntimo. Na ilustração, por exemplo conseguiu-se um efeito de janela com o espelho na quina da parede, emoldurado por esquadria pintada de claro, que se destaca na parede de cerâmica. Para acentuar êsse efeito, foram colocadas plantas no peitoril da esquadria. As janelas verdadeiras, muito amplas, têm sua luz atenuada por cortinas venezianas. Ao longo do rodapé em todo comprimento, uma jardineira com folhagens baixas, torna o aposento qualquer coisa entre sala e jardim. Observe a iluminação, embutida no fôrro de um lado e bem baixinha do outro, em que a lâmpada é colocada num lustre de feitio original, prêso a um cano de ferro esmaltado. A sugestão é dos arquitetos Mac Arnold Cook (dos EE.UU.).



NOTINHAS ÚTEIS

TECIDO LUSTROSO — Os tecidos escuros, principalmente a lã; adquirem um brilho pouco elegante depois de usados durante certo tempo. Eis como tirar êsse brilho, tornando a roupa nova outra vez: esfregue uma esponja molhada em 3 colheres dágua com 15 gramas de amoníaco.

AZULEJOS — Para que os azulejos fiquem bem brilhantes e para que se conservem limpos por mais tempo, depois de lavá-los passe sôbre a superfície uma camada de cêra bem clara de assoalho e dê polimento com uma flanela macia.

MANCHAS DE OVOS EM PRATA — As manchas que os ovos deixam nas baixelas de prata são fàcilmente removidas esfregando-se a parte manchada com um pano macio, embebido em vinagre.

CAMURÇA — Existe muita gente que considera um problema limpar casacos, bôlsas ou sapatos de camurça. No entanto, essa é uma operação bem fácil, ainda que deva ser realizada com cuidado. Esfregue primeiro uma lixa bem fina nas partes sujas ou manchadas. Depois escove tôda a peça com uma escovinha de borracha, especial para camurça.

ALMOFADAS — Para que as traças não ataquem suas almofadas tenha o cuidado de polvilhar sôbre as mesmas, de vez em quando, um pouco de sal de cozinha. Se vai guardá-las, passe-as em sal, antes de embrulhá-las, de preferência em papel de jornal.



UM POUCO DE BELEZA

ESCOVE OS CABELOS

● Os cabelos curtos, tão em moda, devem ser tratados com muito cuidado para que tornem o rosto mais jovem e mais belo. Tanto quanto os cabelos compridos, precisam de ser escovados diàriamente, durante, um mínimo de três minutos. Não, não é preciso estar olhando para o relógio para ver se escovou mesmo durante o tempo suficiente. Três minutos é a duração média de um disco comum (não dos grandes). Ponha um disco na vitrola e escove seus cabelos até a música terminar. E' assim que procede Phyllis Kirk, a graciosa «estrelinha» da Warner, de manhã e à noite.





WEEK-END NA COZINHA

● Nessa época do ano as verduras existem em maior fartura e é bom aproveitá-las em gostosas saladas. Eis uma variedade muito apreciada pelos entendidos:

1 — Ponha dois dentes de alho em um quarto de xícara de azeite, ou óleo para salada, e deixe em repouso durante duas horas. Depois retire o alho — o óleo terá adquirido um delicioso sabor — para ser utilizado nessa salada.

2 — Misture numa tijela: 6 xícaras de xicórea picada em tiras (um centímetro, mais ou menos, de espessura); um quarto de xícara de queijo Parmezão ralado; uma pitada de sal, outra de pimenta; uma colher das de chá de môlho inglês, um ôvo (já um pouco batido); 2 colheres das de sopa de suco de limão. Misture bem.

3 — Finalmente, acrescente uma xícara bem cheia de quadradinhos de pão torrado (bem pequeninos). Misture ligeiramente e sirva em seguida, arrumando a salada em pratinhos individuais com um rabo cozido ou uma batata cozida no centro.

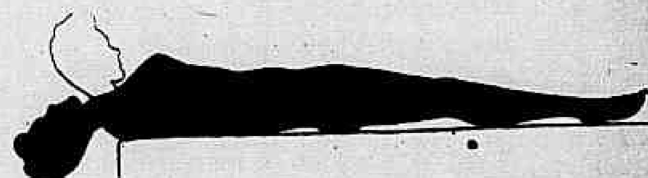
VARIAÇÃO — Esta salada ficará deliciosa, também, se, em vez da xicórea, fôr usada alface repolhuda, ou agrião.

GINÁSTICA BÁSICA

● Existem três exercícios de ginástica muito simples que deveriam ser praticados diàriamente por tôdas as mulheres. São fáceis de serem executados.

Todos os três são realizados a partir da posição deitada.

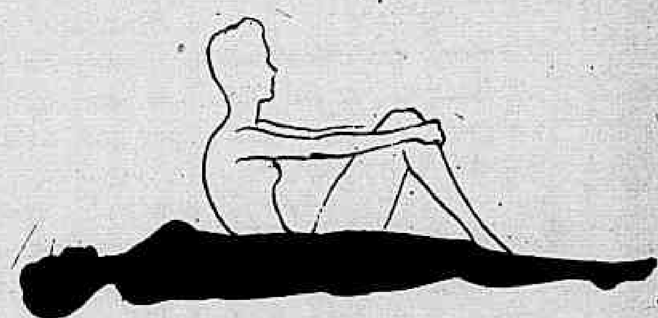
EXERCÍCIO I



Ajuda a manter firmes os músculos sob o queixo — responsáveis pelas «papadas», que muitas vêzes dão à mulher uma idade que (de verdade) ela não tem.

Deite-se num divam, ou na cama mesmo, deixando a cabeça para fora. Deixe cair a cabeça, até o queixo ficar na altura dos seus ombros. Depois levante-a de vagar, até o queixo tocar a parte superior do colo. No primeiro dia repita o exercício seis vêzes, depois mais, até doze vêzes.

EXERCÍCIO II

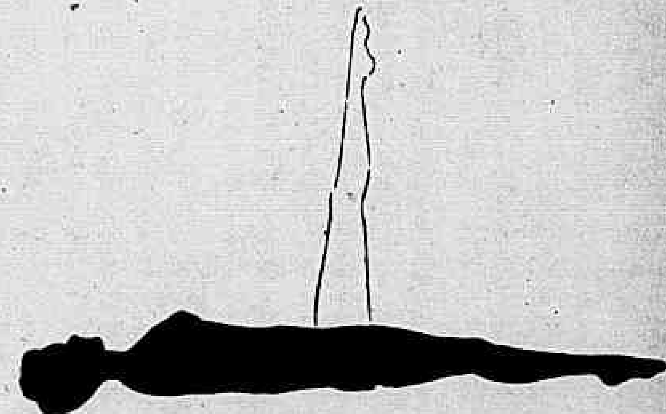


Ótimo para os músculos da barriga, ajuda a torná-la menos saliente.

Deite-se no chão, numa esteira ou num cobertor dobrado. Com as pernas esticadas levante o corpo. Depois dobre-as nos joelhos, devagar, até segurar os joelhos com as duas mãos.

Depois de ter praticado bem êsse exercício, pode adotar uma variação do mesmo. Sentada, com os joelhos seguros, levante um pouco os pés, e procure imprimir-lhes um movimento de rotação, para fora primeiro, e depois para dentro. É ótimo para os músculos da perna e dos pés.

EXERCÍCIO III



Muito bom para a barriga, cadeiras e cintura.

Deite-se no chão como para o exercício anterior. Devagar levante a perna direita e, ainda bem devagar, abaixe-a, voltando à posição inicial. Repita com a outra perna, alternadamente, cinco vêzes.

Para variar o exercício, pode praticá-lo levantando as duas pernas ao mesmo tempo, juntas, e descendo-as também juntas. Para que a ginástica tenha resultado, as pernas devem ser abaixadas BEM DEVAGAR E BEM ESTICADAS.

SALOMÉ

BRUTUS PEDREIRA

● Não pude comparecer às representações de «Os Mestres Cantores». Tarefas com data marcada e má saúde a isso obstaram. Fui, porém, ver e ouvir «Salomé», de Richard Strauss, e «Gianni Schicchi», de Puccini, no mesmo espetáculo. Já vai longe a última vez em que assisti a «Salomé». Foi cantada pelo quadro francês, com Geneviève, no papel-título. Recordações mais nítidas: a Dança dos Sete Véus e a extensão da obra. Quase duas horas ininterruptas de música, pois a ópera tem um único ato. Não nego a minha apreensão, ao lembrar-me disso. Esta nossa vida atribulada, de tempo escasso e contínuo corre-corre, desabitua-nos, cada vez mais, das longas contemplações. No teatro e no concêrto, os intervalos costumeiros limitam atos e partes a um máximo aproximado de três quartos de hora. Verdade é que o cinema nos tem dado filmes de duas e mais horas de projeção seguida, mas a liberdade, no tempo e no espaço, própria da sétima arte, permite-lhe uma riqueza de movimento e de variações que distraem a atenção e tornam possíveis mantê-la, além do habitual e sem cansaço, prêsa ao que acontece na tela. Senteime, pois, na minha cadeira, no Municipal, sem saber qual seria minha reação de agora, diante da ópera de Strauss. A orquestra, sob a batuta experimentada e segura de Hugo Balzer, atacou os acordes que, à guisa de protofonia, marcam a abertura do pano e, apesar do horrendo cenário de Mário Conde, mau decalque de outro apresentado no Scala de Milão, fomos dar uma voltinha pela Judéia de Herodes Antipas. À medida que a ópera prosseguia, a estranha partitura e a estupendíssima orquestração faziam-me lembrar a justeza do que, a respeito de Richard Strauss — por êle considerado o único compositor original da «jovem» Alemanha — escreveu Debussy, em «Monsieur Croche — Antidilettante», publicado, por primeira vez, em 1921: «Lembra, ao mesmo tempo, Liszt, por seu notável virtuosismo na arte de tocar a orquestra, e Berlioz, pela preocupação de construir música sôbre textos literários. — Pensa, certamente, por meio de imagens coloridas e parece desenhar com a orquestra a linha de suas idéias. Processo nada vulgar e raramente empregado. — Não é a rigorosa e arquitetural maneira dum Bach, ou dum Beethoven, mas, antes, um desenvolvimento de côres rítmicas. Sobrepõe as tonalidades mais desvairadamente distantes, com um sangue-frio absoluto, sem importar-se, no mais mínimo, com o que possam ter de «dilacerantes», preocupado, apenas, com o que, de «vivo», lhes pede». Ouvir «Salomé» era verificar, passo a passo, a exatidão das palavras de Debussy. Talvez a nenhuma outra música o adjetivo «colorida» caiba tão adequadamente. A obra de Strauss dá-nos a impressão de que, para êle, tôda côr se transmuda em vibração auditiva e vice-versa. O senso dos contrastes rítmicos e dinâmicos, a insistência de dissonâncias angustiantes que se resolvem em motivos de calmo lirismo, a volubilidade melódica, os furores maravilhosamente orquestrados, que assumem o valor visual de gestos, o sensualismo, beirando as raias da histeria, todos êsses elementos, sàbiamente empregados, que fazem de Richard Strauss, além do maior, o mais barroco dos compositores neo-românticos, perpassam, continuamente, pela partitura de «Salomé». Lástima é que, fora «Salomé» e «O Cavalheiro da Rosa», não tenhamos tido oportunidade de ouvir nenhuma das outras nove óperas de Strauss, entre as quais, a obra-prima de estilo barroco, em música: «Ariana em Naxos», concebida no espírito da Commedia dell'Arte, e na qual as rudezas da ópera-bufa se entrelaçam aos esplendores da grande ópera. Nesta edição de «Salomé», Enge Borkh justificou o renome que a precedera, de ser a maior intérprete do papel da protagonista, na atualidade. Menos convencional, como atriz, que o geral das cantoras líricas, de boa voz e boa técnica, expressiva, o ponto alto da sua atuação, como conduta vocal e valor interpretativo, alcançou-o no longo e belíssimo solilóquio final, diante da cabeça decepada do Profeta. Muito bons, Rosl Zapf, em Herodias; August Seider, em Herodes; Alexander Welitsch, em Yohanaan; Kurt Wehofschitz, em Narraboth. Os papéis menores, dos quais se destacaram os cinco Judeus, tiveram desempenho seguro e proficiente.

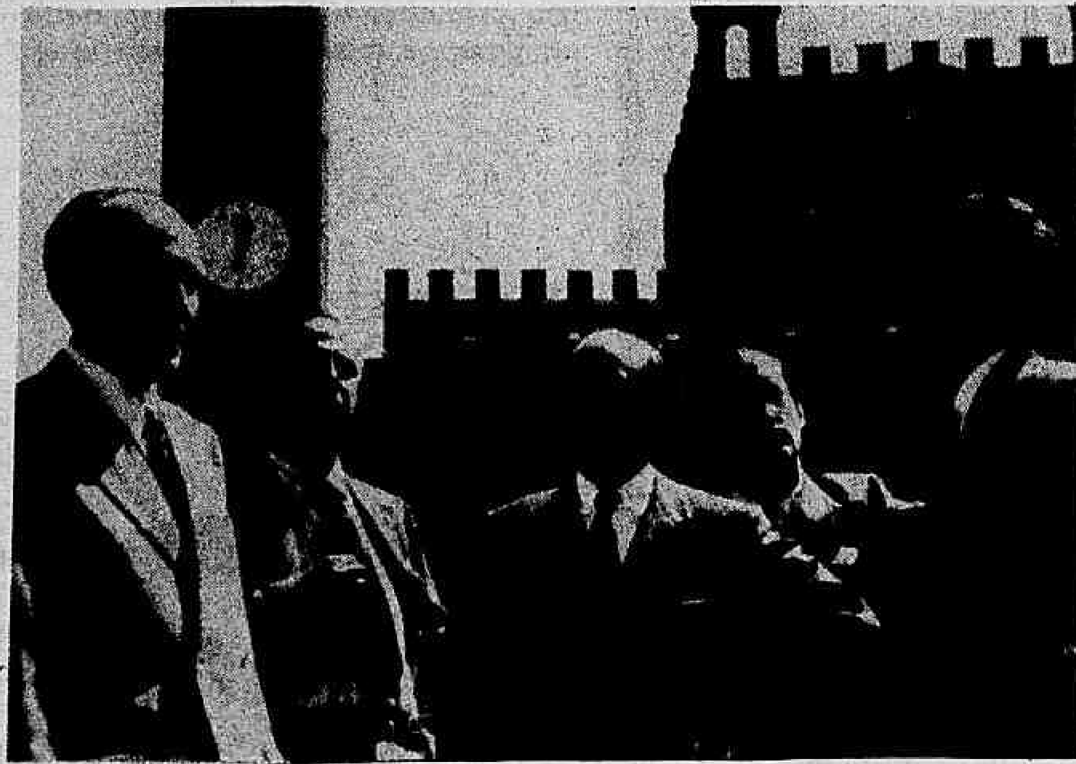
"GIANNI SCHICCHI"

Dessa deliciosa ópera-cômica de Puccini, o quadro nacional deu-nos uma versão sumamente agradável. Como parece de praxe no Municipal, o cenário foi o ponto fraco do espetáculo. Não será, por acaso, possível, atualizar a cenografia de ópera, pondo-a em pé de igualdade com a do teatro falado? A ópera, em si, já é um gênero decadente; por que torná-la ainda mais retrógrada, enquadrando-a em cenários de concepção ultrapassadíssima? O quadro nacional, por sua atuação, mereceu e obteve calorosos aplausos. De bonitas vozes, bem ensaiados, com boas marcações e apreciável desenvoltura cênica, os cantores patrícios foram, para mim, gratíssima surprêsa. Se destaco os nomes de Paulo Fortes, no protagonista, de Diva Pieranti e de Assis Pacheco, nos papéis de maior responsabilidade, não importa isso em menoscabo dos demais intérpretes, que se houveram, todos, de modo digno de encômios. É prazer grande, poder escrever, em sã consciência, as palavras que aqui ficam e manifestar a minha convicção, firmada no desempenho de «Gianni Schicchi», de que podemos ter a nossa ópera, em futuro não distante, em condições de igualdade com os conjuntos estrangeiros que nos visitam. Creio que, para isso, bastará proporcionar aos cantores nacionais possibilidades de trabalharem e exibirem-se devidamente, pois o trabalho bem orientado e o contato com o público lhes trarão o pouco de que carecem, para o porvir que lhes prevejo.

DIVERSAS

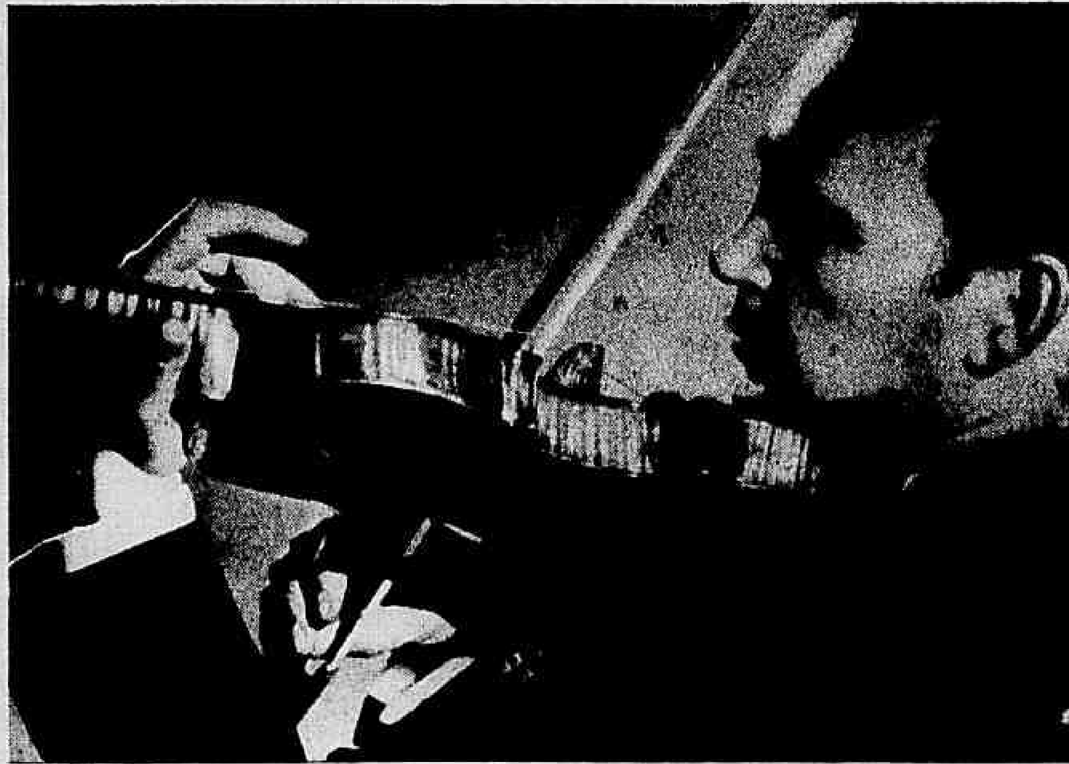
● JORNAIS de Paris noticiam o êxito estrondoso de Magdalena Tagliaferro, em seu reaparecimento, como concertista. Todos são unânimes em fazer-lhe os maiores elogios e em prodigar-lhe os adjetivos mais altissonantes. Sobressaem, porém, as referências à sua execução do Concêrto de Schumann, acompanhada pela Orquestra do Conservatório, execução que consideram extraordinária, quer pela profundeza da interpretação, quer pela perfeição técnica. Magdalena virá ao Brasil, de onde partirá para longa excursão de concertos, na qual satisfará compromissos assumidos nos dois continentes.

● FOI ESTREADA, em Nova Iorque, a ópera «Assassinato em Três Claves», música de Erick Chisholm, compositor escocês, diretor do Departamento de Música da Universidade de Capetown, Africa do Sul. A ópera é uma trilogia de terror e «suspense», formada por três óperas num ato: «Rosas Negras», libreto do próprio compositor; «Soneto Sombrio», baseada em «Antes do Café», de O'Neill, e «Simun», texto adaptado da peça homônima de Strindberg.



QUINTETO CHIGIANO

Célebre conjunto, considerado um dos melhores da Europa, fundado em 1939, pelo Conde Chigi-Saracini, que lhe confiou quatro preciosos instrumentos de cordas, da sua coleção particular, e assinados por Antônio Stradivarius, Guadagnini, Camilli e Amati. Próximo programa da A.B.C., para a 1ª quinzena de setembro.



RICARDO ODNOPOSOFF

Notabilíssimo violinista argentino, discípulo do grande Carl Flesch, que acaba de realizar triunfal excursão pela Europa. Programado pela Cultura Artística.

★ TEATRO ★ MÚSICA ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ TEATRO ★ MÚSICA ★

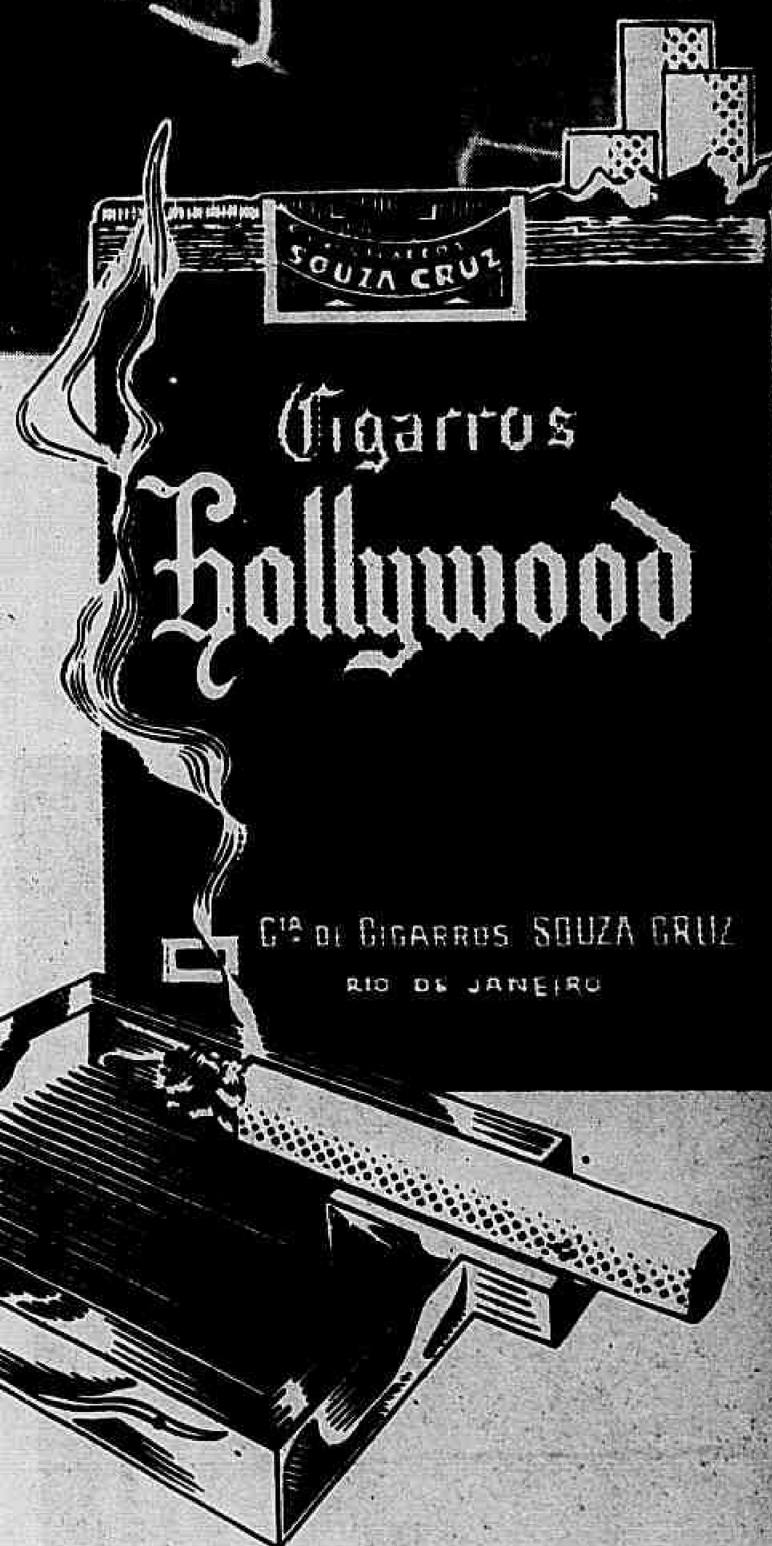


Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

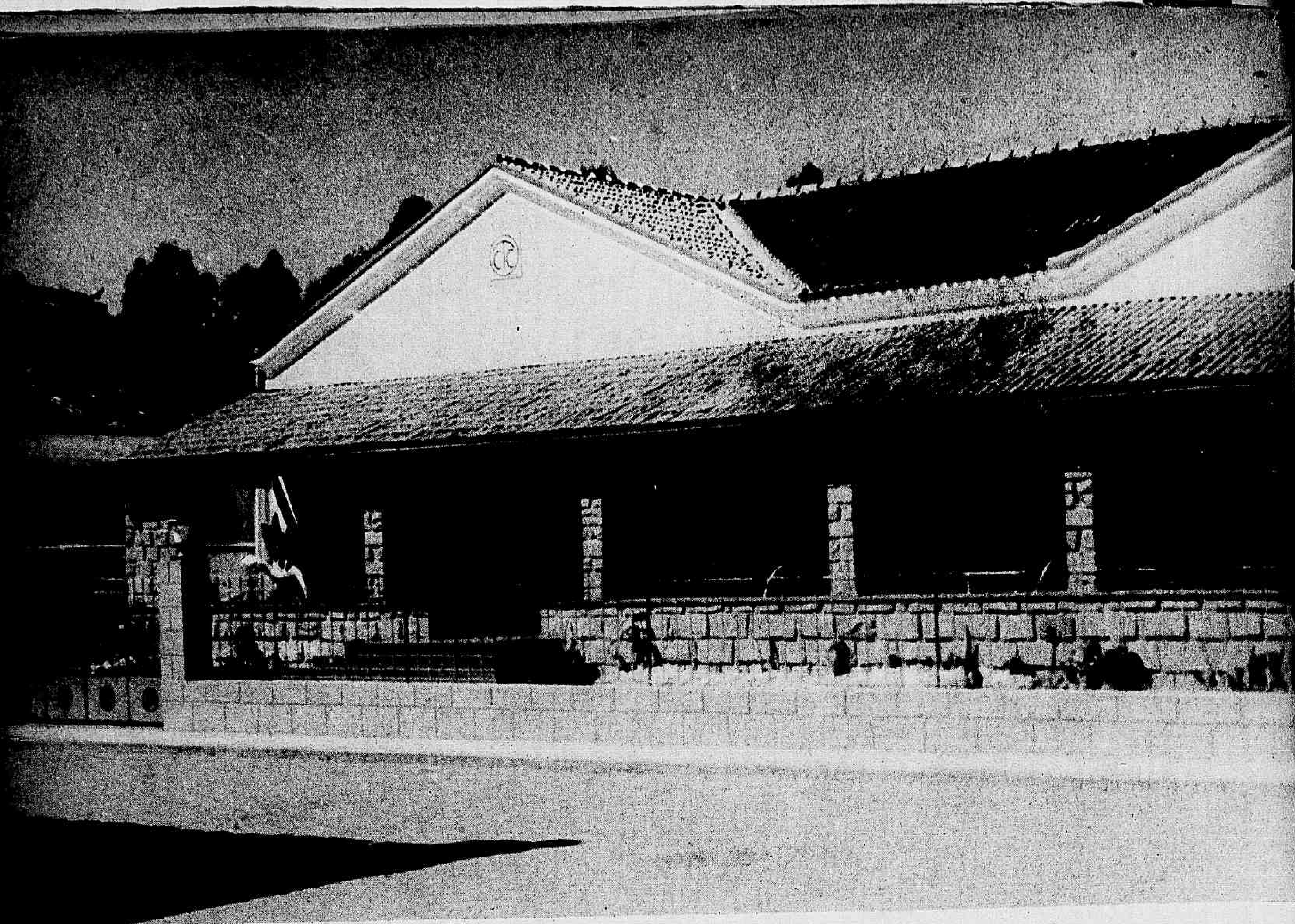
hollywood



uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.289



Fotografia da fachada principal do Carangola Tênis Clube, moderno e modelar centro social recentemente inaugurado na próspera e culta cidade mineira que lhe deu o nome. No seu interior instalou-se uma das mais bem montadas sedes de clubes sociais-esportivos do país. Bom gôsto, distinção

A ELEGÂNCIA CARANGOLENSE DESFILOU NUM PALÁCIO ENCANTADO

CARANGOLA TÊNIS CLUBE — painel de cultura e grandeza de uma cidade

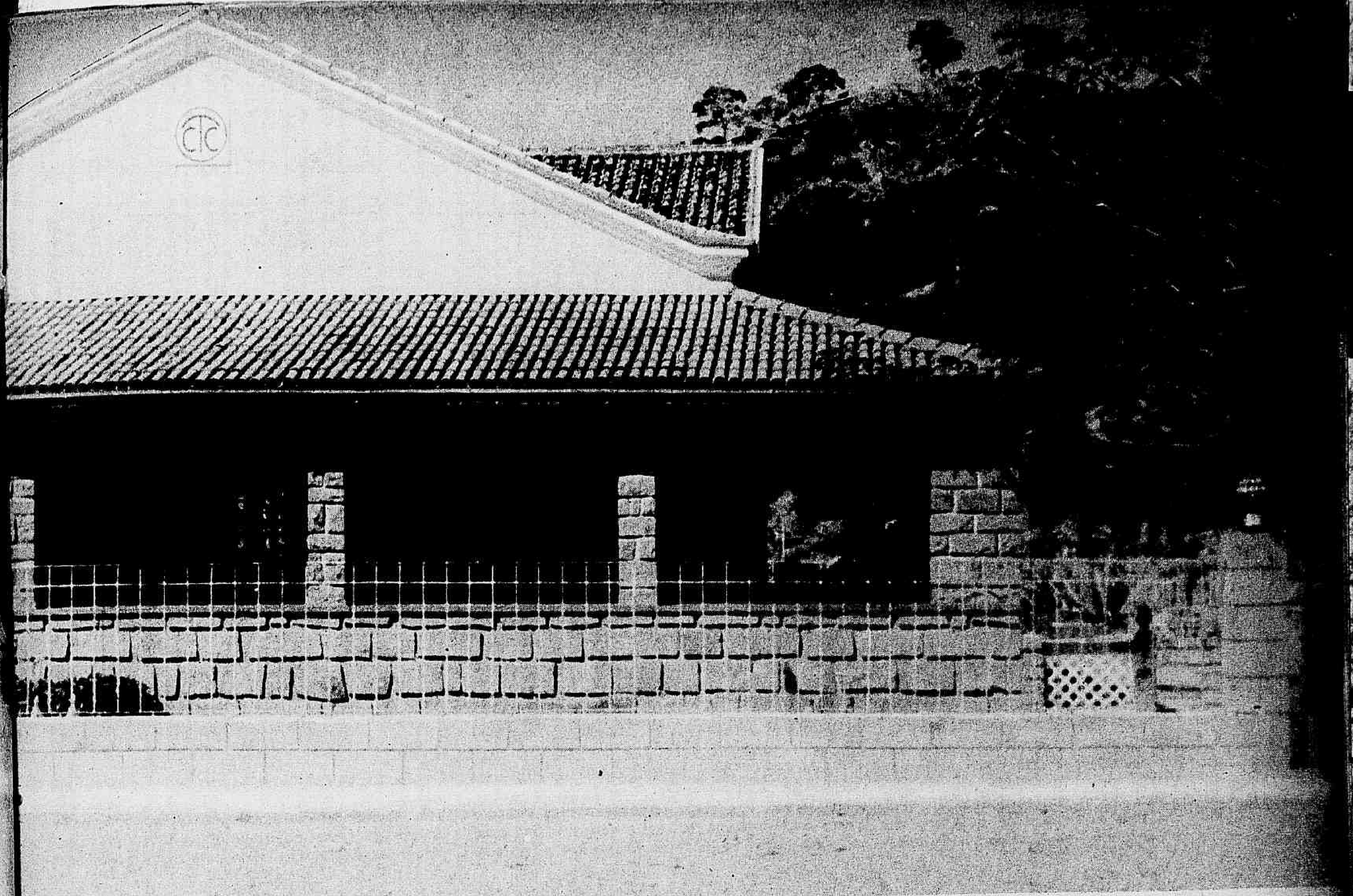
Reportagem de ADALBERTO MENDES







A festa inaugural do Carangola Tênis Clube foi magnífica e resplandecente parada de elegância e beleza, acontecimento social similar às mais brilhantes reuniões sociais das grandes metrópoles. A graça e o encanto da mulher carangolense realçaram-se na ostentação das ricas «toilettes», dig-



e confôrto são as suas linhas marcantes, subordinadas a uma bem dosada sobriedade e a um senso artístico ideal, excedendo tôdas as espectativas. Destinado também à prática dos esportes, o Clube já está aparelhado para «basket» e «volley», e mais tarde estará para o tênis e a natação.

Passava já da meia-noite do dia 18 de julho último, quando o governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, acompanhado do ministro Tancredo Neves, do secretário do govêrno mineiro e altas autoridades, chegava ao Carangola Tênis Clube. Inaugurava-se, naquele momento, um dos mais belos clubes sociais e esportivos do país, erguido na culta e progressista cidade de Carangola, tão conhecida pelos dotes naturais de fidalguia de seus filhos. Ao penetrarem no magnífico «hall» de entrada, já a surprêsa assomava aos olhos dos visitantes ilustres, vindos de outras terras para emprestar, com a sua presença, maior realce àquela noite de gala. A encantadora peça de acesso ao Clube resplandecia com o requinte e a graça das mulheres ostentando custosas «toilettes», numa parada de elegância e beleza digna dos mais refinados salões. Os homens, irrepreensíveis nos seus trajes de rigor, completavam a distinção do ambiente, emoldurado pela impecável instalação e decoração das dependências sociais. Tôda a sede era uma festa de luzes e de côres harmoniosamente dispostas como num quadro de incomparáveis efeitos. Noite memorável aquela, em que a sociedade carangolense tão graciosamente mostrou virtudes de verdadeira elite.







nas dos mais luxuosos salões. Os homens, trajados nos rigores da etiquêta, completavam o ambiente com a distinção dos seus «smokings» e «summers». A série fotográfica que vemos acima atesta o esplendor de que se revestiu a inauguração do magnífico Clube, na noite de 18 de julho último.

Carangola possui hoje um dos mais bonitos clubes do país



O ministro Tancredo Neves não pôde esconder o seu entusiasmo pêlo grandioso espetáculo. Num belo discurso, teceu um verdadeiro hino a Carangola, aos seus homens e às suas mulheres, artífices daquela esplêndida realidade.



O governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, dominado pelas emoções daquela noite memorável, levou aos carangolenses a sua palavra cheia de fé e arrebatamento. Seu govêrno doou ao clube uma piscina de dimensões olímpicas.



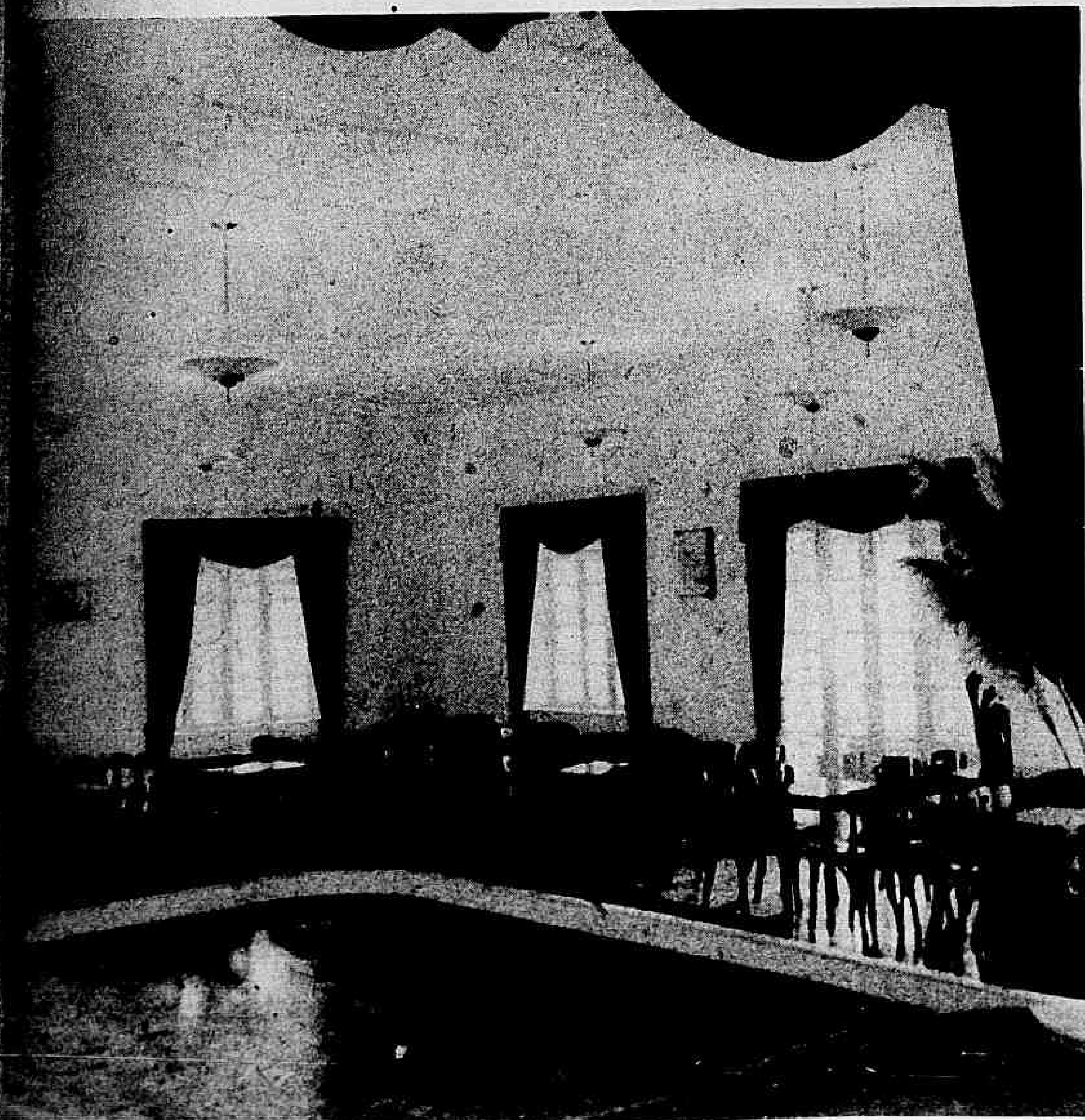
O presiaente do clube, Jonas Estêves Marques, falando na inauguração. Firmemente apoiado pela sociedade carangolense, foi êle o grande artífice da obra monumental, com a sua capacidade realizadora, entusiasmo e idealismo.

No salão nobre do edifício, o presidente do Carangola Tênis Clube, sr. Jonas Esteves Marques, dirigiu uma saudação aos presentes, referindo-se àquela obra, verdadeiro orgulho da família carangolense. Tomando a palavra, o governador Juscelino Kubitschek não pôde esconder a sua admiração e o seu entusiasmo pelo que lhe era dado observar, iguais sentimentos tendo externado a seguir o ministro Tancredo Neves, ambos tecendo um emocionante hino de louvor à cidade que assim se colocava na linha dos mais adiantados centros culturais do Brasil. E quando a Orquestra Tabajara de Severino Araújo rompeu os primeiros acordes do Peixe Vivo — a música popular tão do agrado do simpático governante das alterosas — teve início uma das mais brilhantes festas que a crônica mundana brasileira pode registrar: de uma finura, de um encanto, de uma riqueza que sòmente as grandes reuniões sociais podem exibir.

★

Pode-se dizer que o Carangola Tênis Clube superou a tôda e qualquer espectativa dos numerosos visitantes que a hospitaleira cidade acolheu para a sua maior noite. Foi uma surprêsa que impressionou vivamente. Luxuosamente instalado e decorado, não ultrapassou os limites de uma elogiável sobriedade que o tornam ainda mais belo. Idealizada a sua construção em 1947, sòmente de dois anos para cá vingou a semente lançada naquele ano. Assumindo então a sua presidência, Jonas Esteves Marques — um carangolense cem por cento e um realizador de reconhecida capacidade — começou a dar corpo à obra que mais tarde iria ul-

NA SEQÜÊNCIA ABAIXO PODEM SER APRECIADAS A RIQUEZA E DISTINÇÃO QUE PRESIDIRAM À INSTALAÇÃO E DECORAÇÃO IN-

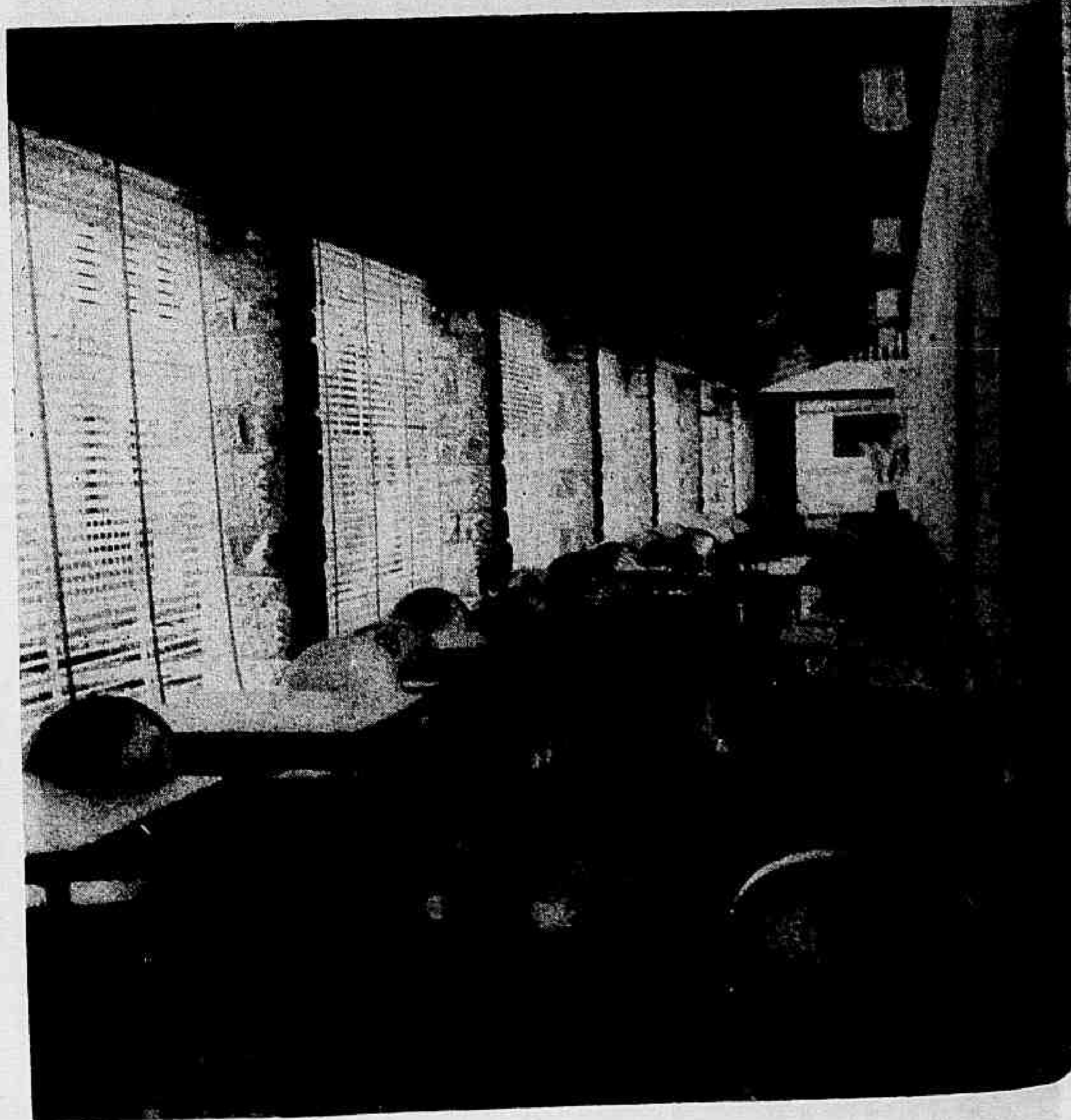




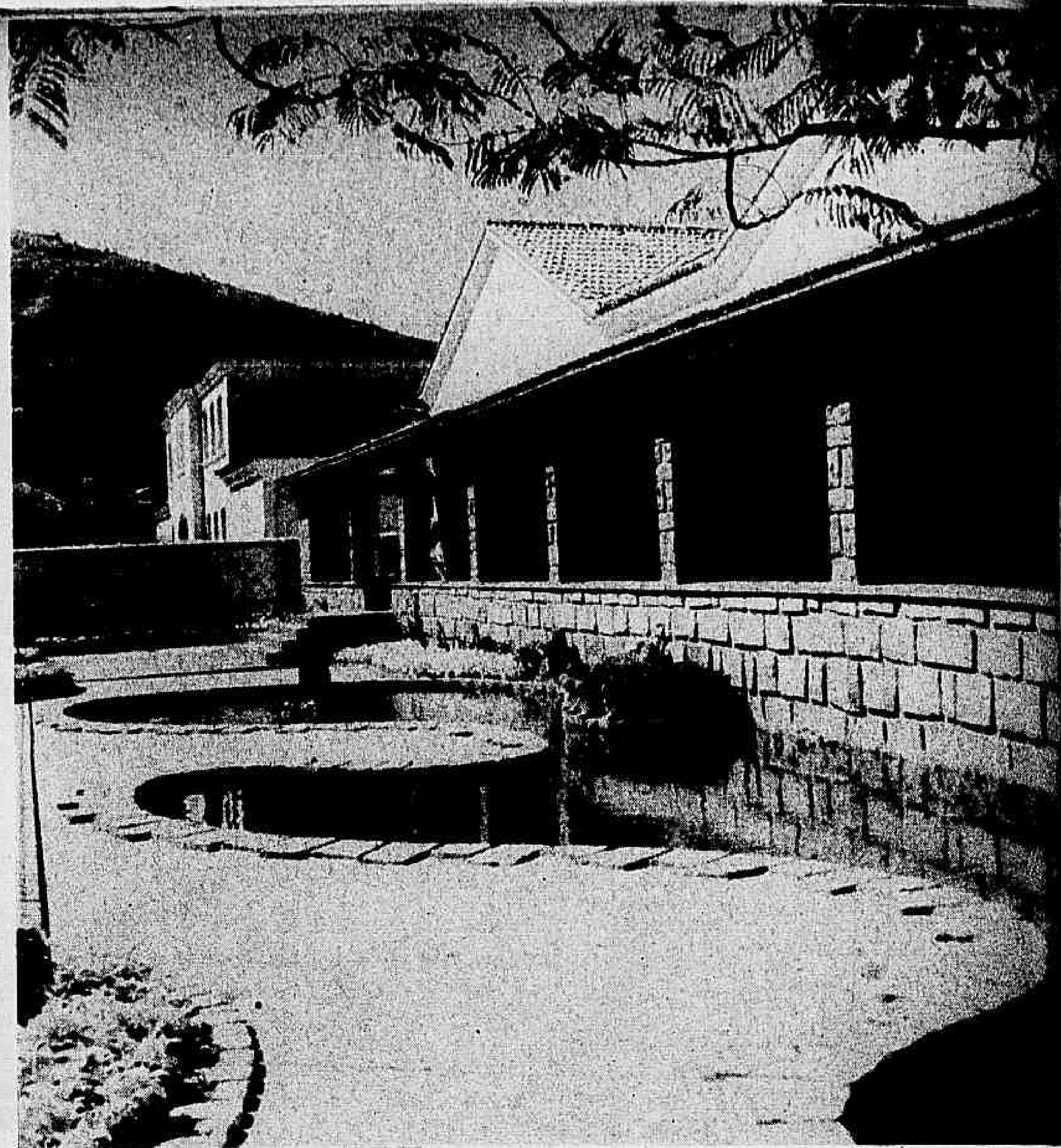

As danças prolongaram-se até 5 horas da manhã do dia seguinte. Foi uma festa que marcou época nos anais da crônica social mineira.

TERNAS DO CLUBE. A CONTAR DA ESQUERDA, VEMOS: DETALHES DO SALÃO NOBRE, DO HALL, DO BAR E VARANDA LATERAL.









QUADRA PARA BASKET-BALL, DEVIDAMENTE APARELHADA PARA JOGOS NOTURNOS. À DIREITA, JARDIM E LAGO FRONTEIROS.

ultrapassar seus próprios desígnios. Tendo à sua volta o apoio de fortes elementos locais, pouco a pouco atraiu os mais esquivos ou os pessimistas e logo aglutinou a totalidade dos que poderiam ajudá-lo na tarefa generosa. E assim surgiu um dos centros sociais e esportivos mais bonitos do país. O primoroso conjunto compõe-se do edifício sede, todo circundado (a exceção da parte esquerda) de ampla varanda protegida por venezianas controláveis. No interior ficam o salão de fêstas com seu ótimo palco, o lindo «hall» de entrada, bar e restaurante, secretaria, salão de jogos, sala para senhoras, cozinha e copa, etc., tudo modernamente instalado em obediência ao mais apurado gôsto e confôrto. O jardim (dotado de lago) prolonga-se à direita e se estende na parte traseira, confinando-se com a magnífica quadra para jogos de «basket-ball» e «volley-ball», completamente aparelhada inclusive para jogos noturnos; mais atrás situa-se o campo coberto para o jôgo de «boliche» e terrenos adjacentes estão reservados para a construção de quadras de tênis e da piscina com dimensões olímpicas, que será construída pelo govêrno mineiro. A pintura, a decoração interna e o sistema de iluminação do Clube merecem especial menção pelo equilíbrio e belêza de que se revestem. Foram operadas por casas especialistas do Rio. O «hall» de entrada é uma peça de delicada confecção e belíssimos efeitos, antepondo-se ao bar, dependência caprichosamente instalada em atraente estilo moderno e que exibe um painel de Funchal Garcia, reproduzindo o Pico da Bandeira, ponto culminante do Brasil.

Dotado de todo o confôrto que um clube dessa natureza pode proporcionar aos seus associados, o Carangola Tênis Clube está em condições de promover um surto de desenvolvimento esportivo sem paralelos na

Festa de rara beleza, a noitada inaugural do Carangola Tênis Clube foi marcada por êxito inconfundível. A Orquestra Tabajara de Severino Araújo fêz sucesso, animada pela voz bonita de Hélio Paiva, seu grande «crooner». Em baixo vemos outro aspecto da reunião e o conjunto musical.







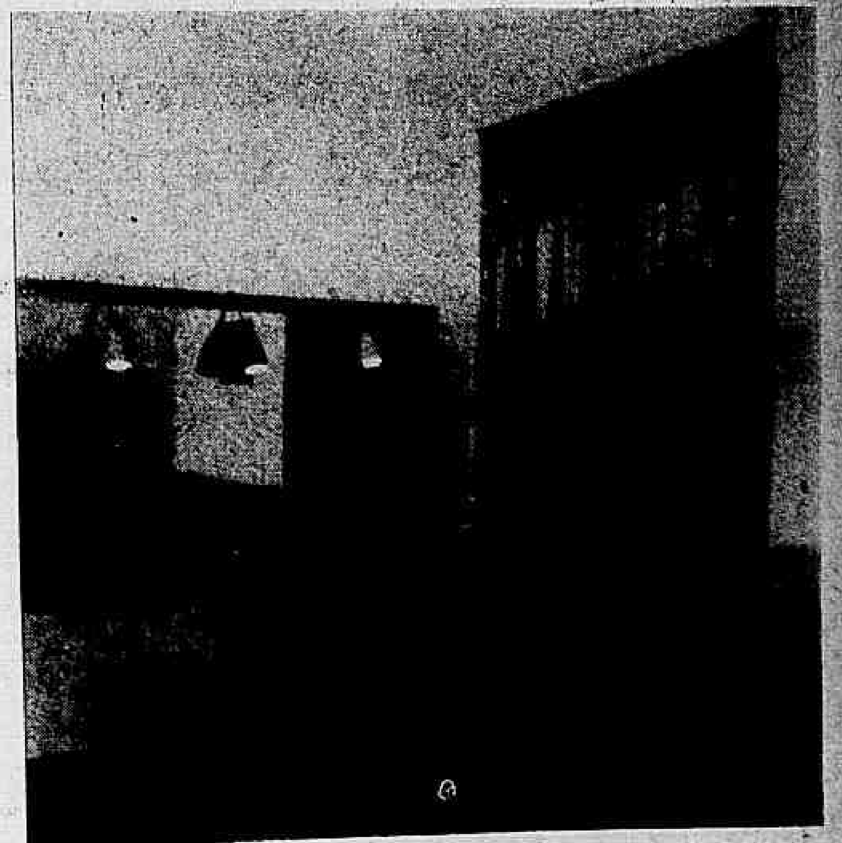
OUTRO PORMENOR DO HALL DE ENTRADA, CONFORTÁVEL E DELICADAMENTE DECORADO. SÃO ASSIM OS DEMAIS INTERIORES.

ÊSTES HOMENS CONSTRUIRAM O "CARANGOLA TÊNIS CLUBE"

Jonas Estêves Marques — presidente;
Cruzaltino Tavares Guimarães — vice-presidente;
Humberto Gomes — 1º secretário;
Dr. Lacordaire de Sousa Azevedo — 2º secretário;
Cleto Véo — 1º tesoureiro;
Firmino Ferreira Neto — 2º tesoureiro;
Dr. José de Freitas — diretor de festas;
Altuérpio Dias Guimarães — diretor de esportes;
José de Lucas Filho — diretor do patrimônio;
Dr. Fernando Quintão Hosken — diretor médico.

vida da cidade, e completada a construção da piscina e da quadra de tênis, o que se dará brevemente, ter a mocidade carangolense um centro de cultura física ideal à sua disposição.

Carangola, que tanto tem crescido e se afirmado como uma fôrça econômica em permanente ascenção, projeta-se agora no mais elevado conceito das comunas brasileiras, das poucas aliás que podem exibir um monumento como o Carangola Tênis Clube, marco decisivo da sua expressão cultural e da sua capacidade econômica. Poderá mostrar ao Brasil, com justificado orgulho e vaidade, o alto sentido que norteia sua luminosa trajetória na vida pública como nas manifestações do espírito e da inteligência, impulsionada firmemente pelo idealismo e pelo ânimo superior dos seus filhos.



SALA PARA SENHORAS. DISTINÇÃO.

Em sensacional concurso da Rádio Globo, sob o patrocínio do Pudim Presidente, será eleito

O "CANTOR FAVORITO DA CIDADE DE 1954"





● ESCREVA no verso da capa do Pudim Presidente o nome do seu cantor favorito e também seu nome e endereço. Os votos devem ser enviados, pelo correio, para a Rádio Globo — Av. Rio Branco nº 183, programa "Nosso Chá", que diàriamente, às 15 horas, vai para o ar sob o comando de Mário Luiz, ou colocados na urna da Rádio Globo, pessoalmente.

O "show" Presidente do "Nosso Chá" divulga diàriamente as bases do sensacional concurso, em seus mínimos detalhes.

As apurações dos votos remetidos de tôdas as partes do Brasil são feitas no auditório da Rádio Globo, na presença de ouvintes do "Nosso Chá".



● MARIO LUIZ, comandante do "Nosso Chá", tradicional programa da Rádio Globo, que diàriamente às 15 horas apresenta o "show" Presidente, cujo concurso vai eleger o "Cantor Favorito da Cidade", que terá como prêmio a posse definitiva do Troféu de Prata e da faixa que terão os seguintes dizeres: "A CIDADE MARAVILHOSA AO SEU CANTOR FAVORITO" e, ainda, uma audição semanal de 30 minutos no tradicional programa da Rádio Globo.

QUEM SERÁ O "CANTOR FAVORITO DA CIDADE"? NELSON GONÇALVES? CAUBY PEIXOTO? CARLOS GALHARDO? GEORGE GOULART? JOÃO DIAS? FRANCISCO CARLOS? ORLANDO SILVA? BILL FARR? BLECAUTE? IVON CURY? JORGE VEIGA? LÚCIO ALVES? DICK FARNEY? ORLANDO CORREIA? GILBERTO MILFON? VENILTON SANTOS???

CR$ 25.000 EM PRÊMIOS

● **SERÃO distribuídos aos votantes, no sorteio final das capas. Escreva, para isso, seu nome e endereço na própria capa do PUDIM PRESIDENTE ● habilite-se aos seguintes prêmios:**

1º prêmio	**Cr$ 5.000,00**
2º prêmio	**Cr$ 2.500,00**
3º prêmio	**Cr$ 1.000,00**

Mais três prêmios de Cr$ 5.000,00 e ainda outros brindes num total de Cr$ 15.000,00.

"PROGRESSOS DA MEDICINA"

OTTO SCHNEIDER

● No interêsse imediato da classe médica, e sem nenhum caráter comercial, o Departamento Científico da Schering vem lançando uma série de volumes que abrangem uma seleção dos trabalhos clínicos e de investigação mais importantes, realizados no mundo inteiro nos diversos campos da Medicina. Neste sentido saiu, em 1952, o primeiro volume, de 248 páginas, referente ao triênio de 1949 a 1951. O segundo, publicado recentemente, sempre sob o título de «Progressos da Medicina», abrange os progressos verificados no decorrer de 1952, e já se encontra no prelo o terceiro, que corresponde ao ano de 1953. A partir de 1955 aparecerá anualmente o volume referente ao ano anterior, mantendo assim o médico sempre em dia com as novidades da Medicina mundial nos diversos setores e especialidades.

Já frisamos que a publicação não tem caráter comercial. Sem favoritismos, e obedecendo a um critério de horizontes amplos, a obra registra imparcialmente as mais importantes pesquisas, sejam quais forem as indústrias químicas ou laboratórios de onde tenham partido as iniciativas e descobertas. No presente segundo volume de «Progressos da Medicina» encontramos tratados cêrca de 150 assuntos diversos dos seguintes setores: Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Ginecologia e Obstetrícia, Endocrinologia, Urologia, Pediatria, Dermatologia e Sifilografia, Oftalmologia e Otorrinolaringologia, Neurologia e Psiquiatria, e Diversos. Dois índices minuciosos, em ordem alfabética, sendo um das matérias e outro de autores, facilitam a consulta.

Dificilmente poderá um médico, a não ser por uma publicação desta ordem, obter um panorama tão amplo do trabalho científico que vem sendo realizado no mundo inteiro nos diversos setores da Medicina. Excelente a iniciativa da Schering!

"PEDACINHOS"

És tão pobre... Pobrezinha!
Sou pobre que até nem sei.
Mas, se acaso fôsses minha,
Dos ricos, seria o rei.

Era uma vez um profundo
E eterno amor que, talvez,
Não haja outro no mundo...
...que, afinal, era uma vez...

Tu me pediste, outro dia,
Apertando minha mão,
Que eu definisse a poesia:
— A prece do coração.

Do livro de trovas: «Pedacinhos», de Delmar Barrão.

EM POUCAS PALAVRAS

● Vai ser iniciada a construção do prédio da futura Biblioteca do Estado de Minas, em Belo Horizonte. O projeto é de Oscar Niemeyer.

● Na coleção Ficção Nacional, das Edições Melhoramentos, aparece agora «Vida Ociosa», de Godofredo Rangel. A propósito escreveu Monteiro Lobato: «Juro que é obra-prima até a raiz da unha. Ponho-a ao lado da melhor de Machado de Assis».

● Nas livrarias «Educação Sexual», de Margarida M. Senai Neves. Obra nascida do trato diário com a mocidade estudantil e com os serviços de assistência à maternidade e à infância. Ed. Globo.

● Está fazendo sucesso nos EE. UU. a tradução de mais um livro de Machado de Assis: «Philosopher or Dog?», o nosso «Quincas Borba», traduzido por Clotilde Wilson.

● «Poemas de Bilu», de Augusto Meyer, um dos próximos lançamentos dos Irmãos Pongetti.

● «Madrugada sem Deus», novo romance de Mário Donato, anunciado para breve por José Olímpio.

● Estão sendo muito bem recebidos «Os Grandes Processos do Júri», pelo conhecido criminalista Carlos de Araújo Lima. Edição da Livraria Freitas Bastos.

● «Vinte e Três Índios Resistem à Civilização», por Harald Schultz, é uma das mais interessantes reportagens já escritas sôbre os nossos silvícolas. Magníficas ilustrações. Edição Melhoramentos.

● Em sétima edição, pela Ed. Globo, «A Importância de Viver», uma das obras mais famosas e apreciadas de Lin Yutang.

● De 1º a 15 de setembro, o poeta J. G. de Araújo Jorge estará autografando livros para os seus leitores e leitoras na Livraria Freitas Bastos, diàriamente das 14 às 15 horas.

"MESSIDOR"



Entrou em oitava edição o volume «Messidor», de Guilherme de Almeida — uma das mais expressivas coletâneas de poesia do poeta paulista. Em «Messidor» estão reunidos três livros: «Nós», «A Dança das Horas» e «Suave Colheita», cada qual mais representativa da lírica amorosa de Guilherme de Almeida, cujo prestígio, nesse terreno, parece crescer à medida que o tempo passa. Conhecedor, como poucos, dos segredos da arte poética, o autor atinge nestas páginas a um elevado índice de perfeição técnica, que dá maior relêvo à beleza emocional de seus versos. «Messidor», em bela apresentação gráfica, foi publicado pela Editôra Nacional.

PAULO SETUBAL



Na coleção Grandes Vultos das Letras, que vem sendo lançada pelas Edições Melhoramentos, para facultar à juventude estudante do Brasil o conhecimento dos nomes mais significativos nas letras nacionais, acaba de sair o volume referente a Paulo Setubal, elaborado por Júlio Oliveira Rosa. Em pouco mais de 50 páginas o autor narra a juventude atribulada do futuro escritor e poeta. Setubal teve que lutar muito para alcançar a glória. Estudou Direito e fêz excelente carreira como advogado. Na literatura nacional, ocupa lugar de destaque graças aos seus numerosos romances históricos, alguns dos quais foram traduzidos em várias línguas. Ao todo, suas obras alcançaram até hoje a tiragem total de 418 mil exemplares. Paulo Setubal nasceu em Tatuí no ano de 1893, e faleceu em São Paulo, no dia 4 de maio de 1937.

HISTÓRIA DAS LITERATURAS



Em dois bem apresentados volumes, com um total de 632 páginas, saiu em nova edição «Noções de História das Literaturas», por Manuel Bandeira (Editôra Nacional). O objetivo da obra é atender ao programa de Literatura do Colégio Pedro II, e colocar ao alcance da inteligência e da bôlsa dos estudantes um conjunto de noções que só esparsas se encontram em numerosos livros grossos e caros de outras línguas. Manuel Bandeira tratou com particular carinho e minúcia as literaturas latino-americanas, dedicando à literatura hispano-americana 132 págs. e à brasileira 90 págs.



PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG

[illegible] Antônio Vieira de Melo é uma espécie de "cock-tail": jornalista, escritor, advogado, político. Mas é sôbretudo intelectual. [illegible] contam que abandona o melhor vatapá por um livro de Shakespeare. Veio da Bahia já com a fama da província, pois na Faculdade êle e Antônio Balbino foram sempre os primeiros. Foi secretário e oficial de gabinete de meia dúzia de ministros e é um dos amigos prediletos do general Góis Monteiro a quem também secretariou; foi diretor-geral da Agência Nacional no govêrno Dutra e superintendente das Emprêsas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. É amigo de Dutra, Canrobert e Pereira Lira, formando, portanto, no bloco antigetulista. Vieira de Melo vem de passar cêrca de 8 meses na Europa, aonde foi por ter vencido um concurso e merecido uma bôlsa de estudos. Estêve na Inglaterra, França, Grécia, Áustria, Alemanha, Espanha, Portugal e Itália, sendo que neste último permaneceu por mais tempo.

UM BAIANO EM BOTAS DE SETE LÉGUAS

VIEIRA DE MELO VIRA A EUROPA PELO AVÊSSO

Entrevista de **HÉLIO ABREU** — Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

Ping — Na Itália, quem não canta, encanta?

Pong — Na Itália, quem canta, encanta. E quem não canta (poucos, na verdade!) encanta também. A península clássica não é sòmente a pátria das melhores vozes, onde o clima parece criar condições especiais de garganta, de que saem as estrêlas do bel-canto. Ali o modo de falar já é quase canto, o do mais belo timbre. Entre os fenômenos do após-guerra, é preciso incluir uma revelação nova de estranho fascínio: a «ragazza» italiana que, escapando um pouco mais à ditadura da «mamma» e ao mêdo da censura papal, constitui um assombro de energia, de vitalidade e de beleza.

Ping. — Se tivesse que escalar o Everest, a quem escolheria como companheiro de jornada?

Pong — Getúlio Vargas, porque sabe como ninguém trepar nos ombros dos que se sacrificam para chegar aos pontos mais altos.

Ping — Dante supera Camões?

Pong — Claro. Camões navegou apenas na face da terra. Dante é guia para os abismos do inferno e os páramos do paraíso.

Ping — E Drumond de Andrade, perde para A. Frederico Schmidt?

Pong — São quantidades heterogêneas, difíceis de comparar; direi só que Drumond é mais profundo, Schmidt mais amplo.

Ping — Ir a Roma e não ver o Papa é perder a viagem?

Pong — Não creia neste provérbio. Debaixo da Roma papal existe uma Roma soberba, capaz de encher mesmo uma visão como a de Goethe, a Roma dos Deuses, a Roma de Rómulo! E por cima da Roma dos papas, a Roma menos bela, a Roma garibaldina e fascista, com o seu neo-clássico pomposo. Não há dúvida, porém, em face de tudo o que a formidável ação do velho palácio de Latrão e do Vaticano desenvolvem na capital do catolicismo, o Papa é ali uma presença quase obsessiva. Não precisa ir vê-lo. Êle entra pelos olhos em tudo: basílicas, cúpulas, obeliscos, colunas, inscrições, e um exército internacional de padres, freiras, sacristães e seminaristas de tôdas as raças e procedências.

Ping — Viu, também, De Gasperi e Palmiro Togliatti?

Pong — Vi De Gasperi: — E' um homem de Trento. Até 1918 era austríaco, era mesmo deputado austríaco. Não tem a exuberância do caráter italiano que, para mim, é uma maravilha. E' frio e calculado. E cheira a incenso. Um padre em paletó-saco. Vale o que vale a igreja, seu sustentáculo, sua patroa. Togliatti é um piemontês , com as dissimulações e a obstinação de sua raça: calmo, insensível a qualquer contradição política e filosófica, desde que traga o «placet» de Moscou, mas com certos traços de italianidade capazes de dar a impressão falaz e perigosa de um Pepone, à moda de Guareschi. Basta ver sua última insistência: unir a igreja e o comunismo contra a guerra...

Ping — Sob o aspecto artístico (é lógico) o «que» da baiana leva desvantagem na Europa?

Pong — Aquilo que a arte leva em vantagem sôbre a natureza...

Ping — Sem vatapá, como se arranjou na Europa?

Pong — Ruminando, tendo saudades, pensando na volta, falando com a musa loura no jardim da Via Nomentana sôbre as coisas da Bahia e ouvindo a frase: «Me respeita, seu baiano!»

Ping — Das muitas coisas que viu (e sentiu) qual a que mais o impressionou?

Pong — A recuperação alemã.

Ping — O Velho Mundo está ficando mais velho (mesmo) ou descobriu o segrêdo de Voronoff?

Pong — A Europa continua a ser uma forja ardente de idéias, de soluções, de fórmulas novas, mais viva e moça que nunca.

Ping — Vinho, canelloni, música, canções de Nápoles e céus de Capri em companhia das belas «ragazzas» podem levar um intelectual ao suicídio?

Pong — Ao contrário, o que pode levá-lo ao suicídio é a perda irreparável dessas dádivas saborosas da vida...

Ping — «Dêsses» Vieira de Melo, qual o da sua predileção: o advogado, o escritor, o jornalista, o político e administrador ou simplesmente o filho de D. Quininha?

Pong — O filho de D. Quininha, isto é, o ser imperfeito que se esforça para ser sempre melhor ou distar cada vez menos do que sempre ela desejou que êle fôsse.

Ping — O Brasil visto de longe é melhor ou pior?

Pong — Melhor, muito melhor. A distância esbate e colore de róseo até o tráfego das sete da noite, até os discursos do Gegê.

Ping — Se dispusesse de um microfone ligado a todos os rádios do país, que diria, em primeira mão, aos brasileiros?

Pong — Eu perguntaria: — quando vamos deixar de ser burros e com as grandes companhias especializadas valorisar o nosso petróleo, ao invés, onerar as despesas de combustível com mais uma máquina de fazer extranumerários, políticos e Marias-candelárias, que se chama Petrobrás?

Ping — Qual o escritor italiano (vivo) mais interessante?

Pong — Dos velhos, Papini (ver o seu último livro admirável sôbre «O Diabo»). Dos novos Moravia, pelo senso psicológico, pelo estilo terso, enxuto. Aliás, um e outro escapam ao maior perigo da prosa italiana: o período longo, fraldoso, o falar «ore rotundo», da boa tradição ciceroneana, mas que nosso gôsto moderno repele, depois que mestre Stendhal torceu o pescoço à retórica.

Ping — Qual o mais importante museu que visitou?

Pong — Em escultura, o Museu Nacional de Nápoles. Em pintura, como seleção, o Museu do Prado, em Madrid. Há outros admiráveis. O Louvre pela riqueza e variedades. A Pinacoteca de Munich é uma delícia. A National Gallery, de Londres, outra maravilha. Para mosaicos há que ir a Ravena. O Museu de Belas Artes de Viena também é soberbo, é preciso não esquecer que os Habsburgs, durante séculos, foram a família mais potente da Europa, e tinham gôsto. Viena deve-lhes na mesma proporção que Florença deve aos Medicis, família de banqueiros artistas, ou de artistas banqueiros. Andar na rua em Florença é um curso. E' pilhéria você encontrar num raio de meio quilômetro Santa Maria del Fiore, a Piazza della Signoria com o David de Miguel Ângelo e o Perseu de Cellini, a coleção da Galleria Degli Uffici, o Palácio Pitti, o jardim de Bóbolo, e uma centena de palácios que são obras de arte desde o «bugnato» das fachadas! E pensar que por ali perto nasceram Dante, Miguel Ângelo, Bocaccio, Aretino, Giotto, Bramante, Cimabuce, Machivelli, Vespucci, Toscanelli, Papini, Malaparte e tantos outros espíritos de eleição. Não é sem razão que Manzoni, depois de escrever seu «Promessi Sposi», obra clássica da prosa italiana, foi viver alguns anos em Florença para polir seu livro.



O ex-diretor de «Vamos Ler!» (que acabou) lê diante do próprio busto. Seu apartamento, amplo e confortável, é um primor de bom gôsto.



O presidente interino, dr. Veiga Faria, lendo o discurso com o qual empossou o dr. Batista Luzardo na Presidência da Caixa Econômica.

A CAIXA ECONÔMICA TEM NOVO PRESIDENTE

NO salão da Biblioteca da atual sede da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, empossou-se recentemente o embaixador Batista Luzardo no cargo de presidente do Conselho Administrativo dêsse estabelecimento de crédito e economia popular, para o qual fôra nomeado pelo sr. presidente da República. Com numerosa assistência de funcionários da Caixa, amigos e admiradores, e ladeado pelo vice-presidente do Conselho, dr. Veiga Faria, e dos

A POSSE DO SR. BATISTA LUZARDO ★ PLANOS E DIRETRIZES ★ CONSTRUÇÃO DA NOVA SEDE ★ AUTORIDADES PRESENTES AO ATO.

diretores Jerônimo Castilho, Gilberto Marinho e Salviano Leite, teve lugar a cerimônia da transmissão do cargo, que vinha sendo ocupado interinamente pelo dr. Veiga Faria, que em sua oração fêz referências especiais aos serviços já prestados à Nação no âmbito político, na diplomacia e nas esferas administrativas do país pelo dr. Batista Luzardo. Formulando votos no sentido de uma feliz e fecunda administração do novo presidente, o dr. Veiga Faria passou a palavra ao embaixador Luzardo, assegurando-lhe, por fim, a colaboração de todos os diretores da grande instituição.

FALA O NOVO PRESIDENTE

Tomado há dois anos de uma impertinente afonia, mesmo assim o dr. Batista Luzardo pronunciou um belo discurso, por todos ouvido com atenção e por vêzes também interrompido por intensos aplausos. Disse de início que deplorava não estar no gôzo de sua voz como de outras vêzes quando tivera de dirigir-se ao povo em praça pública.

Dirigia, assim, suas palavras à grande grande família da Caixa Econômica, mas sabia existir fatôres de alta envergadura no desempenho de suas funções.

Deteve-se o presidente Batista Luzardo no exame do que representa a economia popular, mostrando os seus benefícios na vida do cidadão e particularizando o conceito da confiança sem limites que o povo deposita na Caixa Econômica. A seguir lembra o sr. Luzardo a importância de estabelecimentos como a Caixa Econômica e o que êles representam na vida dos povos. Para bem ilustrar o seu pensamento mostrou o que representava a Caixa Nacional de Ayuda, existente na República Argentina, afirmando ser o aparelho no gênero mais bem organizado do mundo.

A NOVA SEDE — Um ponto em que a oração mais se destacou foi aquêle em que o dr. Luzardo fêz a afirmação de que a nova sede da Caixa Econômica há de ser uma realidade, e que havia de tornar-se, pois, uma das suas maiores preocupações.

Referiu-se também à obra realizada pelo seu antecessor, dr. Ariosto Pinto, para quem usou expressões delicadas e cordiais.

A REFORMA INTERNA — Iniciará em breve, disse, uma completa reforma nos serviços internos da Caixa de maneira a que possa o estabelecimento de modo mais amplo cumprir os seus destinos, como também mostrar a necessidade de uma intensa propaganda junto às classes laboriosas no sentido de despertar nelas a compreensão de levar a sua poupança à Caixa Econômica, bem assim estender a rêde de agências já existentes a todos os recantos do Distrito Federal.



O embaixador Batista Luzardo assinando o têrmo de posse.

Referiu-se à hora difícil que atravessamos, acentuando, entretanto, que as dificuldades presentes não são privilégio do Brasil uma vez que todos os países da Europa experimentavam a sua hora amarga, com a circunstância de que entre nós a agravação da vida é ainda menos sensível que em qualquer outra parte do mundo.

Reportando-se aos valores monetários assinalou que outros países experimentavam os efeitos de igual fenômeno.

Muitas outras considerações de ordem econômica e financeira fêz o dr. Batista Luzardo. E, ao terminar, dirigindo-se ao dr. Veiga Faria, manifestou o seu entusiasmo e sentia que há quase cem anos a Caixa cultiva o mesmo ideal humanitário.

Cultiva com a colaboração de todos e frisou que ali estava para trabalhar e no propósito de não poupar sacrifícios; e, que em se sentando pela manhã em sua mesa de trabalho, não sabia quando daria por findo seu labor em cada dia.

Todos aplaudiram com fervor as últimas palavras do novo presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica.

O GABINETE — O chefe do gabinete do dr. Batista Luzardo será o dr. Isahilde Hildebrando, chefe do Serviço Jurídico, completando o seu gabinete os srs. Antônio Nunes de Aguiar Filho, Luís de Carvalho Filho e senhoras Moema Simões Lopes e Estela Biocchini.



Ao lado do sr. Jerônimo Castilho, vê-se o novo presidente discursando depois de empossado.

Em São Paulo, no Rio, em Minas, em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul ou em qualquer outro ponto do Brasil, a qualquer hora, ouvindo rádio, ouça sempre os melhores programas com os grandes cartazes da

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

•

ONDAS MÉDIAS

1.000 kcs. 300 mts.

•

ONDAS CURTAS

19 - 25 - 31 e 49 mts.

Uma das EMISSORAS UNIDAS

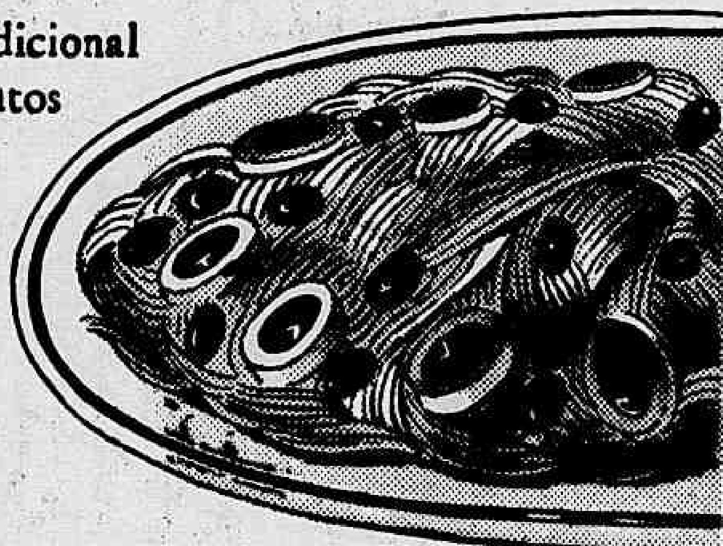
— Macarrão qualquer um faz...

...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.



Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BEL-HORMON" Nº. ......

NOME: ....

RUA .... Nº. .....

CIDADE ....

ESTADO: ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A CENA MUDA

UMA ÓTIMA REVISTA PARA OS FÃS DE CINEMA

PREÇO: Cr$ 4,00

(Em todo Brasil)

Flash Carioca

PAULO ANDRADE LIMA



Canrobert



Nereu Ramos



Medeiros Lima

● COFAP — Os caminhões da Cofap estão imprestáveis, precisam de reformas urgentes. Apenas não poderão ser reparados porque as suas oficinas estão superlotadas com automóveis particulares.

● O INCRÍVEL ACONTECE — O candidato do P.T.B. paraibano ao Senado, é o sr. João Arruda, industrial em S. Paulo e um dos maiores adversários do Presidente Vargas.

● DISCURSO — Deu o que fazer ao sr. Nereu Ramos para convencer ao deputado Lima Figueredo da desnecessidade de saudar em japonês os representantes do Sol Nascente, que visitaram a Câmara na semana que findou.

● HOMENAGEM — Recebeu uma grande homenagem de caráter político trabalhista o general Canrobert Pereira da Costa.

● SEGREDOS — O segrêdo máximo da Cexim era o caminho para obter as licenças de importação. Agora o segrêdo é outro, não menos rendoso e chamado «portaria 70», através da qual só pode classificar em 3ª, 4ª ou 5ª categoria aquilo que mais convém aos «altos interêsses da nação».

● SEGURO AGRÍCOLA — Apesar de tècnicamente se achar em pleno funcionamento, a Campanha Nacional de Seguro Agrícola ainda não chegou a revelar a sua existência.

● AUTOMÓVEIS — A mesa da Câmara obteve cobertura cambial para aquisição de dez automóveis Mercury e um Cadillac, todos destinados à Presidência da Casa.

● LA ROCQUE — Constituiu um grande acontecimento a homenagem prestada por um numeroso grupo de amigos a Henrique La Rocque. Para êsses admiradores parece que não foram esquecidos os serviços prestados à família comerciária pelo ex-presidente do I.A.P.C.

● DESASTRE — O jornalista Medeiros Lima, em companhia de mais trinta passageiros, escapou de morrer num desastre de avião da linha Rio-São Paulo.

● CARTA — O deputado Fernando Nóbrega dirigiu uma carta ao Presidente da República pedindo para tornar sem efeito a nomeação do delegado do I.A.P.C. na Paraíba. Não foi atendido.

● CAIXA ECONÔMICA — Definitivamente assentada a nomeação do deputado Olinto da Fonseca para a Carteira de Consignações da Caixa Econômica. O pedido do sr. Assis Chateaubriand ao Presidente Vargas, para que o sr. Salviano Leite fôsse mantido, não pôde ser satisfeito.

O casal Carlos Eduardo de Souza Campos "miou". O sr. Walter (Sombra) Quadros comemorou

PETER



Ao microfone, saiu-se bem.

● **Quem ligou o rádio, no domingo da semana passada, para o programa «Nós, os gatos», da Rádio Mayrink Veiga, ficou certamente muito bem impressionado com o desempenho simpático e espirituoso do sr. e sra. Carlos Eduardo de Sousa Campos. Êles falaram da recente excursão à Europa, de festas, de elegância, e se saíram muito bem. E, o que é mais importante: responderam de improviso a tôdas as perguntas que lhes foram feitas.**

● **LURÇAT**

Têm feito um sucesso extraordinário, com muita gente sentada e outro tanto de pé, as conferências de J. Luçat. «Tapeçaria e a Arte Mural» e «A pintura, a época e a arquitetura», foram os temas de duas das suas mais concorridas palestras. (Foto de Orlando Alli).

● **VALTER QUADROS ANIVERSARIA**

Infelizmente, eu não me encontrava no Rio, no dia do aniversário do meu bom amigo, sr. Válter Quadros, diretor da revista social «Sombra». Mas, muitos outros amigos foram à casa do simpático aniversariante beber com êle uma boa champanhota. Comparecem o sr. e sra. Herculano Tomaz Lopes, sr. e sra. Oscar Campos Viana, Baronesa de Wrede, Marquesa de Valparaíso, sra. Yvone Monteiro, srta. Marilu Montenegro, sr. embaixador Válter Moreira Sales, Herbert Quadros e Murilo Moreira. Embora atrasados, aí vão meus votos de felicidades.

● **EFICIENTE ANFITRIA**

O sr. e sra. embaixador Valder Sarmanho têm recebido constantemente êste mês. Temos registrado quase um jantar por semana. Um recorde que se faz, com grande eficiência e muito bom gôsto.

● **ANIVERSARIOU**

A srta. Norah Levy comemorou mais uma passagem das primaveras, oferecendo um «souper» a diversos amigos seus. O simpático e acolhedor apartamento ficou completamente lotado. Bateu-se papo até o leiteiro avisar que era de manhã.

● **ROMA & RIO**

A convite do prefeito Dulcídio Cardoso, visita esta capital, tendo chegado no «Augusto» e, estando hospedado no anexo do Copacabana Palace, o prefeito de Roma. Depois de receber diversas homenagens em nosso país, o governador de Roma deverá visitar Buenos Aires e Montevidéu.

● **ELOISA EM PARIS**

A srta. Marina Melo Franco Mesquita (uma simpatia, por sinal) e êste cronista deram, outra noite, boas risadas ouvindo a srta. Eloísa Dolabela fazer «blague» com a sua já famosa distração. E parece que a distração da senhorita em questão aumentou em Paris, provocando algum embaraço.

● **GLÓRIA NADER ANIVERSARIA**

A srta. Glória Nader foi vista em companhia de seu noivo, sr. Valdemar Schiller e alguns convidados-amigos, passando a data de seu aniversário, no Clube 36. A simpática aniversariante reuniu, naquela noite, para um papo e um «drink», os casais Sílvio Schiller e Gastão Veiga Filho. Foi muito agradável a reunião, com fundo musical de Verônica Becker.

● **PLINIO BISNETO**

Será batizado, no dia 10 de setembro, o filho do casal Plínio Uchoa Neto, que terá por madrinha a sra. Ivone Monteiro, recém-chegada da sua excursão pela Europa. Antes de embarcar, a senhora em questão já havia sido convidada. Deverá oficiar a cerimônia religiosa Monsenhor Nabuco.

● **INTERROMPE A LUA-DE-MEL**

Quando esta revista estiver nas bancas, já deverá ter chegado ao Rio (era esperado para o dia 19), procedente de Paris, o sr. Maneco Vargas, filho do sr. presidente da República, e que recentemente casou-se com a srta. Vera Tavares. O sr. Maneco Vargas esperava demorar-se perto de três meses na Europa, mas, deve ter interrompido sua «lua-de-mel», em face da gravidade da situação política.

● **RITA HAYWORTH**

Num dos últimos números de «O Cruzeiro» saiu publicado, em página inteira, o retrato de uma bonita e elegante moça. O repórter salientou a parecença desta com a atriz Rita Hayworth, omitindo o nome da fotografada. Dêste momento em diante, o telefone da srta. Ilde Garavaglia não parou mais de tocar. Seus amigos perguntavam: «É a Rita?»

● **«ACT OF LOVE»**

Deverá ter sido projetado hoje, no Teatro da Embaixada dos Estados Unidos da América, por gentileza do sr. Harry Stone, representante da «Motion Picture Association of America», o filme de Kirk Douglas, «Act of Love». O fato deve ter constituído mais um acontecimento social e artístico, como o foram tôdas as apresentações anteriores programadas por êste «gentleman» que é o sr. Stone. Na coluna da próxima semana, contarei com detalhes.

O «SPORT» DE CADA UM

● **Certo cronista carioca, querendo fazer ironia com o sr. Miguel Faria, de quem é amigo, escreveu que êste é: «Campeão de polo, golfe, tênis . . . e futebol de botão». Na verdade, a piada foi boa e o cronista não ficou muito longe da verdade. Miguel só não é campeão de futebol de mesa porque ainda não se meteu nisto.**

O sr. Miguel Faria é o mais completo desportista do nosso «Café Society». Começou fazendo tênis no Country e levantou o campeonato infanto-juvenil do clube de Ipanema. Mais tarde, ainda muito jovem (no tempo que a hípica funcionava na Praia Vermelha), ganhou o 1º concurso hípico em que tomou parte. (A respeito dêste concurso, a revista «Rio-Magazine» publicou reportagem completa). Cansado do hipismo, passou-se para o polo, integrando a equipe do Rio de Janeiro. É detentor do segundo «handcap» (5), pois o primeiro pertencia ao desportista Henrique de Carvalho, hoje falecido.

O segrêdo de Miguel reside no fato de que êle se dedica sèriamente. Os esportes lhe têm dado muitas taças, muitas medalhas e algumas fraturas: perna, no futebol; cara, no polo; dentes, clavícula e etc.

Há um ano que Miguel dedica-se ao Golfe. E já ganhou uma taça em Petrópolis e duas no Itanhangá (onde é diretor) em torneios internos. É novo no esporte, tem jeito, mas ainda está na fase da promessa . . .

É casado com a sra. Gisah Faria, uma das mais elegantes senhoras da sociedade carioca. Tem dois filhos: Miguelzinho (assíduo freqüentador do Country) e Maria Isabel. Miguel tem quatro irmãos, todos campeões. Nas horas vagas, joga «bridge» e já «papou» duas taças, nos torneios realizados na casa de Petrópolis do sr. Aloísio de Sales.



Tênis, hipismo, polo e golfe.

O que é e o que vai fazer o

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA DE SÃO PAULO

DE SÓCRATES A ROUSSIN, COM INCURSÕES PELO TERRITÓRIO NACIONAL ★ 61 PEÇAS, EM 6 ANOS

Reportagem de BRUTUS PEDREIRA

TINHA 24 anos, quando chegou ao Brasil. Veio da Itália. Engenheiro recém formado. Faz, disso, 30 anos. Ficou em São Paulo. Colocou-se na indústria, onde sua capacidade de trabalho e iniciativa fizeram da Metalúrgica Matarazzo uma das potências industriais do país. Casou com brasileira. Seu prestígio profissional e social crescia dia a dia e, com êle, o amor à sua segunda pátria. Enriqueceu. Veio a segunda guerra mundial. No Automóvel Clube e nos grandes centros sociais de São Paulo, quando êle chegava, as conversas mudavam de rumo. Ninguém falava em guerra, para não constrangê-lo, em sua delicada situação de súdito de país inimigo. Êle percebia. E começou a sentir-se portador duma dívida de gratidão, para com a terra que o acolhera e a gente que o cercava de carinho. Que poderia fazer, por São Paulo? Quase tudo o que um grande Estado e uma grande cidade devem ter, São Paulo tinha. Achou. Faltavam, ainda, um teatro de qualidade e a produção cinematográfica em bases industriais. Numa rua de bairro do velho São Paulo, havia um casarão. Transformou-o num dos mais modernos teatros do Brasil. O cinema viria depois, com a Vera Cruz. E foi assim que Franco Zampari, industrial, fundou o Teatro Brasileiro de Comédia.

PRIMEIROS PASSOS E FORMAÇÃO DE ELENCO

Em 11 de outubro de 1948, com um programa de que constavam «La Voix Humaine», de Cocteau, representada em francês por Mme. Morineau, e a peça de Abílio Pereira de Almeida «A Mulher do Próximo», encenada pelo Grupo de Teatro Experimental, inaugurou-se o T.B.C. Seguiram-se peças de Anouilh, Tennessee Williams, Priestley, van Druten, Ayn Rand, O'Neill, Coward e J.J. Jaccobs, representadas por grupos de amadores, até que, em 8 de junho de 1949, o T.B.C. iniciou sua fase definitiva, com o Grupo de Arte Dramática do Teatro Brasileiro de Comédia, constituído por Cacilda Becker, Madalena Nicol e Maurício Barroso, profissionalizados, e mais 25 amadores, 15 dos quais, estreantes. A peça foi «Nick Bar» (The Time of your Life), de Sarayan, e o espetáculo serviu, também, de apresentação do diretor Adolfo Celi. Daí por diante, o T.B.C. começou a vida normal das companhias em formação. Alguns atores desistiram; outros, firmando-se, entraram para o profissionalismo. Pouco a pouco, o elenco aumentou e consolidou-se, até poder arcar com a responsabilidade de peças como «O Anjo de Pedra», de Tennessee Williams, «O Mentiroso», de Goldoni, «Do Mundo Nada se Leva», de Moss e Hart, «Seis Personagens em Busca de Autor», Pirandello, «Convite ao Baile», de Anouilh e outras, no período que terminou em fins de 1951.

A ESTRÊLA

Naquele vai e vem de atores que entravam e outras que saíam, fato normal nos elencos numerosos, entre os que permaneciam, sem intenções de mudar de pouso, destacava-se Cacilda Becker. Adolescente, estudara dança; depois, entrou para companhia de comédias de Roulien, passou pelo Teatro do Estudante, então dirigido por Maria Jacinta, e assinou contrato com «Os Comediantes», em 1946. Na excursão dêste grupo a São Paulo, no ano seguinte, Cacilda Becker, em Santos, substituiu Olga Navarro em «Desejo», de O'Neill, e desempenhou o segundo papel feminino de «Vestido de Noiva», de Nelson Rodrigues, com Maria Della Costa, na protagonista. De volta ao Rio, começou a despertar a atenção da crítica e do público, por seu trabalho no remonte de «Vestido de Noiva», em «Terras do Sem Fim», de Jorge Amado - Graça Melo, e em «Não sou eu»





[illegible] DE PIRANDELLO», «ANTÍGONA» ([illegible] ANOUILH), «INIMIGOS INTIMOS» (DE BARILLET) E «O BANQUETE» (DE LUCIA

TRÊS POSES DE CACILDA BECKER RESPECTIVAMENTE EM «INIMIGOS ÍNTIMOS», «PEGA FOGO» E «ANTIGONA» DE ANOUILH

de Edgard da Rocha Miranda, na qual Cacilda teve o primeiro papel feminino e Maria Della Costa incumbiu-se do segundo. Desde aquêle tempo, observando e convivendo diàriamente com Cacilda, mais e mais se acentuavam, a meu ver, guardadas as devidas proporções, os traços que a faziam parecer-se a Sarah Bernhardt, pelo que sei da grande Sarah, através de biografias, memórias dos que com ela privaram e fotografias: o tipo físico, a ambição consciente e dirigida, o gênio temperamental, certo egoísmo profissional, muito próprio de ambas. Percebia, em Cacilda, as condições pessoais e a energia que deveriam fazer dela uma das maiores, senão a maior atriz. E não me enganei. Seu desenvolvimento rápido, pelo trabalho continuado, sob a direção de Ziembinski, Celi, Salce e Jaccobi, conquistou-lhe o primeiro lugar, à frente do elenco, e já pode contar com um dos primeiros, na história do teatro nacional. Raro é o grande êxito do T.B.C. que não tenha Cacilda Becker, em papel de proa. Na temporada que o T.B.C. iniciará, no Rio, no próximo 1º de setembro, vê-la-emos em algumas de suas criações mais celebradas: «Pega-Fogo», de Jules Renard, «Antígona», de Anouilh, «Paiol Velho», de Abílio P. de Almeida, «Entre quatro paredes», de Sartre, «Inimigos Íntimos», de Barillet e Grédy, e «Seis Personagens em Busca de Autor», de Pirandello.

FUTURO

O T.B.C. conta, hoje, com Adolfo Celi, Ziembinski e Luciano Salce, como diretores de cena. O repertório montado até a presente data registra 61 peças, de autores nacionais e estrangeiras, de Sócrates a Roussin. Ambos foram grandes êxitos do T.B.C., tanto de crítica quanto de bilheteria, o que mostra a versatilidade do elenco e, também, do público. O T.B.C. anda, há muito tempo, de namôro com Shakespeare. Conhece bem as inúmeras dificuldades que se apresentam, ao abordar o grande Will, e tenciona fazê-lo tão logo se julgue em condições de vencê-las. Além de Shakespeare, cogita em montar peças de Shaw, Ibsen, Claudel e o «Cirano de Bergerac», de Rostand. Projeto mais imediato: a formação dum elenco que ficará no Rio, em caráter permanente, quando terminar a estada no Ginástico.

BENEDETTI. SÃO ALGUMAS DAS PEÇAS QUE O TBC VAI APRESENTAR NOS TEATROS DE TODO O BRASIL

Faulkner olhando São Paulo: "Como Chicago está diferente!"

MAIS FESTA QUE LITERATURA NO CONGRESSO DE ESCRITORES

Entre uma tese e outra, dez «aperitivos», quatro jantares e cinco recepções. ★ O Prêmio Nobel de Literatura de 53 foi visto por várias vêzes entregue às baratas, mas assim mesmo a REVISTA DA SEMANA conseguiu arrancar dêle uma entrevista séria. ★ Os portuguêses Miguel Torga e Adolfo Casais Monteiro, os mais simpáticos. ★ E houve anedotas, copiosas, à razão de vinte por bar.

Reportagem de LÚCIO CARDOSO — **Fotos de JACK PIRES**

SÃO Paulo sofre no momento de uma epidemia de Congressos: há Congressos de tudo, de Filosofia, de Folclore e naturalmente, por que não, de Escritores Internacionais também. Os escritores internacionais que compareceram foram poucos, mas em compensação sobrou a prata da casa, principalmente a prata miúda e tão fixa a quaisquer espécies de Congressos quanto certas comadres em vizinhanças de entêrro.

É verdade que havia por exemplo um Faulkner, prêmio Nobel 1953, atualmente o mais importante dos romancistas norte-americanos vivos e já traduzido para tôdas as línguas, inclusive a nossa. Mas é o caso de se perguntar se Faulkner estêve realmente presente ao Congresso. A êste respeito conta-se uma anedota, que pode ser anedota, mas que de certo modo reflete com sabor a ausência do autor de «Luz de Agôsto». Foi precisamente na manhã em que os jornais noticiaram com certo estardalhaço que «Faulkner se achava impressionado com a grandeza de São Paulo», que «Faulkner já se dizia paulista». O nosso romancista, no saguão do Esplanada que tantas vêzes foi palco de suas temporárias alucinações, emergindo de um dos seus fundos mergulhos etílicos, abriu os braços, foi até à janela e segredou para um dos intérpretes que o acompanhavam: «Como Chicago está diferente!»

DEZ ANEDOTAS EM CADA SESSÃO

Do mesmo Faulkner, que sem pisar na sala onde se realizavam as sessões do Congresso, ainda assim foi a figura exponencial do mesmo, contam-se vários episódios, quase todos interessantes. Por exemplo, das duas camareiras que saindo de um quarto, deram com êle cambaleante no corredor. Disse uma delas:

— Chi! O velhinho está ruim outra vez...

Ou desta outra, acontecida após a festa em casa do sr. José Geraldo Vieira, e da qual saiu êle carregado nos braços do adido americano e do sr. Saldanha Coelho. Ao chegar embaixo, confuso em ver o estado do seu patrocinado, exclamou o adido:

— Mr. Faulkner, quando saí dos Estados Unidos, ainda era costume despedir-se dos donos da casa. Será que ainda acontece o mesmo?

Faulkner, que é dócil e obediente, refletiu um minuto e não hesitou — retornou pela mesma escada, mais ou menos de gatinhas, procurando a sra. Maria de Lourdes Teixeira, de quem em vão, por momentos, tentou encontrar a mão a fim de depositar nela um beijo de agradecimento.

As anedotas em tôrno de Faulkner, durante êsses dias de Congresso, pulularam — mas quase tôdas já foram veiculadas por outros jornais e revistas. Uma, no entanto, gostaríamos de revelar ainda. A da senhora, altamente conceituada nos meios literários que, aproximando-se dêle, estendeu-lhe um livro para um autógrafo. Êle repudiou o volume com gesto enérgico:

— Literatura no.

E ela, bem educada, recolhendo o romance:

— Não, Mr. Faulkner, é sôbre uísque que pretendia conversar.

Dizem que o romancista abriu-se num sorriso.

E outra ainda, para finalizar.

A sra. Lígia Junqueira Smith, escritora também, traduziu o «Santuário» de Faulkner. Aproximando-se dêle, tentou abordá-lo. Nosso autor foi inabalável. Finalmente, desarvorada, a autora nacional sugeriu:



Miguel Torga foi apanhado de surprêsa pelo fotógrafo. O grande escritor português, que tem a senhora ao lado, confessa: «Êsses brasileiros são surpreendentes». E dirige-se ao salão de danças.



Osório Borba, que participou ativamente do Congresso, não desdenha os prazeres da dança. Ei-lo na festa dos Warchavskys, em que foi um dos mais animados, ao lado da sra. Paulo M. de Almeida

— But Mr. Faulkner... your last book...
Êle moveu a cabeça:
— My last book... Não me lembro disto.

O CONGRESSO EM SI

O Congresso em si não me pareceu excessivamente concorrido. Vi em festas, muito maior número de escritores do que no salão da Biblioteca. Deparei, é claro, com o sr. Amando Fontes que não comparecia às festas — mas o sr. Amando Fontes, precisamente, retirava-se do Congresso.
Ouvi um trecho da conferência do sr. Marques Rebelo, que falou naquele jeito seu, de anedotas e acontecimentos pouco relacionados com o conclave reunido pela UNESCO. Ouvi outros discursos, e todos êsses trechos, somados, só me deram uma dolorosa certeza de que literatura nada tem a ver com Congressos. Li depois, escrito pelo sr. Luís Martins, que o Congresso apresentou teses que poderiam figurar em qualquer certame do mundo. Certo, mas não nos esqueçamos que o sr. Luís Martins é um paulista desta era atômica. A impressão geral foi de fracasso — e como não acreditar em fracasso, quando em outros lugares do mundo já se precisou a inutilidade dessas reuniões, e a certeza do que é sério, e permanece, está à margem de qualquer dessas reuniões?
Dizem que o Congresso de Poesia foi melhor orientado. Acreditamos. Pelo menos a tese mais importante que se cita é a de João Cabral de Melo Neto, que tem duas qualidades essenciais para falar num Congresso dêsses: é poeta e é sério.

OUTRAS FIGURAS INTERNACIONAIS

O grupo português, composto por Adolfo Casais Monteiro, Miguel Torga e Rodrigues Lapa foi o que dominou o interêsse logo após a figura de Faulkner. Conversaram, riram e até discursaram. Interessante notar que Adolfo Casais Monteiro e Miguel Torga são inimigos. E Adolfo Casais Monteiro, com uma pontinha de malícia nos olhos:
— Sabe que êle não se chama Miguel? O nome dêle, realmente, é Adolfo Siqueira. Mas mudou de nome porque eu mandei avisar: «Adolfo, em Portugal, só eu, meu caro».
Realmente, são ambos extraordinàriamente simpáticos. Ambos falam, cada um por sua vez, de Fernando Pessoa — e são unânimes em elogios. Mas o tempo é pouco para a literatura, e ambos se dissolvem na maré de festas e de encontros em que se transformou São Paulo nesses dias.
Outra figura de projeção, mas que em São Paulo não deram a devida importância, é o sr. Guido Piovene, romancista moderno já traduzido também para várias línguas. Seus livros fundamentais são — «Diário Negro», «Carta de uma Noviça» e «Piedade contra piedade». Confessa êle com certa admiração:
— Êsses americanos são extraordinários, têm o fígado diferente do nosso. Já participei de um outro congresso com o sr. Faulkner e êle se portou como agora. Sua resistência física me impressiona.
Piovene fala de literatura, e cita Moravia. Indaga pelos brasileiros, e toma notas num caderninho. Depois, ao sair, declara:




FAULKNER NÃO PERDEU UMA DOSE

● Faulkner em três instantes de sua curta estada em São Paulo: acordado, e olhando as coisas com certo espanto; desmaiado, vencido pelo cansaço, e, finalmente, na companhia da sra. Carmen Dolores, quando trocavam um curioso diálogo, ela em português, êle em inglês. Tudo terminou numa garrafa de vinho antigo (180 anos), é claro.



Congresso de escritores



Intelectuais em grande estilo; o argentino Miguel Sojo, com a rutilante Helena Silveira, seguindo-se logo após a sra. Yeda Ramos. Finalmente, a autora de «Floradas na Serra», Dinah Silveira de Queiroz, com uma bata indu tecida de prata.



Os intelectuais se confraternizam através do uísque: aqui está o romancista Ferrer, o poeta e ensaísta Adolfo Casais Monteiro, Emílio Moura, a cronista Cristina Azevedo e o poeta José Escobar. Todos bebem.



O poeta Emílio Moura está em tôdas as rodas. Ei-lo bebericando de novo ao lado do romancista Marques Rebêlo, que não é tão abstêmio quanto se diz, Edgar Cavalheiro, e o sorridente João Condé, que evidentemente se acha muito satisfeito com tudo.

— Quero ir ao Rio, e lá faço questão de ver uma macumba.

OS BRASILEIROS

Os brasileiros, meu Deus, são legião. São Paulo acho que possui neste momento a mais vasta equipe de escritores de que pode se orgulhar um país. Misturavam-se aos mineiros e aos pernambucanos que também compareceram em grande número. Por exemplo, paulista era o sr. Almeida Sales, o sr. Roland Corbusier, o sr. Paulo Emílio, o sr. Paulo Duarte, o sr. Péricles Eugênio, o sr. Reinaldo Bairão, o sr. Domingos Carvalho da Silva, o sr. Antônio d'Elia, a sra. Carmen Dolores, a sra. Lígia Fagundes Teles, o sr. José Geraldo Vieira (honoràriamente) e uma centena mais. E mineiros eram o sr. Otávio Alvarenga, o sr. Fábio Lucas, Alphonsus de Guimaraens, Emílio Moura, etc. Pernambucanos, o sr. Mauritônio Meira, o sr. José Otávio de Freitas Júnior, Edilberto Coutinho, Carlos Pena. A maioria era mais vista em bares do que em outros lugares, com certa exuberância e muita esperança, para o futuro, é certo, nos olhos quase sempre inteligentes. E sempre ambiciosos.

AS FESTAS

Assistimos às festas principais — em casa do sr. Warchawsky e da sra. Carmen Dolores, nome justamente reputado e orientadora de um dos principais salões paulistas de literatura. Na festa do sr. Warchawsky, conduzida a «quentão» e «vodka», com uma bela fogueira no meio do quintal, os elementos se misturavam. Havia a sra. Diná Silveira de Queiroz, por exemplo, com uma bata prateada, e a sra. Dana Mendonça, com argolas de brilhantes nas orelhas. A sra. Helena Silveira ostentava uma capa de purpura, e conversava animadamente sôbre assuntos extraliterários com a sra. Conde Carlos Lovatelli.

As danças congregaram todo mundo — e vimos o sr. Osório Borba, muito animado, sambando com a sra. Paulo Mendes de Almeida. Em certo momento interveio o sr. Adolfo Casais Monteiro — e generalizou-se uma roda que lembrava muito a dos carnavais cariocas. O sr. Emílio Moura, impulsionado pelo «vodka» ensaia passos de dança russa. E o sr. Marques Rebelo, algumas poses mais ou menos complicadas, numa antevisão das que iria usar no decorrer de sua conferência. Também a sra. Diná Silveira de Queiroz dança com certa animação — e a tudo assiste com um sorriso satisfeito, o escritor José Geraldo Vieira.

A outra festa importante foi em casa da sra. Carmen Dolores. Faulkner compareceu, e recusando uísque, a amável anfitriã abriu-lhe uma garrafa de vinho de cento e oitenta anos de idade, que êle ingeriu todo de uma só vez.

DEZ PERGUNTAS SÉRIAS A FAULKNER

Conseguimos em certo momento conversar com Faulkner e encetamos com êle uma entrevista gênero «ping-pong». Aí vai ela:

— Acredita no «sombrio materialismo» a que se referiu numa das suas entrevistas?

— Acredito que a História é como uma roda que gira. Há partes de luz e partes de sombra.

— Seu autor predileto?

— Balzac.

— E fora dêle?

— Flaubert. Não se esqueça de dizer: dêste, o livro mais importante para mim é a «Tentação de Santo Antão».

— O maior, americano?

— Melville.

— Livro?

— «Moby Dick».

— Seu próximo livro?

— «A fable». Nada tem a ver com o resto das minhas histórias.

— Acredita no futuro do romance?

— Acredito no homem.

— Dizem-no pessimista e voltado para os lados escuros da corrupção humana, é verdade?

— Talvez uma visão pessoal, mas não sou pessimista.

— Sua maior influência?

— Balzac povoou tôda a minha mocidade.

— E agora?

— Cervantes.

Estava terminada a entrevista.

CONCLUSÃO

Pelo que se vê, Faulkner é um homem sério. Mais do que isto, é um homem justo. Sua atitude é filosòficamente uma condenação a qualquer espécie de congressos. E tinha razão, pois com honrosas exceções, o que vimos lá foi um triste pulular de vaidades, um festejo sem conseqüências e um desejo mais ou menos recalcado de exibição. Ora, não é com êstes ingredientes que se constrói uma obra como a do autor de «Absalão! Absalão!»

O prefeito de Roma acha o Rio uma lindeza, Silvana Pampanini filmará no Guaporé, diz Borghi que não quer nada com os comunistas e Araci de Almeida está comemorando, entre gorjeios e abraços. os seus 23 anos de Rádio.



CAFÉ FILHO
Vai a Cuba.



PAMPANINI
Vai a Guaporé.



TITO
Vai à Suécia.



IVO D'AQUINO
Com Ademar.



ZENÓBIO
Com a lei.



ARACI
23 anos (de rádio).

- Novamente tensas as relações entre Israel e vizinhos árabes.
- Aranha teria rompido relações com o embaixador Kemper (dos Estados Unidos).
- Café Filho vai a Cuba.
- Novo preço (a vigorar em setembro) para o pão: Cr$ 14,00 o quilo.
- Demorou apenas dois dias a greve em Minas.
- Silvana Pampanini e Peter Lorre vão à Guaporé rodar passagens de um filme.
- «Não me arredarei um centímetro da legalidade», afirma Zenóbio.
- Dutra é mesmo a favor da renúncia de Vargas.
- Gregório teria levantado um milhão de cruzeiros na Agência do Banco do Brasil de Marília.
- Eisenhower declara que a 7ª esquadra americana defenderá Formosa (contra os comunistas) de qualquer maneira.
- Complica-se a situação de Mendès-France.
- Tito visitará os países escandinavos.
- Baixa o preço do café nos Estados Unidos.
- Muita gente, aqui no Brasil, teria ganho um dinheirão com a nova política cafeeira de Aranha.
- Herbert Hoover Jr. é o novo sub-secretário de Estado, em substituição ao general Baddel Smith.
- Atentado (frustrado) contra Elizabeth II, na Irlanda.
- Melhorias de 15 e 25% para os ferroviários.
- O prefeito de Roma está achando o Rio uma lindeza.
- A UDN potiguar está atacando o vice Café Filho.
- Marta Rocha, categórica: «Não quero nada com Hollywood».
- Carmen Miranda excursionará com os seus balangandans pelo Oriente.
- Prejuízo de Jabour aos bancos: 65 milhões.
- Diz Borghi que não está aliado aos comunistas.
- Garcez é contra o Estado de Sítio. Juscelino também.
- Climério estaria tuberculoso. Ou então pneumonia.
- Ester de Abreu já está divorciada. Diz que o casamento (com o prefeito) é para breve.
- Araci de Almeida está comemorando em São Paulo, e em grande estilo, os seus 23 anos de rádio.
- Ivo d'Aquino é o candidato de Ademar ao govêrno de S. Catarina.
- Vai acabar o expediente aos sábados nas repartições públicas.
- Uma granada explodiu e matou 4 meninas, em São Paulo.
- Sêca novamente no Nordeste.
- Enfêrmo o senador Pasqualini.



A QUADRILHA EXPOSTA A VISÃO PÚBLICA

[illegible] Climério Euribes de Almeida, João Alcino do Nas- [illegible] João Valente de Souza, são as quatro figuras prin- [illegible] dos quais giram as peripécias do sensacional atentado [illegible] Será inútil dizer que estamos vivendo horas decisivas [illegible] que já foi visto e pelo muito que se espera, pois realmente [illegible] tido em nossa vida política um escândalo de tais [illegible] o que transforma o Palácio do Catete, mansão principal do [illegible] inviolável do seu Presidente, em valhacouto de Ali-Babá [illegible] por parte de nossas Fôrças Armadas. Climério está falando, e sem dúvida, mais do que essas quatro tétricas figuras fisionômicamente marcadas pelo estigma do crime, o que se ergue por trás dêles é o fantasma de outros implicados, desta vez vitalmente, que bem podem anunciar o fim de um regime e a queda de todo um sistema de governar. Na foto acima, o pistoleiro Climério quando era apresentado aos jornalistas, no Galeão. Em baixo, da direita para a esquerda, flagrantes do «tenente» Gregório, de João Valente, o pistoleiro Alcino e o motorista Raimundo Souza tirados na mesma ocasião. (Fotos «Tribuna da Imprensa»).









Passava o dia inteiro conversando fiado. À noite ia ao bar beber fiado



UM — Que queimaduras são essas?

OUTRO — Mandei passar o terno a ferro e esqueci de sair de dentro.

Durante o dia é uma delícia ter automóvel no Rio de Janeiro, mas depois das cinco o diabo é que temos de levar o nosso automóvel

NÃO COMPREENDO...

... porque as mulheres pequeninas nos dão a impressão de estarmos brincando com bonecas.

CUCO

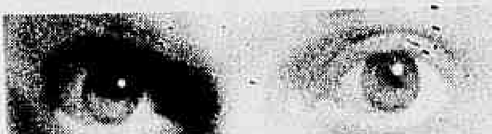
Uma seção meio pancada

Leon Eliachar

Assinatura do autor no tombadilho.

Ilustrado por PIQUI

PONTOS DE VISTA



VELHICE é a infância fechando o seu círculo vicioso.

DELICADEZA são quatro sujeitos cansadíssimos diante de uma cadeira vazia.

MARIPOSA é êsse bichinho cuja vida gira em tôrno de uma lâmpada.

Tic-Tac

(Piadas à minuta)

O gerente do hotel para o hóspede: «Realmente, não temos água, os vidros das janelas estão quebrados, as maçanetas não funcionam, os interruptores estão enguiçados. Mas o sr. pode estar certo que o nosso Departamento de Reclamações é o mais perfeito do mundo».

★

O espião prisioneiro para o inimigo: «Se o senhor quiser posso fazer uma demonstraçãozinha do nosso último modêlo de bomba microscópica».

★

A dactilógrafa para o patrão: «Eu nunca pude supor que o senhor se apaixonasse na primeira carta».

BATE-PAPO

— Como vai você?

— Vou bem, vou bem, vou bem.

— Que tem feito?

— Nada, nada, nada.

— Tem algum programa para hoje?

— Ainda não, ainda, não, ainda não.

— Sua espôsa vai bem?

— Vai indo, vai indo, vai indo.

— Aceita um cigarro?

— Aceito, aceito, aceito.

— Bem, vou andando. Lembranças a todos.

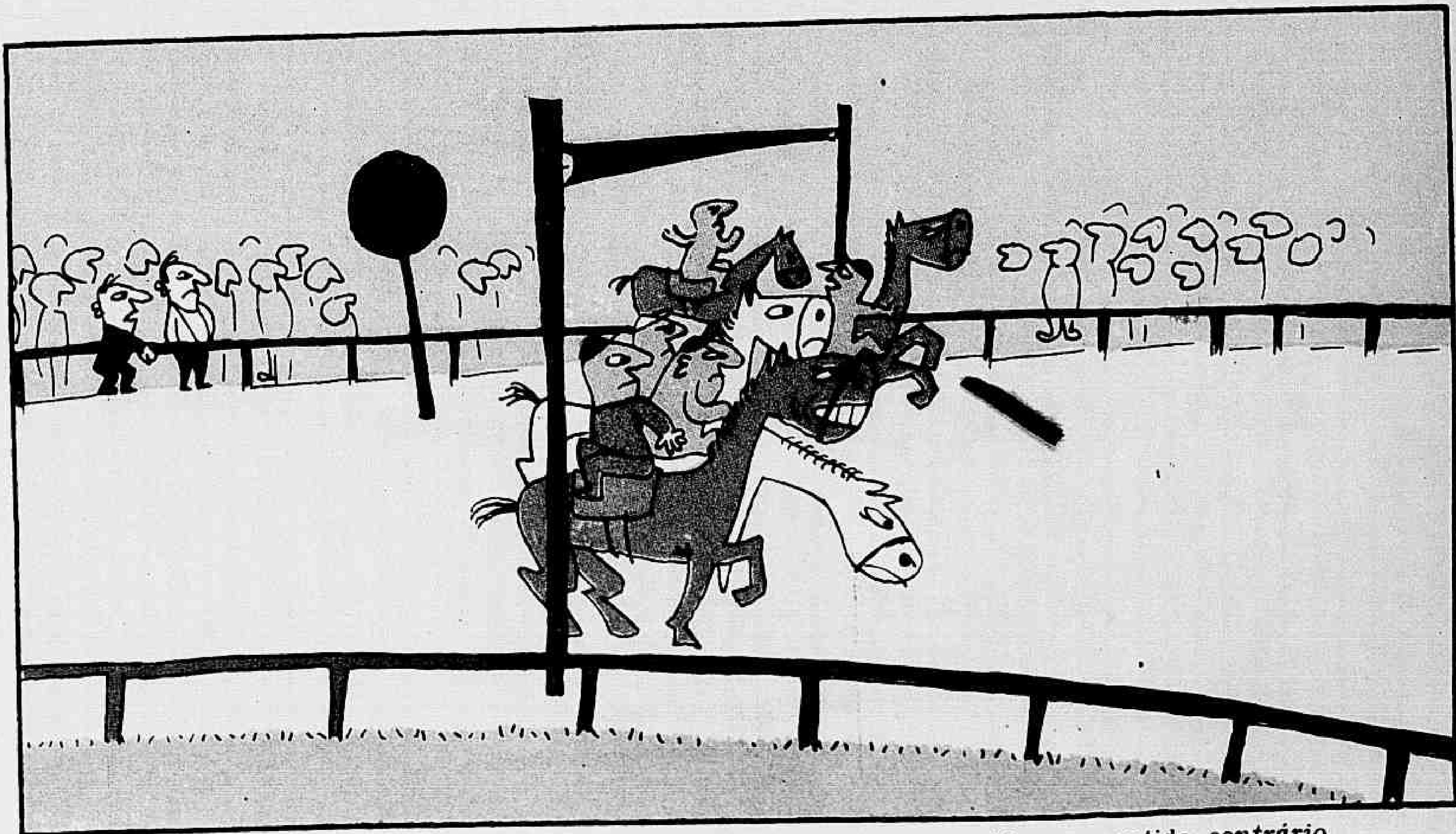
— Obrigado, o b r i g a d o, obrigado.

— Até logo.

— Até logo, até logo, até logo.

E o homem partiu ligeiro, deixando no meio da rua aquêle novo cantor de «jingles».

Era um sujeito tão indiferente que quando sofria de otite não ligava a mínima importância: a dor entrava por um ouvido e saia pelo outro



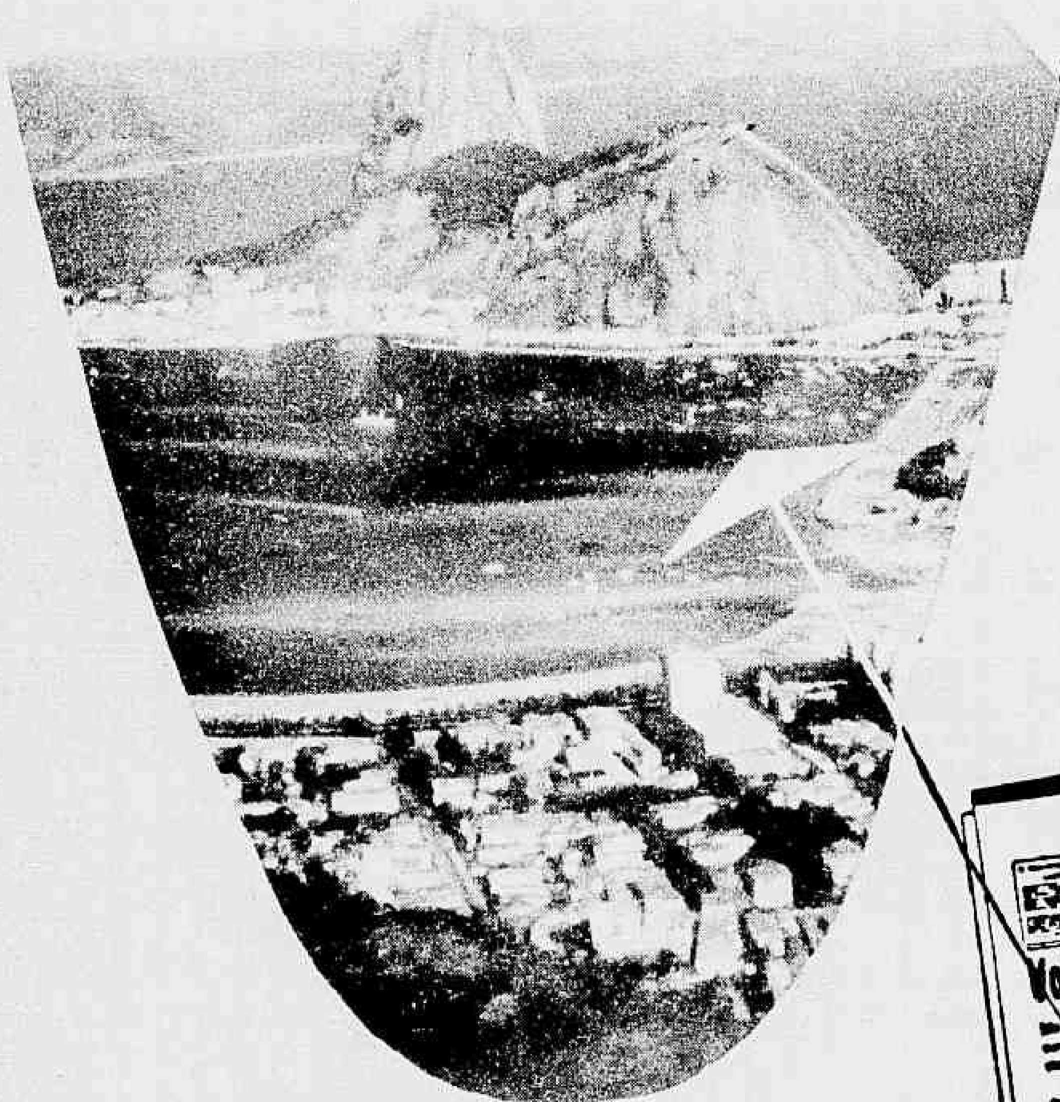
— Estão todos indóceis. Acho melhor darmos a saida em sentido contrário.

PARA VENDER A **A B ou C** NO RIO DE JANEIRO

ANUNCIE NO

Diario de Noticias

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", por sua orientação, aspecto gráfico, material informativo, Seções, etc., possui um poder de penetração que, desde 1939, o colocou na liderança entre os matutinos do Distrito Federal. Circulando em tôdas as classes, a tôdas leva o poder sugestivo de seus anúncios e de sua Publicidade. Para vender no Rio de Janeiro, anuncie no matutino de maior tiragem do Distrito Federal.




Diario de Noticias
Voltaram estimulados da viagem que fizeram à Europa

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 Tel. 42-2910

UM JORNAL DE CLASSE PARA TÔDAS AS CLASSES

Voga Publicidade